

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO**

**Débora Evelyn Trindade Hundertmarck**

**ANÁLISE DO USO DE FONTES JORNALÍSTICAS NA COBERTURA  
DO DIÁRIO DE SANTA MARIA DURANTE O PRÉ-JÚRI DO CASO  
KISS**

Santa Maria, RS  
2023

Débora Evelyn Trindade Hundertmarck

**ANÁLISE DO USO DE FONTES JORNALÍSTICAS NA COBERTURA DO DIÁRIO  
DE SANTA MARIA DURANTE O PRÉ-JÚRI DO CASO KISS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo**.

Orientadora: Prof<sup>fa</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Franz Amaral

Débora Evelyn Trindade Hundertmarck

**ANÁLISE DO USO DE FONTES JORNALÍSTICAS NA COBERTURA DO DIÁRIO  
DE SANTA MARIA DURANTE O PRÉ-JÚRI DO CASO KISS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo**.

Aprovado em 10 de julho de 2023:

---

Márcia Franz Amaral, Dr<sup>a</sup> (UFSM)  
(Presidenta/Orientadora)

---

Juliana Motta de Oliveira, Dr<sup>a</sup> (UFSM)

---

Alice Bianchini Pavanello, Me<sup>a</sup> (UFSM)

Santa Maria, RS  
2023

Dedico ao meu pai Nauri Hundertmarck (*in memoriam*), que o COVID-19 não permitiu se fazer presente tão importante na minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha mãe Márcia Hundertmarck, por todos os esforços e apoio para que eu me dedicasse à educação e pudesse ingressar na graduação.

Ao meu companheiro Andrei Schopf, que sempre me apoiou durante minha formação, e em especial pelo incentivo e ajuda para que eu concluísse esse trabalho.

Aos demais familiares que sempre acreditaram em mim e foram compreensivos quando precisei me dedicar à graduação.

A todos os meus colegas e lideranças de trabalho que contribuíram na minha formação profissional e sempre entenderam os momentos dos quais precisei me ausentar em razão da minha formação.

À minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Amaral que foi minha inspiração na graduação desde a disciplina de Introdução ao Jornalismo e que nunca mediu esforços em me ajudar na construção desse trabalho, mesmo com minha pouca intimidade com a escrita acadêmica.

À todos os professores do curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFSM pelos conhecimentos compartilhados.

## **RESUMO**

### **ANÁLISE DO USO DE FONTES JORNALÍSTICAS NA COBERTURA DO DIÁRIO DE SANTA MARIA DURANTE O PRÉ-JÚRI DO CASO KISS**

AUTORA: Débora Evelyn Trindade Hundertmarck

ORIENTADORA: Márcia Franz Amaral

Este trabalho tem por objetivo analisar as fontes utilizadas na cobertura pré-júri do Caso Kiss na versão digital do jornal Diário de Santa Maria. Buscamos entender qual o papel das fontes, como foram utilizadas fontes a favor, contra e neutras em relação à condenação dos réus, quais efeitos valorativos estão presentes nas manifestações delas e se há um padrão no acionamento. Para isso, empregamos como metodologia um protocolo de análise no qual utilizamos a classificação de fontes proposta por Schmitz (2011), além dos efeitos valorativos e visadas propostos por Charaudeau (2015). Após análise das 13 matérias selecionadas, identificamos que a maior parte foram fontes testemunhais, com efeito valorativo de opinião e que houve maior acionamento de fontes a favor da condenação em detrimento de fontes contrárias ou neutras. Concluímos que o jornal fez uma cobertura pré-juri compassada com a comoção em razão da escolha das fontes.

Palavras-chave: Jornalismo digital. Cobertura jornalística de julgamentos. Fontes jornalísticas. Boate Kiss.

## **ABSTRACT**

### **ANALYSIS OF THE USE OF JOURNALISTIC SOURCES IN THE COVERAGE OF DIÁRIO DE SANTA MARIA DURING THE PRE-JURY OF THE KISS CASE**

**AUTHOR:** Débora Evelyn Trindade Hundertmarck  
**ADVISOR:** Márcia Franz Amaral

This research aims to analyze the sources used in the pre-jury coverage of the Kiss Case in the digital version of the newspaper Diário de Santa Maria. We seek to understand the role of the sources, how sources were used for, against and neutral in relation to the condemnation of the defendants, what evaluative effects are present in their manifestations and if there is a pattern in the activation. For this, we employ an analysis protocol as a methodology in which we use the classification of sources proposed by Schmitz (2011), in addition to the evaluative and targeted effects proposed by Charaudeau (2015). After analyzing the 13 selected articles, we identified that most were testimonial sources, with an opinion-evaluating effect and that there was a greater activation of sources in favor of the conviction to the detriment of contrary or neutral sources. We conclude that the newspaper made a pre-jury coverage paced with the commotion due to the choice of sources.

**Keywords:** Digital journalism. Journalistic coverage of trials. Journalistic sources. Nightclub Kiss.

## **LISTA DE GRÁFICOS**

GRÁFICO 1 - Classificação das fontes.....	29
GRÁFICO 2 - Efeitos valorativos (declarações).....	32
GRÁFICO 3 - Visada (declarações).....	33
GRÁFICO 4 - Posição quanto ao júri (fontes).....	34
GRÁFICO 5 - Posição quanto ao júri (declarações).....	36



## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1 - Protocolo.....	26
---------------------------	----

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1 - Classificação de fontes.....	29
TABELA 2 - Posição quanto ao júri (fontes).....	34
TABELA 3 - Posição quanto ao júri (declarações).....	37

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2. O JORNALISMO E O CASO DA BOATE KISS.....</b>	<b>11</b>
2.1. APORTES TEÓRICOS SOBRE O JORNALISMO E SUAS FONTES.....	13
2.2. O JORNALISMO NO CASO DA COBERTURA DA BOATE KISS.....	19
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>23</b>
3.1. O PROTOCOLO DE ANÁLISE DAS MATÉRIAS.....	26
<b>3. ANÁLISE.....</b>	<b>28</b>
4.1. RESULTADOS.....	28
<b>4. CONCLUSÃO.....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>
<b>APÊNDICE A - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO I.....</b>	<b>42</b>
<b>APÊNDICE B - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO II.....</b>	<b>44</b>
<b>APÊNDICE C - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO III.....</b>	<b>49</b>
<b>APÊNDICE D - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO IV.....</b>	<b>52</b>
<b>APÊNDICE E - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO V.....</b>	<b>55</b>
<b>APÊNDICE F - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO VI.....</b>	<b>58</b>
<b>APÊNDICE G - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO VII.....</b>	<b>61</b>
<b>APÊNDICE H - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO VIII.....</b>	<b>64</b>
<b>APÊNDICE I - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO IX.....</b>	<b>66</b>
<b>APÊNDICE J - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO X.....</b>	<b>69</b>
<b>APÊNDICE K - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO XI.....</b>	<b>71</b>
<b>APÊNDICE L - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO XII.....</b>	<b>77</b>
<b>APÊNDICE M - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO XIII.....</b>	<b>78</b>
<b>ANEXO A - MATÉRIA I.....</b>	<b>80</b>
<b>ANEXO B - MATÉRIA II.....</b>	<b>82</b>
<b>ANEXO C - MATÉRIA III.....</b>	<b>85</b>
<b>ANEXO D - MATÉRIA IV.....</b>	<b>87</b>

<b>ANEXO E - MATÉRIA V.....</b>	<b>90</b>
<b>ANEXO F - MATÉRIA VI.....</b>	<b>93</b>
<b>ANEXO G - MATÉRIA VII.....</b>	<b>95</b>
<b>ANEXO H - MATÉRIA VIII.....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXO I - MATÉRIA IX.....</b>	<b>101</b>
<b>ANEXO J - MATÉRIA X.....</b>	<b>104</b>
<b>ANEXO K - MATÉRIA XI.....</b>	<b>106</b>
<b>ANEXO L - MATÉRIA XII.....</b>	<b>110</b>
<b>ANEXO M - MATÉRIA XIII.....</b>	<b>112</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Em janeiro de 2013, a cidade de Santa Maria, no interior do Rio Grande do Sul, ganhou as manchetes dos jornais de todo o mundo após um incêndio em uma casa noturna. Causado pelo disparo de um artefato pirotécnico no show da banda Gurizada Fandangueira, o incêndio na Boate Kiss vitimou 242 pessoas e deixou outras 636 feridas.

Depois de quase 9 anos desde o acontecimento, dia 01 de dezembro de 2021 foi a data marcada para o início do júri que julgaria a culpa ou inocência dos réus apontados: Elissandro Callegaro Spohr, Mauro Londero Hoffmann, Marcelo de Jesus dos Santos e Luciano Bonilha Leão. Respectivamente: os dois proprietários da Boate Kiss e os dois integrantes da banda que efetuaram o disparo do artefato.

Uma cobertura jornalística de um acontecimento deste porte tem vários momentos desafiadores. O jornalismo realizado durante o ocorrido tem muitas diferenças em relação à cobertura produzida nos momentos posteriores. Num primeiro momento, trata-se de reconstituir o acontecimento, relatar a experiência das pessoas para, em seguida, tentar entender suas causas. Tanto tempo depois do incêndio, o momento pré-juri traz desafios diferentes de como expor publicamente a complexidade de questões envolvidas que podem ter repercussão, inclusive, no resultado do júri. Podemos afirmar que o julgamento em si foi um novo acontecimento que mobilizou a cidade e a imprensa, razões que justificam nossa atenção a este tema. Afinal, é importante para o campo jornalístico ter ciência de seus movimentos em coberturas tão sensíveis e complexas.

O julgamento ocorreu em Porto Alegre - RS, foi o maior da história do Judiciário no Rio Grande do Sul, durou 10 dias e ouviu 32 pessoas. O tribunal do júri representaria o encerramento de um ciclo de luta para muitos daqueles que buscam por justiça. A parcela da sociedade que busca por esse fim não consegue se fazer presente por completo naquele momento, então o papel do jornalista na cobertura desses fatos se caracteriza pela comunicação do possível desfecho da história. Os réus foram julgados culpados, no entanto a sentença foi anulada no dia 02 de agosto de 2022.

Nas semanas que antecederam o julgamento, os veículos de comunicação prepararam matérias especiais que recontaram a história do caso Boate Kiss. Em Santa Maria, cidade palco da tragédia, o principal jornal de circulação é o Diário de Santa Maria. O jornal fez uma série de matérias que precederam a data do júri.

O periódico foi fundado no ano de 2002 pelo grupo RBS e logo tornou-se o principal jornal do mercado local no ano de 2004. Inicialmente ele era impresso, mas ganhou novos formatos ao passar do tempo. Em 2016 foi adquirido por um grupo de empresários locais, ou seja, quando a tragédia ocorreu era da RBS, e no momento do júri já pertencia a outro grupo empresarial.

O Diário de Santa Maria é um jornal de produção diária que hoje pertence a um grupo que contempla programas de rádio e TV, redes sociais, versão impressa e online. O portal que recebe a versão digital possui cerca de 22 mil acessos diários, de acordo com o site SimilarWeb.

De acordo com Bomfim *et al.* (2009) “O jornalismo regional retrata a realidade da localidade onde está inserido, registra os fatos que falam da realidade da população local, por isso há uma maior identificação dos leitores com os jornais da sua região ou cidade”. No caso de uma tragédia, a cobertura do jornalismo local e regional tem especificidades por afetar mais diretamente os envolvidos no acontecimento. Tanto a proximidade com o acontecimento, quanto a gravidade dele trazem desafios para a cobertura jornalística. Perguntamo-nos, portanto, se o jornal construiu alguma estratégia específica para esta cobertura, como trouxe as fontes e suas informações e declarações e como a configuração destas fontes ajudaram a compor o acontecimento relatado pelo portal. Nosso problema de pesquisa pode ser enunciado por intermédio da seguinte pergunta: Que fontes o Diário de Santa Maria utilizou na cobertura do período pré-júri do caso da boate Kiss e que papéis tiveram estas fontes?

Esse trabalho tem como objetivo geral analisar o uso das fontes jornalísticas nas matérias da versão digital do Diário de Santa Maria e compreender o papel delas nas matérias.

Entre nossos objetivos específicos estão:

- a) Compreender o papel das fontes para a cobertura jornalística e para o jornalismo e as diferentes formas de apresentá-las;
- b) Sistematizar quem foram as fontes que tiveram visibilidade nas matérias;
- c) Compreender como foram utilizadas as fontes ligadas aos acusados e às vítimas;
- d) Analisar que efeitos valorativos estão presentes nas manifestações das fontes;
- e) Refletir se houve algum padrão no acionamento às fontes.

A análise das fontes contribui para o entendimento das práticas jornalísticas atuais e para sugerir novos formatos que possam atribuir maior credibilidade ao jornalismo. Este trabalho integra uma série de pesquisas do Grupo Estudos de Jornalismo (UFSM/CNPq) que tem se dedicado a compreender como o jornalismo se configura nas coberturas de casos extremos e também a importância desta atividade em situações limites. De acordo com Pena (2012, p. 217) “o jornalismo é uma das profissões mais criticadas da atualidade. A imprensa vem perdendo credibilidade junto ao público e sofrendo ataques de diversos setores da sociedade.”, e por isso precisamos continuar estudando o fazer jornalístico.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos: o primeiro onde abordamos aspectos teóricos que envolvem a cobertura do Caso Kiss; no segundo temos a metodologia utilizada para análise da cobertura; no terceiro apresentamos os resultados encontrados; e no quarto abordamos as conclusões.

## 2. O JORNALISMO E O CASO DA BOATE KISS

Até os anos 70, considerava-se que o jornalismo era um espelho da realidade, que refletia nas matérias o que acontecia na sociedade. No entanto, a partir dessa década, a pesquisa acadêmica sobre jornalismo tem uma grande evolução e acaba por trazer um novo paradigma à tona: o de que o jornalismo é resultado de uma construção social. Ou seja, as matérias jornalísticas são resultado de interações sociais e também interferem na construção da realidade pública.

Nicolato (2019) aponta três principais motivos por que a teoria construtivista se sobrepõe à teoria do espelho. O primeiro é que a realidade e a notícia não podem ser dissociadas, porque uma interfere na outra. O segundo é que a linguagem neutra não pode ser aplicada, já que até mesmo pequenas escolhas na elaboração do texto já são um posicionamento. E, por fim, a metodologia, o orçamento e a disponibilidade dos meios também interferem na construção da notícia.

A partir dessas escolhas, o jornalista acaba produzindo sentidos a partir de várias questões que interferem na produção da notícia. Como explica Charaudeau, "todo discurso depende, para construção de seu interesse social, das condições específicas da situação de troca na qual ele surge." (2015, p.67). Não somente o jornalista obedece a determinadas condições e restrições, como também seu destinatário acaba por reconhecer certas restrições e subscrevem a um contrato de comunicação. Charaudeau (2015, p. 86) explica que o contrato de comunicação conta com duas visadas: de informação e de captação.

A visada de informação tem por objetivo, como o próprio nome diz, informar ao cidadão a verdade sobre o que está acontecendo. No entanto, a verdade proposta não é tão simples de se atingir. A verdade, nesse caso, seria dizer exatamente o que aconteceu, e essa seria uma reconstituição. Se a reconstituição é verdadeira, é uma coincidência entre o que é dito e o fato em si e essa coincidência deve ter a possibilidade de ser verificada a partir de uma prova. A prova pode ser a percepção humana no momento do fato, o saber sustentado pelas experiências ou então ser possível calcular em uma operação matemática para concluir se é verdade ou não.



A visada da captação surge com a necessidade da mídia de buscar emocionar seu público para despertar sua atenção. Para causar esse efeito, são feitas escolhas estratégicas de forma a dramatizar os fatos. Dessa forma, o público se engaja com o fato porque traz a tona questões sem resposta sobre a humanidade.

O contrato de comunicação, portanto, parte de um acontecimento bruto e interpretado, passa pela instância de produção midiática, resulta na notícia (acontecimento construído) e chega na instância da recepção onde é novamente interpretado. Quando abordamos a cobertura midiática de um jornal local sobre uma tragédia ocorrida na cidade, há um contrato que preside a relação deste veículo com seus leitores. E, pelo fato de estar cobrindo um desastre de grandes proporções, se mesclam tanto a visada de credibilidade, como de captação.

A separação do caráter informativo da emoção na cobertura de tragédias não é uma tarefa fácil e, muitas vezes, sequer é desejada em razão da característica dramática dos fatos. Todos os envolvidos, inclusive os jornalistas, acabam atingidos pela comoção durante a produção das matérias. Isso transparece para a audiência que irá consumir o conteúdo produzido.

Todos esses questionamentos relacionados à emoção/razão e subjetividade/objetividade ficam mais latentes em uma cobertura de tragédia em que os fatos são, em sua essência, dramáticos. Como narrar uma situação tão extrema, de ruptura no ciclo natural da vida em que pais perdem filhos jovens e de maneira tão abrupta, sem emoção? De que forma se ela está imbricada nos depoimentos de sobreviventes, de familiares de vítimas e até mesmo de fontes oficiais das quais, normalmente, espera-se uma fala mais objetiva e restrita às provas e dados estatísticos? (MOTTA, 2016, p. 45).

Isso é evidente em coberturas como a da Tragédia da Chapecoense, por exemplo, em 2016. Na ocasião, 71 pessoas perderam a vida em um acidente aéreo durante um voo que transportava equipe, dirigentes, comissão técnica e jornalistas para a cidade de Medellín, na Colômbia. A viagem tinha como objetivo a final da Copa Sul Americana, o primeiro campeonato internacional no qual o time era finalista.

Muitos dos jornalistas que atuaram na cobertura da tragédia tinham proximidade com os jornalistas que acabaram morrendo no ocorrido. O jornalista

Guido Nunes da SportTV foi surpreendido pelo abraço de uma mãe que perdeu o filho na tragédia durante a entrevista que realizava. Ela fez esse gesto para acolher a dor que os próprios jornalistas sentiam ao perderem seus colegas de trabalho no acidente. Dessa forma, a emoção e a informação se misturam de uma forma difícil de dissociar.

No acontecimento do incêndio da boate, toda a cidade foi envolvida e os jornalistas locais vivenciaram por anos o sofrimento dos familiares, a busca por justiça e a espera ansiosa pelo julgamento. Mas ao mesmo tempo em que a cobertura jornalística fica envolvida com o acontecimento deste porte, precisa atestar sua credibilidade e usar fontes para contar o que está acontecendo.

## 2.1. APORTES TEÓRICOS SOBRE O JORNALISMO E SUAS FONTES

O jornalismo depende de fontes para apurar o que ocorreu, bem como para reconstituir os acontecimentos, para representar a diversidade de pontos de vista existentes na sociedade e para fazer interpretações sobre o ocorrido. As fontes são pontos sensíveis a serem analisados, pois também trazem com elas debates como o da neutralidade, objetividade e angulação ou enquadramento.

Charaudeau (2015) aponta cinco tipos de questões relacionadas à construção da notícia: operação de seleção, modo de identificação, modo de reprodução, modo de citação e tipos de posicionamento. Esses cinco fatores podem ser determinantes com relação ao efeito do que é dito pelas fontes e principalmente na sua credibilidade.

- a) **Operação de seleção:** diz respeito à escolha de quais atores do espaço público terão voz.
- b) **Modo de identificação:** depende da denominação, a determinação, a modalização. Todos esses buscam determinar quem fala.
- c) **Modo de reprodução:** se refere a como será apresentado o que foi dito. Pode ser total ou parcial, conferindo credibilidade maior ou menor de acordo com a escolha.

- d) **Modo de citação:** pode ser direta, integrada ou narrativizada. Também diz respeito à identificação do autor, bem como a sua objetividade.
- e) **Tipo de posicionamento:** é possível posicionar de diferentes formas o dito original. Isso pode distorcer o que era inicialmente proposto de ser dito.

Dessa forma, a escolha das fontes na construção da notícia também dá um posicionamento ao texto jornalístico. Na teoria dos definidores primários, Nicolato (2019, p. 168) propõe que o definidor primário - aquele que é a fonte primordial da notícia - costuma direcionar sua declaração em prol de seus interesses ou daquela instituição que representa e acaba por dar também uma certa angulação à informação.

O uso das fontes, principalmente por meio de citações diretas de suas falas, está muito ligado ao conceito de neutralidade. Essa por sua vez se caracteriza pela abstenção de expor-se à própria opinião (SPONHOLZ, 2009, p. 27) e é geralmente apontada como a forma mais ética de se fazer jornalismo. Nesse sentido, há uma forte tendência que essa busca incessante pela neutralidade leve o jornalista a executar um jornalismo declaratório, se abstendo de qualquer responsabilidade pela informação. Outra prática percebida na tentativa de o jornalismo se mostrar equidistante de uma posição ou de outra é a consulta "ao dois lados", a "exposição de diferentes pontos de vista" ou o "cruzamento de informações de diferentes fontes".

A construção da objetividade jornalística não se resume à negação da subjetividade, mas sim de um conjunto que considera também a observação da realidade e investigação feita pelo jornalista. O profissional atua como um mediador que reconstrói a realidade por meio das histórias que conta.

A objetividade é definida em oposição à subjetividade, o que é um grande erro, pois ela surge não para negá-la, mas sim por reconhecer sua inevitabilidade. Seu verdadeiro significado está ligado à ideia de que os fatos são construídos de forma tão complexa que não se pode cultuá-los como a expressão absoluta da realidade. Pelo contrário, é preciso desconfiar desses fatos e criar um método que assegure algum rigor científico ao reportá-los. (PENA, 2012, p. 50).

*Fairness* é o nome do conceito de imparcialidade, é a obrigação do profissional jornalista de "ouvir os dois lados". Nem sempre fontes contraditórias

discordam de tudo. Essa obrigação com o *doisladismo* acaba até mesmo por invalidar a pesquisa jornalística por meio da observação da realidade, bem como abre portas para que afirmações falsas possam ser divulgadas em veículos jornalísticos.

Uma variante desta noção é a de equilíbrio. Neste caso, trata-se não somente de ouvir os dois lados de uma polêmica, como também de apresentar suas opiniões de maneira equilibrada, geralmente com o mesmo espaço. Esta noção de objetividade leva aos mesmos problemas que as de pluralismo e de imparcialidade têm do ponto de vista epistemológico: 1) Torna a pesquisa jornalística, ou seja, a observação da realidade, desnecessária; 2) Afirmações falsas podem ser divulgadas pelo jornalismo, já que estas são apenas apresentadas e ainda por cima de maneira equilibrada - mas não averiguadas. Há ainda um outro problema: “equilíbrio” não é necessariamente uma necessidade epistemológica, mas envolve uma questão moral: quem pode ou deve ter a sua opinião de forma equilibrada? (SPONHOLZ, 2009, p. 32-33).

Sponholz (2009) traz a discussão sobre quem pode ou deve ter sua opinião exposta pois nem sempre um fato possui apenas dois lados. Isso implica em observar que muitos fatos podem ter tantos “lados” que tornaria o trabalho jornalístico de apuração praticamente inviável.

A seleção de quais fontes serão utilizadas na construção da narrativa jornalística acaba por direcionar o texto para uma determinada linha editorial. Conforme Charaudeau (2015, p. 168), “tendo em vista o número elevado de atores do espaço público que dão declarações ou são suscetíveis de tomar a palavra, é preciso proceder uma seleção. Esta se faz em função da identidade do declarante e do valor de seu dito.” Os efeitos valorativos que podem ser atribuídos às falas das fontes são: de decisão, de descrição, de saber e de opinião.

No caso do efeito de decisão, a declaração tem uma decisão relatada, o que significa que não há performatividade no dito. O efeito de descrição, também chamado de testemunho, diz respeito àquele locutor que somente descreve o que viu ou ouviu sobre o fato. Já o efeito de saber é dado pela fala de uma autoridade pelo saber, como é o caso de especialistas no assunto em pauta. Por fim, o efeito de opinião expressa um julgamento ou apreciação por parte de quem fala.

As fontes jornalísticas podem ser oficiais, empresariais, institucionais, populares, notáveis, testemunhais, especializadas e referenciais. Em especial as

fontes testemunhais são as mais comuns dentro da escrita jornalística, em especial em coberturas como a que analisamos. No entanto, essas fontes não distanciam seus interesses dos fatos. Dessa forma, é necessário a narrativa do jornalista para contextualizar o que é dito.

A principal especificidade do testemunho no jornalismo é o relato de uma vivência radical ou situação-limite. Os testemunhos baseiam-se, sobretudo, na representação da sensação bruta, do concreto, do instrumental e não operam com a explicação e o distanciamento dos fatos. No jornalismo diário, o testemunho não se configura num relato acabado com fins de recuperação da memória de fatos históricos, como por vezes constatamos na literatura. Porém, as fontes testemunhais sozinhas não dão o sentido primeiro ao fato até porque o relato de suas experiências individuais não são autoexplicativas, compõem uma narrativa concebida pelo jornalismo. (SILVEIRA, 2018, p.130).

Assim, a escolha das fontes e dos papéis que cada uma vai ter no texto jornalístico é sempre uma escolha sensível. Por mais que o jornalismo busque dar o sentido da neutralidade e da objetividade, não escapa, por ser um discurso intersubjetivo, de produzir sentidos sobre os acontecimentos e, mais, de interferir nestes acontecimentos.

Essa ponderação relacionada à escolha das fontes está relacionada com o propósito de evitar o que chamamos de “juízo midiático”. Casos famosos como o Caso Escola Base ou até mesmo o Caso Eloá são exemplos de situações onde o jornalismo tem responsabilidades nos fatos que decorreram de suas publicações tanto pela forma como as fontes foram usadas como pela forma que criou comoção.

A Escola Base era uma escola particular de ensino infantil na cidade de São Paulo. Em 1994, houve uma denúncia das mães de alunos que acusaram os proprietários de abuso infantil. Após buscas no apartamento onde supostamente aconteceram os abusos, nada foi encontrado. Inconformadas, as mães foram à imprensa e o caso ganhou repercussão nacional. O delegado responsável pelo caso, embora não tivesse provas concretas, sempre deu declarações à imprensa levando a entender que os proprietários da escola haviam cometido o crime.

Nunca foi provado que qualquer um desses acusados tenha praticado tais atos. Na época, a exposição midiática fez com que a história ganhasse grandes

proporções e acabou levando a população a linchamento. As consequências de uma cobertura jornalística com apuração falha por confiança excessiva em apenas uma fonte (no caso, o delegado) pode levar pessoas inocentes a experienciar a condenação por meio da opinião pública.

Já o Caso Eloá, outro exemplo que trazemos, trata-se de um crime cometido em 2008, onde a jovem Eloá Cristina foi sequestrada por seu ex-companheiro, Lindemberg Alves. A cobertura jornalística durante o sequestro era realizada em frente ao local onde os fatos aconteceram. O sequestrador tinha acesso a uma televisão e assistia toda transmissão ao vivo.

Durante o programa ao vivo “A Tarde é Sua” da RedeTV!, foi exibida uma reportagem sobre o caso. O repórter que a produziu havia feito contato com o sequestrador por telefone. Preocupado com a repercussão da notícia, o sequestrador ligou para a emissora e pediu para falar ao vivo no programa. A apresentadora, Sonia Abrão, atendeu a ligação e realizou uma entrevista com ele ao vivo em rede nacional.

O uso das fontes aqui, em especial nessa busca pelo “fazer sentir”, ultrapassa os limites éticos do exercício do jornalismo. Entrevistar Lindemberg para a reportagem gravada o levou a se preocupar com o que a opinião pública diria sobre ele, o levou a ter medo do julgamento midiático. Isso também permitiu que ele pudesse falar à população qualquer coisa que quisesse dizer, já que era ao vivo.

O sequestro durou cinco dias. No quinto dia a equipe da polícia invadiu o local no sequestro. A jovem Eloá Cristina foi morta com dois tiros pelo sequestrador, que ficou alterado ao identificar a entrada da polícia e perceber que seria preso pelo crime.

A busca por transmitir o que comove a audiência pode tomar proporções descontroladas se usada de maneira inadequada. Por isso, os cuidados na escolha das fontes, no recorte e na apresentação conforme Charaudeau (2015) propõe, é determinante para a reconstrução do acontecimento.

Além disso, a pluralidade na escolha das fontes reflete como o veículo se porta diante de determinados assuntos, além de evidenciar qual o impacto dessas

fontes na percepção do público sobre a notícia. Schmitz (2011) propõe uma classificação e hierarquização das fontes para a reconstrução do fato.

A maioria das informações jornalísticas é plural, emana de vários tipos de fontes, que o jornalista utiliza para reforçar ou confirmar a verdade no relato dos fatos. Por isso, hierarquizar as fontes é essencial na atividade jornalística, pois a notícia polifônica converge da diversidade de opiniões, relatos, testemunhos e mídias. (SCHMITZ, 2011, p. 23).

A classificação proposta pelo autor permite identificar a qual grupo ela pertence: oficial, empresarial, institucional, popular, notável, testemunhal, especializada, ou referencial. Dessa forma, é possível compreender quem é que tem espaço de fala dentro das notícias.

- a) **Oficial:** é a fonte que representa órgãos mantidos pelo Estado e organizações agregadas.

Podem ser fontes oficiais: prefeitos e presidentes de companhias públicas.

- b) **Empresarial:** é a fonte que representa uma corporação e tem interesse comercial ou institucional.

Podem ser fontes empresariais: donos de empresas.

- c) **Institucional:** é a fonte que representa uma organização sem fins lucrativos.

Podem ser fontes institucionais: presidentes de associações.

- d) **Popular:** é a fonte comum que fala por si mesmo.

Podem ser fontes populares: qualquer pessoa que fale por si, sem representar uma organização, sem representar uma especialidade, sem ser notável por fama ou ser testemunha de um fato.

- e) **Notável:** é a fonte que tem relevância por seu talento ou fama.

Podem ser fontes notáveis: cantores e atores.

- f) **Testemunhal:** é a fonte que participou ou observou o fato em questão.

Podem ser fontes testemunhais: qualquer pessoa que tenha testemunhado um fato e esteja exercendo papel de testemunha.

- g) **Especializada:** é a fonte que tem conhecimentos específicos e pode analisar o tema em sua profundidade.

Podem ser fontes especializadas: peritos, especialistas em áreas específicas tratadas na matéria em questão.

- h) **Referencial:** é a fonte de consulta, a bibliografia, documento ou mídia analisada pelo jornalista.

Podem ser fontes referenciais: qualquer referência utilizada pelo jornalista que não seja uma fonte entrevistada.

O efeito que a fonte tem perante as informações também é um aspecto importante no entendimento do fazer jornalístico. Charaudeau (2015, p. 169-170) indica quatro efeitos valorativos nos quais o dito pode impactar na percepção da audiência sobre o acontecimento narrado.

- a) **Decisão:** quando a declaração da fonte tem o poder de decidir algo sobre o assunto em pauta na matéria.
- b) **Saber:** quando a declaração é de uma fonte que tem uma posição de autoridade pelo saber e agrega conhecimento sobre o assunto em pauta.
- c) **Opinião:** quando a declaração da fonte expressa um julgamento ou apreciação a respeito do assunto em pauta.
- d) **Testemunho:** quando a declaração descreve apenas o que viu e ouviu sobre o fato em pauta na matéria.

## 2.2. O JORNALISMO NO CASO DA COBERTURA DA BOATE KISS

Passamos a abordar especificamente o acontecimento da tragédia da Boate Kiss. Durante os momentos iniciais que sucederam o incêndio, veículos de imprensa de todo o mundo voltaram suas pautas para o acontecimento. Âncoras de grandes telejornais brasileiros foram à cidade de Santa Maria para realizar toda a cobertura jornalística dos fatos.



O incêndio ocorreu no centro da cidade, em um local de fácil acesso e localização. Dessa forma, rapidamente a notícia se espalhou e os repórteres de veículos de comunicação locais logo receberam uma ligação que os levou para o local dos fatos. A informação inicial era de poucas vidas perdidas em, até então, um incêndio comum.

O fogo demorou a ser controlado pelos bombeiros e enquanto isso todos os acontecimentos eram registrados por jornalistas. Testemunhos foram capturados em na própria rua onde ocorreram os fatos, ainda durante a operação de resgate às vítimas. Esses testemunhos iniciavam o desenho do que então tomaria a narrativa de toda a mídia mundial no dia seguinte. A partir do relato dos sobreviventes, os repórteres deram início ao trabalho de investigação e apuração dos fatos.

Na cobertura, é possível observar o uso de testemunhas de forma a induzir sentimentos na audiência. Os relatos são captados em meio ao desespero em encontrar amigos e familiares que não puderam sair de dentro da Boate Kiss. O caráter do acontecimento em si, causa alta comoção e não se separa das informações no momento inicial da cobertura da tragédia.

Motta (2022) analisou os testemunhos presentes na cobertura telejornalística da TV Globo na sequência ao incêndio. Foi possível constatar que 33% dos testemunhos apresentados na cobertura tiveram o objetivo de expressar o impacto emocional. Desses, a maior parte dos testemunhos foram trazidos em reportagens gravadas, onde é possível trabalhar mais esse impacto.

Nesse caso, o efeito de provocar emoção na audiência tem relação com o processo de reconstrução do acontecimento. É a partir dele que a notícia impacta o público e reflete a responsabilidade social do jornalismo em comunicar para fiscalizar e denunciar em favor da sociedade.

[...] os testemunhos nas coberturas de tragédia costumam ser ancorados em uma retórica patêmica, na qual os relatos expressam diferentes formas de afetação, que passam a integrar a rede explicativa do acontecimento articulada pela cobertura. Partindo do pressuposto de Quéré (2005), de que o acontecimento é aquele que afeta a experiência das pessoas, então as consequências emocionais são fundamentais para o processo de reconstrução discursiva da tragédia. (MOTTA, 2022 p.82).

Durante a cobertura logo em seguida ao acontecimento, não fica evidente a opinião dos testemunhos a respeito da responsabilidade dos fatos. Nesse momento também não é evidente posicionamento claro do veículo de comunicação a respeito de culpa ou inocência de qualquer pessoa envolvida. O primeiro impacto de uma tragédia leva o público a buscar entender o que aconteceu, é um momento de luto pelas vidas perdidas e de consolo aos familiares das vítimas. É somente depois que a própria opinião pública começa a cobrar respostas.

O júri, 9 anos depois, recebeu cerca de 200 jornalistas de todo o país, que acompanharam os fatos em uma sala destinada à imprensa dentro do Foro Central I, onde ocorreu o julgamento. Veículos internacionais como o portal inglês BBC, o jornal argentino La Nación, o canal francês France 24 e a agência espanhola EFE repercutiram a condenação dos réus em suas edições que sucederam o dia da leitura da sentença.

Este trabalho não se dedica analisar a cobertura do júri em si, mas sim dos momentos que o antecedem. Mesmo assim, cabe ponderar sobre o tema. Afinal, no caso em questão, trata-se de acontecimento de ampla comoção pública, que mobiliza a cidade desde seu ocorrido e que acaba por ser "resgatado" nos dias em que antecedem o júri. Pela importância do jornalismo, pressupõe-se que ele também contribui com a construção do ambiente simbólico em que o júri ocorre, participando da discussão pública sobre quem deve ou não ser punido e em que termos. Por outro lado, não se pode fazer um julgamento midiático dos réus. É difícil a tarefa de fazer esta cobertura sem que se evidencie presunções de culpa ou de inocência dos réus.

A cobertura jornalística de processos em curso se confunde com o caráter investigativo próprio da construção do texto jornalístico. Ao mesmo tempo que o jornalista traz os fatos do caso registrados no processo, aponta também fatos dos quais ele mesmo apurou a partir da sua investigação.

Do ponto de vista da ética jornalística, é necessário que o jornalista busque pela preservação das partes. Em especial, não deve divulgar informações de caráter mórbido, sensacionalista ou então acusar um então suspeito como culpado antes

que a justiça faça o seu papel de julgar. A preocupação com julgamentos midiáticos visa evitar casos de injustiça ou de linchamentos.

Além disso, a mídia tem um papel fundamental na construção da opinião pública e, conseqüentemente, na formação de uma cultura punitivista em relação ao sistema penal. Batista (2003, p 3-4) indica que a mídia crê na pena como o rito sagrado da resolução de conflitos e assim não promove qualquer tipo de discussão sobre o papel da pena:

[...] O novo credo criminológico da mídia tem seu núcleo irradiador na própria idéia de pena: antes de mais nada, crêem na pena como rito sagrado de solução de conflitos. Pouco importa o fundamento legitimante: se na universidade um retribucionista e um preventista sistêmico podem desentender-se, na mídia complementam-se harmoniosamente. Não há debate, não há atrito: todo e qualquer discurso legitimante da pena é bem aceito e imediatamente incorporado à massa argumentativa dos editoriais e das crônicas. Pouco importa o fracasso histórico real de todos os preventivismos capazes de serem submetidos à constatação empírica, como pouco importa o fato de um retribucionismo puro, se é que existiu, não passar de um ato de fé; neste último caso, talvez por isso mesmo o princípio da negação dialética do injusto através da pena nunca tenha alcançado um tão desnaturado sucesso. A equação penal – se houve delito, tem que haver pena – a equação penal é a lente ideológica que se interpõe entre o olhar da mídia e a vida, privada ou pública.

Em situações de casos de grande repercussão como é o incêndio da Boate Kiss, a audiência assume um papel de buscar informações a qualquer custo. Dessa forma, os veículos de comunicação também são pressionados pelo público para trazer novas informações e manter atualizações constantes. No entanto, a pressa pela produção rápida das notícias acaba ocasionando, muitas vezes, na apuração equivocada de notícias ou até mesmo o uso de uma abordagem antiética sobre o assunto.

Passamos, no próximo capítulo, para as explicações sobre nossos passos metodológicos.

### 3. METODOLOGIA

Foi realizada uma análise das matérias do Diário de Santa Maria com a sistematização das fontes que tiveram visibilidade nas matérias, a partir de uma classificação de acordo com um protocolo para compreender a linha editorial do jornal. A análise foi realizada apenas a partir de citações literais das fontes. O protocolo foi elaborado de acordo com a classificação de fontes proposta por Schmitz (2011), com os efeitos valorativos e visadas propostos por Charaudeau (2015) e com o posicionamento sobre o júri, o qual definimos da seguinte maneira:

- a) **A favor da condenação:** a fonte demonstra em suas declarações que tem o desejo de que os réus indicados no processo sejam condenados pela morte das 242 vítimas da Boate Kiss.
- b) **Contra a condenação:** a fonte demonstra em suas declarações o desejo de que os réus indicados no processo sejam inocentados pela morte das 242 vítimas da Boate Kiss.
- c) **Neutro:** a fonte não demonstra em suas declarações qualquer posição sobre condenação ou não dos réus do processo pela morte das 242 vítimas da Boate Kiss.

Foi utilizada a ferramenta Wayback Machine para recuperação das publicações do site, já que o mecanismo de busca do site do atual do Diário de Santa Maria não permite a recuperação delas. A ferramenta permite o resgate das páginas de um site de uma determinada data. Dessa forma, foi possível navegar no site tal qual ele era à época das publicações.

As matérias analisadas correspondem ao período de sete dias que antecedem o júri: de 24 a 30 de novembro de 2021. Ao total são 31 matérias com a temática Kiss publicadas no período. A proposta é analisar 13 delas, excluindo aquelas com caráter noticioso que explicam a dinâmica do júri e não possuem citações diretas de fontes. São elas:

1. “‘Não existia relação com familiares’, diz Pozzobom sobre prefeitura e ATVSM” publicada no dia 24 de novembro de 2021;

2. “Relatos da Kiss: sobrevivente relembra a dor e as feridas causadas pela tragédia” publicada no dia 24 de novembro de 2021;
3. “Relatos da Kiss: enfermeira acompanhou de perto o sofrimento de familiares e amigos das vítimas” publicada no dia 25 de novembro de 2021;
4. “Em coletiva de imprensa, advogado de Elissandro Spohr apresenta nova maquete interna da boate” publicada no dia 26 de novembro de 2021;
5. “Relatos da Kiss: autor da foto que circulou pelo mundo lembra como foi cobrir a tragédia” publicada no dia 26 de novembro de 2021;
6. “‘De um dia para o outro eu virei um monstro’, diz Elissandro Spohr” publicada no dia 27 de novembro de 2021;
7. “‘Há quase nove anos, tento trazer minha verdade’, diz Luciano Bonilha Leão” publicada no dia 27 de novembro de 2021;
8. “Relatos da Kiss: o silêncio de Santa Maria na segunda-feira, dia posterior à tragédia” publicada no dia 27 de novembro de 2021;
9. “Réu do caso Kiss, Marcelo de Jesus dos Santos passa a maior parte do tempo em casa” publicada no dia 27 de novembro de 2021;
10. “‘Nada será igual à perda dos nossos filhos’, diz presidente da AVTSM às vésperas do júri” publicada no dia 29 de novembro de 2021;
11. “Primeiro presidente da AVTSM fala ao Diário sobre lembranças e expectativa para o julgamento” publicada no dia 29 de novembro de 2021;
12. “Sem conseguir ir à Capital, sobrevivente acompanhará o júri do Caso Kiss em Santa Maria” publicada no dia 30 de novembro de 2021;

13. “VÍDEO: com homenagens, familiares e sobreviventes da Kiss embarcam para Porto Alegre” publicada no dia 30 de novembro de 2021.

As matérias têm diferentes formatos e o ponto comum entre elas é que todas apresentam declarações de fontes em formato de citação direta. Essa escolha se dá pela possibilidade de análise com maior clareza do dito ao se tratar da descrição literal da fala da fonte.

### 3.1. O PROTOCOLO DE ANÁLISE DAS MATÉRIAS

O protocolo de análise das matérias é composto a partir das referências propostas no trabalho a fim de classificar e agrupar as fontes e suas declarações para fins de análise e entendimento dos objetivos estabelecidos. Ele é composto pela identificação da matéria por título e data, identificação da fonte, classificação dela e na sequência de cada uma de suas declarações diretas classificadas pelo efeito que causa e visada que produz. Por fim, é indicado se é uma fonte interessada no júri e qual posicionamento é tomado a partir das suas declarações na matéria.

O protocolo foi aplicado em formato de quadro para melhor visualização e organização dos dados coletados. Dessa forma, o preenchimento dessa ficha representa um resumo da análise realizada. Todas as análises seguem o padrão do quadro abaixo:

Quadro 1 - Protocolo

<b>Título da matéria:</b>		
<b>Data:</b>		
<b>Fonte 1</b>	<b>Nome da fonte:</b>	
	<b>Identificação da fonte:</b>	

	<b>Classificação da fonte:</b>		
	<b>Declaração 1:</b>		
		<b>Efeitos da declaração:</b>	
		<b>Visada da declaração:</b>	
<b>É uma fonte interessada que se posiciona sobre o júri? Como?</b>			

## 4. ANÁLISE

### 4.1. RESULTADOS

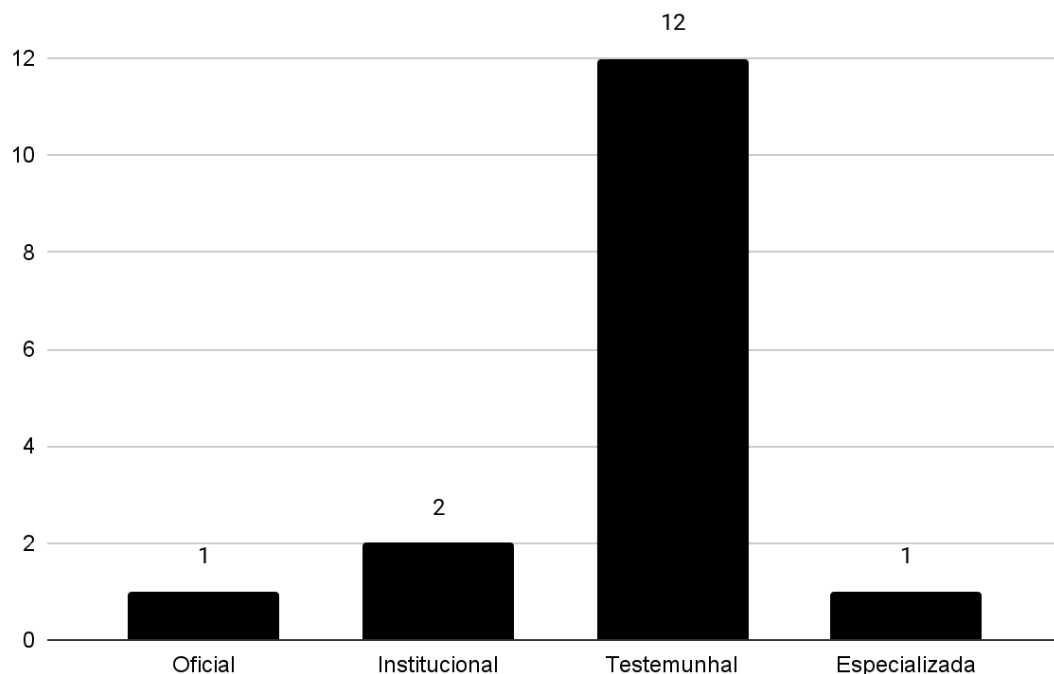
Neste capítulo, trazemos os resultados obtidos a partir das análises realizadas das 13 matérias que constam das quais 8 constam nos anexos de A a H. Os quadros com a análise completa dessas constam nos apêndices de A a H. Os quadros analisam as respectivas matérias de mesma letra indicativa.

Primeiramente, classificamos as fontes para, a seguir, assinalar efeitos e visadas. Cabe esclarecer que a análise é complexa, já que percebemos que uma fonte classificada como testemunhal, por exemplo, nem sempre terá sua fala automaticamente identificada com efeito de testemunho já que pode, naquela declaração, reconstituir o fato e, portanto, ter um efeito de saber. E, no caso da identificação se cada manifestação integra uma visada de credibilidade ou de captação também é um processo complexo, já que mesmo um discurso emocionado pode ajudar a informar sobre o acontecimento. E, muitas vezes, um discurso mais centrado no “fazer saber”, pode também emocionar. Desta maneira, é preciso pontuar que o enquadramento das manifestações nas visadas busca identificar se aquela declaração literal da fonte traz informações ou mais as suas percepções e experiências sobre o acontecimento. Também é preciso deixar claro que em cada um dos itens do protocolo analisados, trazemos no texto alguns exemplos.

Quanto ao tipo de fonte, foram identificadas 14 fontes diferentes ao total. No entanto, duas delas aparecem novamente em outra matéria, o que totaliza 16 referências. Sobre a classificação, a maioria (12) foram testemunhais, na sequência temos as fontes institucionais (2), fonte oficial (1) e fonte especializada (1).



Gráfico 1 - Classificação das fontes



Na análise diária, é possível observar a distribuição das fontes de forma que todos os dias de publicação tem pelo menos uma fonte testemunhal. Esse testemunho não necessariamente ocorre da participação nos fatos de 27/01/2013, mas em todo o desenrolar do caso Kiss.

Tabela 1 - Classificação de fontes

	Oficial	Institucional	Testemunhal	Especializada
<b>24/11/2021</b> <b>2 matérias</b> <b>2 fontes</b>	1	0	1	0
<b>25/11/2021</b> <b>1 matéria</b> <b>1 fonte</b>	0	0	1	0
<b>26/11/2021</b> <b>2 matérias</b> <b>2 fontes</b>	0	0	1	1
<b>27/11/2021</b> <b>4 matérias</b> <b>4 fontes</b>	0	0	4	0

<b>29/11/2021</b> <b>2 matérias</b> <b>3 fontes</b>	Oficial	Institucional	Testemunhal	Especializada
	0	1	1	0
<b>30/11/2021</b> <b>2 matérias</b> <b>4 fontes</b>	Oficial	Institucional	Testemunhal	Especializada
	0	1	3	0

Destaca-se o uso desse tipo de fonte na série especial pré-júri denominada “Relatos da Kiss”. Nela, são trazidos depoimentos de sobreviventes e profissionais que atuaram no dia ou na sequência dos fatos em caráter de reconstrução dos fatos. São quatro matérias publicadas em sequência nos dias 24, 25 e 26 de novembro de 2021.

É possível visualizar esse uso de fontes testemunhais na matéria dessa série presente no Anexo A, Apêndice A, publicada no dia 27/11/2021 onde a médica Gabriela Zanolla conta sobre sua experiência na época dos fatos. Ela trabalhou no socorro às vítimas do incêndio:

Nós fazíamos um comboio de ambulâncias para transferir os pacientes que precisavam de tratamento que não tínhamos condições de oferecer aqui. Acho que não teve ninguém da área da saúde que, no final daquela semana, não chorasse de tristeza profunda por vivenciar aquilo. Foi desgastante porque alguns pacientes graves demoraram muito tempo para sair e outros, apesar de todo o esforço, partiram.

A ocorrência de fonte institucional se dá em duas matérias, mas trata-se da mesma fonte. Nesse caso, Flávio Silva, presidente da Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM) no momento das publicações. A característica de sua participação como fonte institucional é um pouco incomum, pois suas declarações têm mais tom de testemunho do que necessariamente de responder pela instituição que representa. Essa particularidade se dá pela situação apresentada pelos fatos. Nesse caso, o testemunho dele como pai é parte do que manifesta a instituição da qual ele representa. É possível observar na declaração na matéria publicada dia 29/11/2021 disponível no anexo B:

Isso é mais uma jogada de marketing. Todo mundo fala do envolvimento de A, B ou C, mas a gente tem se concentrado nos quatro réus. O depoimento deles não vai ser analisado para que sejam responsabilizados. Estamos focados nos réus. Não faz diferença nenhuma eles deporem ou não. A

defesa está demonstrando desespero e insegurança por não ter meios para poder desqualificar o crime ou absolver o cliente dele. O objetivo é tumultuar o processo, convencer a opinião pública de que o cliente dele é uma vítima e não réu. Eles querem confundir os jurados. O advogado sempre falou que o cliente dele não queria matar ninguém. Minha filha saiu para comemorar o aniversário. Ela não disse que queria sair de casa para morrer.

Há apenas uma referência à fonte oficial dentro das matérias analisadas. Nesse caso, o prefeito da cidade de Santa Maria, Jorge Pozzobom. A matéria é do dia 24/11/2021 e está presente no Anexo C, Apêndice C. No texto, o prefeito fala sobre sua relação pessoal com o caso e também de ações da prefeitura em relação aos fatos:

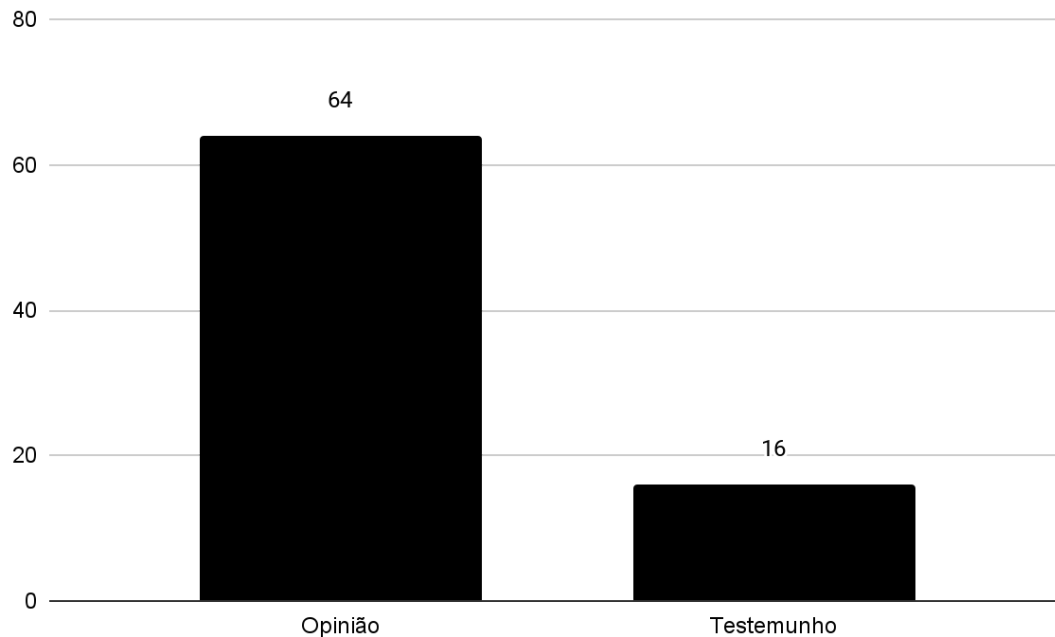
Quando assumimos a prefeitura, não existia relação. O primeiro ato assinado foi a criação de um grupo de acolhimento. Não nos omitimos em nada. Tivemos momentos tensos, mas hoje a relação e a não omissão têm uma ponte que se chama confiança. Isso está consolidada. Todo dia 27, damos o apoio logístico. A prefeitura não se mete em nada. Eles dizem o que precisam, e nós damos o apoio. Eu não deixaria minha vontade, seja como prefeito ou cidadão, ser maior que da associação. Tem que ter solidariedade, amor, respeito. Paciência, sim. Para entender. E empatia. Temos que entender o que um pai e uma mãe sofrem.

Por fim, outro tipo de fonte presente em apenas uma situação é a especializada. Sua ocorrência é com o advogado Jader Marques, que representa o réu Elissandro Spohr, na matéria disponível no Anexo D. É possível identificar sua classificação como fonte especializada em declarações como:

A situação não está sendo explorada como deveria. São só quatro réus, mas há mais pessoas envolvidas. O PPCI (Plano de Prevenção e Proteção Contra Incêndio) da boate em 2009 foi aprovado pelos bombeiros. Tudo foi feito conforme o que foi determinado pelos bombeiros. Em 2001, os bombeiros estiveram na casa fiscalizando. Como foi aprovado o PPCI em 2009 se a boate era mais insegura? Em 2009, quando comprou a boate, meu cliente pediu a renovação do plano de incêndio e alguém esteve lá aprovando.

Das 16 vezes em que as fontes aparecem nas matérias, foram totalizadas 80 declarações. Essas foram classificadas quanto aos efeitos valorativos. Dos quatro possíveis efeitos, foram verificados apenas dois nas matérias analisadas: o efeito valorativo de opinião e o de testemunho.

Gráfico 2 - Efeitos valorativos (declarações)



Podemos visualizar o efeito valorativo de opinião dentro de declarações trazidas pelas fontes, como a referenciada na matéria publicada no dia 24/11/2021, indicada no Anexo E, Apêndice E. Nela, o sobrevivente Gabriel Rovadoschi Barros declara:

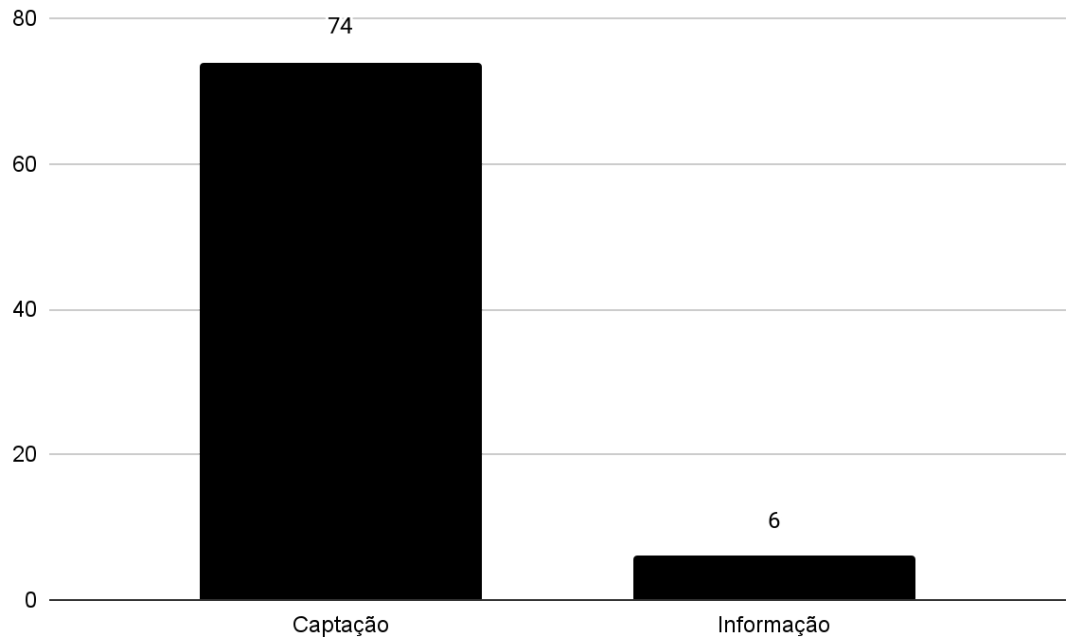
Os familiares têm uma capacidade de acolher tão forte. Eu me sinto muito abraçado por todos que eu conheci até agora. É uma dor que não passa, e eu espero que o julgamento de rumo um pouco para essa dor, dê uma direção mais digna. É nítido quem é responsável, isso está escancarado, mas existe um processo que já é injusto pelo tempo de demora. A justiça é um grande medo.

Na mesma matéria é possível verificar também o efeito valorativo de testemunho em outra declaração trazida pelo sobrevivente. No trecho, Gabriel está relatando como foi a experiência dele no dia do acontecimento, o que ele vivenciou dentro da Boate Kiss:

Abriu um vãozinho entre as pessoas e me coloquei no meio. Dei poucos passos e a multidão travou porque as portas de entrada estavam bloqueadas. Eu ainda achava que era briga até que a fumaça chegou em mim. No primeiro relance de fumaça, que na minha visão era branca, eu pensei que tinham largado gás lacrimogênio para dispersar o pessoal. Só que no instante seguinte que o pensamento passou na minha cabeça, a fumaça ficou preta, e eu entendi que era incêndio - relembra Gabriel.

Com relação às visadas, observamos majoritariamente o uso da visada de captação nas declarações das matérias analisadas. Temos 74 ocorrências dela, enquanto apenas 6 da visada de informação.

Gráfico 3 - Visada (declarações)



É possível identificar a visada de captação evidenciada na matéria publicada em 25/11/2021, indicada no Anexo F, Apêndice F, onde a testemunha que trabalhou no resgate às vítimas, Liliane de Mello Dutra, declara:

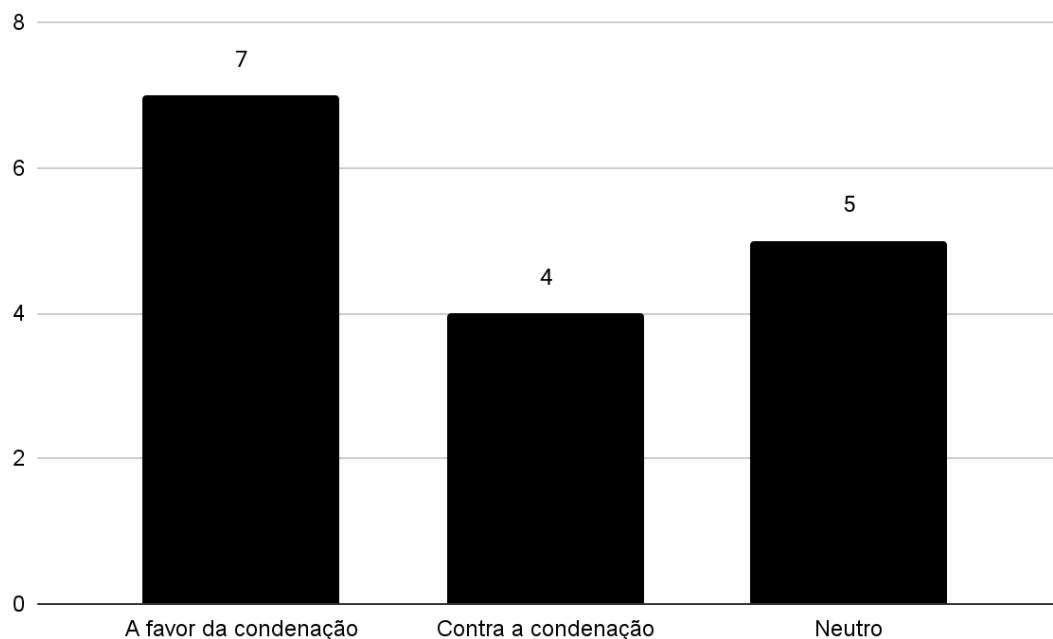
Teve um momento, que foi um dos mais difíceis, em que eu estava ajoelhada com uma mãe. Ela já tinha feito a identificação do corpo da menina, eu levantei e abracei a mãe, porque ela estava chorando muito. Então, ela me pegou pelo braço e me disse "falta outra". Ela tinha perdido duas filhas.

Já a visada de informação é identificada na matéria publicada dia 26/11/2021 disponível no Anexo G, Apêndice G onde o fotógrafo que atuou no dia dos fatos, Germano Rorato, diz:

Como meus amigos sabiam que eu trabalhava no jornal, eles sempre me avisavam das ocorrências na cidade. Inicialmente, eu não levei muita fé. A gente nunca imagina que uma coisa da proporção que foi o incêndio da boate fosse acontecer. Mas, mesmo assim, eu liguei para o Fernando Ramos, que era o editor de fotografia (do Diário) na época, e avisei que recebi a ligação. O Fernando averiguou e mandou um carro me buscar.

A partir desses resultados, também foram contabilizadas as posições que as fontes trouxeram a respeito do júri: a favor da condenação, contra ou se não trouxeram posicionamento (neutro). Importante considerar que as duas fontes que se repetem em duas matérias diferentes apresentam-se a favor na sua primeira aparição e na segunda não demonstram opinião, sendo classificadas como neutras nesse caso. De forma geral, a maioria das fontes se posicionou a favor da condenação dos réus apontados no processo levado ao júri:

Gráfico 4 - Posição quanto ao júri (fontes)



Na análise diária das fontes, é possível notar um desequilíbrio entre o volume de fontes a favor, contra e neutras em cada dia. Há dias em que o número de declarações contra e a favor são iguais (no dia 26/11/2021), como também há dias com 100% de declarações a favor ou contra (dias 27/11/2021 e 29/11/2021). Não é possível verificar um padrão ou ordem para a escolha de fontes de determinadas posições.

Tabela 2 - Posição quanto ao júri (fontes)

24/11/2021 2 matérias 2 fontes	A favor da condenação	Contra a condenação	Neutro
	0	0	2

<b>25/11/2021</b> <b>1 matéria</b> <b>1 fonte</b>	A favor da condenação	Contra a condenação	Neutro
	1	0	0
<b>26/11/2021</b> <b>2 matérias</b> <b>2 fontes</b>	A favor da condenação	Contra a condenação	Neutro
	1	1	0
<b>27/11/2021</b> <b>4 matérias</b> <b>4 fontes</b>	A favor da condenação	Contra a condenação	Neutro
	0	3	1
<b>29/11/2021</b> <b>2 matérias</b> <b>3 fontes</b>	A favor da condenação	Contra a condenação	Neutro
	3	0	0
<b>30/11/2021</b> <b>2 matérias</b> <b>4 fontes</b>	A favor da condenação	Contra a condenação	Neutro
	2	0	2

É possível visualizar a posição das fontes a favor da condenação a partir das suas próprias declarações nas matérias. Um exemplo é na matéria publicada dia 29/11/2021 e indicada no Anexo B, Apêndice B. Ligiane Righi da Silva, mãe da vítima Andrielle Righi da Silva, diz a respeito do júri após ser questionada se o fim do julgamento trará conforto às famílias:

Se for justo, sim, mas se não for justo vai só piorar. E os pais? E os irmãos? E o buraco que ficou? E o vazio naquela família? E os sonhos e planos daqueles jovens? Eles têm responsabilidade! Então, que cada um pague pela sua responsabilidade. Não é vingança. Eles não sabem lidar com o tamanho do amor que temos pelos nossos filhos.

Nas fontes contra a condenação, a posição de defesa também é evidente nas matérias analisadas. Como evidência disso, podemos observar a matéria “Réu do caso Kiss, Marcelo de Jesus dos Santos passa a maior parte do tempo em casa”, disponível no Anexo H, Apêndice H. Nela, a advogada Tatiana Borsa, que representa o réu Marcelo de Jesus dos Santos, declara:

Eu acho que foi uma fatalidade. A maior responsabilidade é de quem está acusando. Quem está acusando devia estar no banco dos réus. O poder

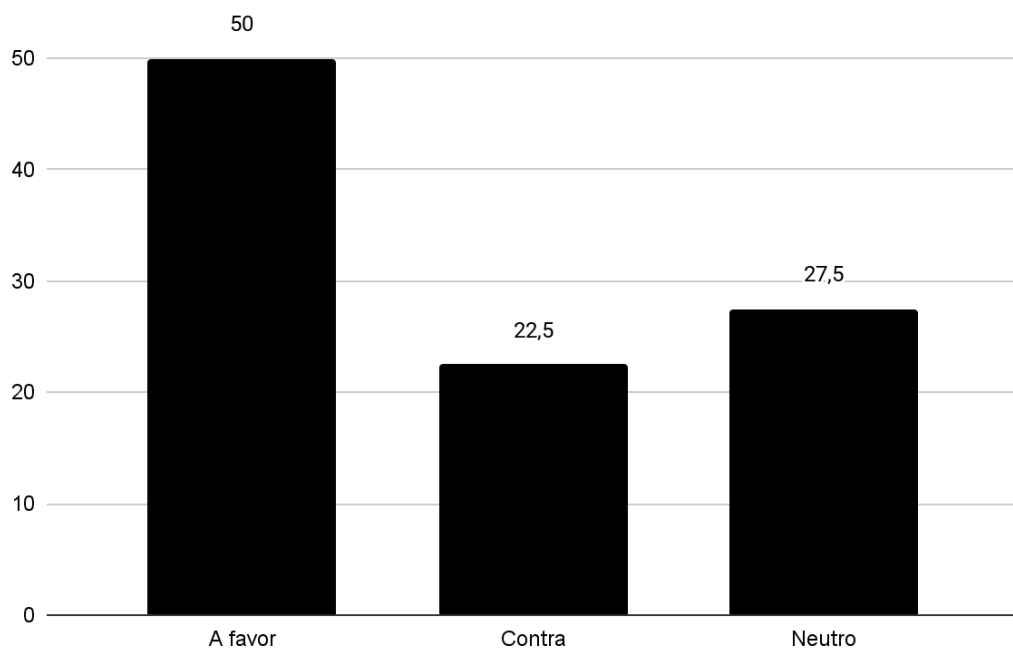
público devia ter impedido que a casa abrisse. É muito mais fácil acusar "os mais fracos", do que se responsabilizar. A casa não era para estar aberta. Tenho certeza que o Kiko (Elissandro) jamais queria que acontecesse essa tragédia. O Marcelo muito menos.

As fontes que não se posicionam sobre o júri, em algumas matérias sequer apontam que não tem uma posição. Em outras, é possível observar a fonte indicando que não irá se posicionar como é o caso da matéria publicada dia 24/11/2021 indicada no Anexo C, Apêndice C onde Jorge Pozzobom, prefeito de Santa Maria, diz:

Muita gente já se meteu (nessa relação jurídica), muita gente abriu isso criou angústia, criou coisas. Então essa relação jurídica eu não vou me meter nisso aí. Tem a Justiça lá para fazer, vai ter os jurados que representam a sociedade. Me perguntaram o que eu acho do júri sair Santa Maria e ir para Porto Alegre. Não tem o que eu achar. A Justiça não cabe a mim dizer o que que é essa situação. Então, o que todos nós queremos é que ao final seja feito justiça. Este o sentimento que as pessoas falam. E eu vou estar torcendo que seja feito justiça, pois é investigado.

Ao total foram analisadas 80 declarações. As fontes a favor da condenação tiveram 40 declarações referenciadas nas matérias. Já as fontes contra a condenação totalizaram 18 declarações e as fontes neutras representaram 22 declarações:

Gráfico 5 - Posição quanto ao júri (declarações)





Na análise diária é possível verificar resultados semelhantes à análise de fontes quanto ao posicionamento. O principal apontamento relevante dessa análise diz respeito ao tamanho proporcionado a cada um dos lados ao longo dos dias. No dia 26/11/2021 temos uma fonte a favor e uma contra. No entanto, a favor tem o espaço de 7 declarações e contra possui 6 declarações. Da mesma forma, no dia 27/11/2021 temos 12 declarações de fontes contra e logo na sequência, dia 29/11/2021 temos 22 declarações a favor:

Tabela 3 - Posição quanto ao júri (declarações)

Posição quanto ao júri (declarações)			
<b>24/11/2021</b> <b>2 matérias</b> <b>2 fontes</b>	A favor da condenação	Contra a condenação	Neutro
	0	0	16
<b>25/11/2021</b> <b>1 matéria</b> <b>1 fonte</b>	A favor da condenação	Contra a condenação	Neutro
	8	0	0
<b>26/11/2021</b> <b>2 matérias</b> <b>2 fontes</b>	A favor da condenação	Contra a condenação	Neutro
	7	6	0
<b>27/11/2021</b> <b>4 matérias</b> <b>4 fontes</b>	A favor da condenação	Contra a condenação	Neutro
	0	12	4
<b>29/11/2021</b> <b>2 matérias</b> <b>3 fontes</b>	A favor da condenação	Contra a condenação	Neutro
	22	0	0
<b>30/11/2021</b> <b>2 matérias</b> <b>4 fontes</b>	A favor da condenação	Contra a condenação	Neutro
	3	0	2

Todas as declarações analisadas não necessariamente representam uma opinião sobre o andamento do julgamento. No entanto, representam quais fontes (a

favor, contra ou neutras) tiveram maior ou menor acionamento nas matérias analisadas.

É importante considerar que algumas declarações são maiores que outras. As declarações de Elissandro Spohr da matéria publicada no dia 27/11/2021 denominada “‘De um dia para o outro eu virei um monstro’, diz Elissandro Spohr” (Anexo I, Apêndice I) são ligeiramente maiores que boa parte das demais declarações, já que se dividem em apenas duas respostas a perguntas realizadas pelo Diário de Santa Maria.

## 5. CONCLUSÃO

O presente trabalho analisou a cobertura pré-júri do Caso da Boate Kiss, onde foram selecionadas 13 matérias publicadas no jornal Diário de Santa Maria no período de 24 a 30 de novembro de 2021. Esse período compreende os 7 dias anteriores ao dia do julgamento dos réus acusados da morte de 242 vítimas. Foram analisadas 80 citações literais das diferentes fontes acionadas pelo jornalismo.

O objetivo principal do trabalho era compreender o uso das fontes dentro do discurso. A partir disso, esclarecer quais fontes tiveram visibilidade, como foram utilizadas fontes ligadas aos acusados e às vítimas, analisar os efeitos valorativos das declarações das fontes e por fim compreender se houve padrões no acionamento das fontes.

Observamos uma dificuldade em agrupar as fontes de uma forma mais objetiva durante o desenvolvimento do trabalho. Em geral, as fontes não têm um único papel e suas declarações não têm um único efeito. No entanto, foi observado qual classificação mais se encaixava naquele contexto, embora pudessem haver outros sentidos atrelados ao seu uso na matéria.

Foi possível concluir que 80% das declarações tinham o efeito valorativo de opinião e, por isso, dão um direcionamento para a grande maioria das matérias (seja ele a favor ou contrário à condenação). Podemos inferir, portanto, que as fontes testemunhais neste caso funcionaram como definidores primários, ou seja, tiveram papel relevante na angulação das notícias.

É notável que não houve preocupação na busca por fontes que representassem neutralidade do que era dito. É importante considerar que o contexto digital influencia o que é pautado no jornal pois compreende um ambiente de compartilhamento e engajamento de publicações em redes sociais sobre as matérias. Isso pode ter sido um fator determinante para a preferência por declarações opinativas e com teor mais polêmico.

Mais de 85% das fontes referenciadas nas matérias eram testemunhais, portanto também é possível atribuir o efeito de opinião à característica das fontes.

No caso da busca por fontes que tragam o efeito de informação, seria mais lógico se utilizar de fontes como autoridades e especialistas. O teor das fontes testemunhais tornam as notícias com maior peso emocional, já que os testemunhos são relatos envolventes que acionam o “fazer sentir”.

O jornal Diário de Santa Maria realizou um acionamento maior de fontes a favor em detrimento das fontes contrárias e neutras em relação à condenação. O fato de ser um jornal local faz com que o Diário de Santa Maria fique muito próximo dos sobreviventes e familiares de vítimas. Isso acaba tornando natural, nesse momento, a solidarização do veículo para com as famílias e acaba dedicando maior espaço de fala para esses. Tal prática não pode ser determinada como correta ou incorreta pois não existe consenso sobre essa prática dentro do exercício do jornalismo.

Não foi possível identificar uma prática de acionamento de fontes ao longo das matérias, pois a grande maioria delas possui apenas uma fonte referenciada. A especificidade do momento trouxe produções diferentes do habitual da prática do jornal a fim de caracterizar uma série mais especial a respeito da reconstrução e continuidade dos fatos. Dessa forma, o jornal buscou trabalhar matérias focadas em apenas uma fonte e trouxe mais profundidade dentro de cada uma.

Constatamos, ao final, a diversidade de questões que interferem na construção do discurso jornalístico e na escolha das fontes, bem como na edição de suas declarações literais, que vão desde questões pontuais da prática jornalística até a necessidade de o jornal estar próximo dos cidadãos. O contrato de leitura proposto pelo jornal Diário passou por visadas de credibilidade, afinal as informações factuais sobre o júri tiveram certamente seu espaço, mas também por visadas de captação. Por ser um jornal local, optou por dar voz a quem contava histórias para além da informação propriamente dita. Podemos concluir que, do ponto de vista do uso das fontes, o jornal fez uma cobertura pré-juri compassada com a comoção, ao dar voz prioritariamente a pessoas que relataram o entorno das questões judiciais.

## REFERÊNCIAS

BOMFIM, Filomena Maria Avelina *et al*, (org.). **Tom regional**: a voz dos filhos da terra. Arcos: GEEDS, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2015.

MOTTA, Juliana. **O testemunho de urgência nas coberturas de tragédia**: funções autorizadas pelo telejornalismo. 2022. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal de Santa Maria.

MOTTA, Juliana. **Os testemunhos na cobertura ao vivo do incêndio da Boate Kiss**. 2016. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal de Santa Maria.

NICOLATO, Roberto (org.). **Teorias do Jornalismo**. 1. ed. Curitiba: InterSaberes, 2019.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2012.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias**: ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.

SILVEIRA, Ada C. Machado da (org.). **Midiatização da tragédia de Santa Maria**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2018.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade**: além do espelho e das construções. Florianópolis: Insular, 2009.

## APÊNDICE A - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO I

<b>Título da matéria:</b> Relatos da Kiss: o silêncio de Santa Maria na segunda-feira, dia posterior à tragédia			
<b>Data:</b> 27/11/2021			
<b>Fonte 1</b>	<b>Nome da fonte:</b>	Gabriela Zanolla	
	<b>Identificação da fonte:</b>	Médica	
	<b>Classificação da fonte:</b>	Testemunhal	
	<b>Declaração 1:</b>	“É a cena que eu queria apagar da memória, mas quando fecho o olho, lembro exatamente disso.”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 2:</b>	“Todos os hospitais estavam lotados, clínicas também abrigaram pessoas. Naquela época, os locais não tinham estrutura ou não estavam acostumados a receber pacientes com tamanha gravidade - lembra.”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Testemunho
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 3:</b>	“Nós fazíamos um comboio de ambulâncias para transferir os pacientes que precisavam de tratamento que não tínhamos condições de oferecer aqui. Acho que não teve ninguém da área da saúde que, no final daquela semana, não chorasse de tristeza profunda por vivenciar aquilo. Foi desgastante porque alguns pacientes graves demoraram muito tempo para sair e outros, apesar de todo o esforço, partiram.”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Testemunho
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 4:</b>	“Aquele dia, eu lembro até hoje, que a cidade estava em silêncio. Na rua, mesmo com os carros andando, parecia um feriado nobre,	

		<p>porque todo mundo falava baixinho, não tinham buzinas. Estavam todos chocados, tristes e respeitando a dor alheia e a dor da cidade. Em cada local que a gente passava de ambulância, tinha um jovem sendo velado. Eu lembro dessa segunda-feira até hoje - finaliza.”</p>	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Testemunho
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<p><b>É uma fonte interessada que se posiciona sobre o júri? Como?</b></p>	<p>Posição: Neutro          Não se posiciona sobre julgamento.          Não é uma fonte interessada.</p>	

## APÊNDICE B - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO II

<b>Título da matéria:</b> 'Nada será igual à perda dos nossos filhos', diz presidente da AVTSM às vésperas do júri		
<b>Data:</b> 29/11/2021		
<b>Fonte 1</b>	<b>Nome da fonte:</b>	Flávio Silva
	<b>Identificação da fonte:</b>	Presidente da Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM)
	<b>Classificação da fonte:</b>	Institucional
	<b>Declaração 1:</b>	“Eu vou de qualquer jeito, nem que seja fugido. É aquela história "se tu fores, tu podes morrer. Se tu não fores, podes morrer também", então eu vou. Eu fico preocupada com elas (esposa e filha). Vão ter muitas reações. Vão nos mostrar muitas coisas que vão ser chocantes, mas é um mal necessário. Nada será igual à perda dos nossos filhos.”
		<b>Efeitos da declaração:</b> Opinião
		<b>Visada da declaração:</b> Captação
	<b>Declaração 2:</b>	“Passou nove anos, mas o corpo parece que andou e a alma ficou parada. Eu olho muitas fotos antigas, minha, do Sérgio (da Silva, que foi presidente da AVTSM antes de Flávio), com cabelo escuro e cheio. Minha mãe tomava muito remédio e eu sempre fui contra tomar medicação. Agora, chega de noite, são oito, nove comprimidos. De manhã, mais um pouco. A Kiss não terminou com aqueles 242 mortos, ela continua matando. Vários pais perderam a vida. Acompanhamos muitas pessoas que perderam a vontade de viver. Isso reflete na gente. Quando o Sérgio enfartou, ali, ligamos um alerta.”
		<b>Efeitos da declaração:</b> Opinião
		<b>Visada da declaração:</b> Captação
	<b>Declaração 3:</b>	“Isso é mais uma jogada de marketing. Todo mundo fala do envolvimento de A, B ou C, mas



		<p>a gente tem se concentrado nos quatro réus. O depoimento deles não vai ser analisado para que sejam responsabilizados. Estamos focados nos réus. Não faz diferença nenhuma eles deporem ou não. A defesa está demonstrando desespero e insegurança por não ter meios para poder desqualificar o crime ou absolver o cliente dele. O objetivo é tumultuar o processo, convencer a opinião pública de que o cliente dele é uma vítima e não réu. Eles querem confundir os jurados. O advogado sempre falou que o cliente dele não queria matar ninguém. Minha filha saiu para comemorar o aniversário. Ela não disse que queria sair de casa para morrer”</p>
	<p><b>Efeitos da declaração:</b></p>	<p>Opinião</p>
	<p><b>Visada da declaração:</b></p>	<p>Captação</p>
	<p><b>Declaração 4:</b></p>	<p>“Muitas famílias se dissolveram. Muitas famílias se separaram porque os pais não conseguiram lidar com isso tudo. Nós temos outra filha, e houve uma preocupação de que ela se sentisse esquecida e abandonada. Mas ela pensava o mesmo que nós, e disse que estranharia se não fizéssemos nada, acomodados. Se tivesse sido o contrário, com certeza a Andrielle faria o mesmo.”</p>
	<p><b>Efeitos da declaração:</b></p>	<p>Opinião</p>
	<p><b>Visada da declaração:</b></p>	<p>Captação</p>
	<p><b>Declaração 5:</b></p>	<p>“Eu fui uma das pessoas que mais resistiu ao atendimento psicológico. Na gestão do Sérgio, tivemos muitas conquistas, e uma delas foi a de conseguir medicamento para os familiares e sobreviventes. O Estado foi relaxando na entrega e nós conseguimos. Se não fosse isso, muitos não teriam condições financeiras de manter seus tratamentos. Eu recebia ligações de mães desesperadas. Enquanto estamos correndo, lutando, não sentimos, mas quando paramos e olhamos para dentro, percebemos que estão recuperados. Hoje mesmo, fui ao centro, passei na tenda da vigília para pegar um pouco de energia. Sinto-me à vontade lá, peço</p>

		que emanem boas energias para a gente. Precisava ir, e me senti muito melhor. ”
		<b>Efeitos da declaração:</b> Opinião
		<b>Visada da declaração:</b> Captação
	<b>Declaração 6:</b>	“Há umas semanas eu perdi até a voz. Andava muito cansado e achei que ia me atacar da garganta. Fui notando que a cada dia o som da minha voz ia sendo abafado. Numa noite, antes de consultar com o psiquiatra, sentia que parecia que tinha sido "concretado" e esmagava tudo, até os ossos. Expliquei o que estava sentindo e o médico já conseguiu uma consulta imediatamente com o cardiologista. Fiz um eletrocardiograma e foi detectada uma espécie de uma isquemia cardiovascular. Eu deveria passar por um cateterismo. Ele me deu um medicamento e ficamos esperando. Fiquei em dúvida se deveria fazer porque seria nas vésperas do júri e tinha medo que o resultado não fosse bom. Mas a esposa começou a pressionar e eu fui.”
		<b>Efeitos da declaração:</b> Testemunho
		<b>Visada da declaração:</b> Captação
	<b>É uma fonte interessada que se posiciona sobre o júri? Como?</b>	Posição: A favor da condenação. É pai de uma vítima.
<b>Fonte 2</b>	<b>Nome da fonte:</b>	Ligiane Righi da Silva
	<b>Identificação da fonte:</b>	Esposa do presidente da Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM)
	<b>Classificação da fonte:</b>	Testemunhal
	<b>Declaração 1:</b>	“Mudou tudo completamente. Imagina, num sábado, a filha mais velha sai para comemorar o aniversário e domingo, somos nós três em casa. Aquela vida que a gente tinha, nunca mais. Quando que eu poderia imaginar que eu estaria na rua pedindo Justiça? Nunca! Nós não somos

	<p>mais os mesmos. São altos e baixos. É torturante demais o fim de ano, o mês de janeiro, que antes era motivo de festa, já que a Andri e a Gabi fazem aniversário em janeiro.”</p>				
	<table border="1"> <tr> <td><b>Efeitos da declaração:</b></td> <td>Opinião</td> </tr> <tr> <td><b>Visada da declaração:</b></td> <td>Captação</td> </tr> </table>	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião				
<b>Visada da declaração:</b>	Captação				
<b>Declaração 2:</b>	<p>“Se for justo, sim, mas se não for justo vai só piorar. E os pais? E os irmãos? E o buraco que ficou? E o vazio naquela família? E os sonhos e planos daqueles jovens? Eles têm responsabilidade! Então, que cada um pague pela sua responsabilidade. Não é vingança. Eles não sabem lidar com o tamanho do amor que temos pelos nossos filhos.”</p>				
	<table border="1"> <tr> <td><b>Efeitos da declaração:</b></td> <td>Opinião</td> </tr> <tr> <td><b>Visada da declaração:</b></td> <td>Captação</td> </tr> </table>	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião				
<b>Visada da declaração:</b>	Captação				
<b>Declaração 3:</b>	<p>“Nós três temos. Eu comecei em 2016, quando a luz vermelha acendeu. Queria ir para o chão devagar. A gente recebe muita informação. Além de não ter mais a nossa filha, lidar com o julgamento das pessoas é muito difícil. Ficar atrás de um computador escrevendo barbaridades é fácil, mas ninguém se coloca no nosso lugar. Não precisa perder um filho para respeitar o que sentimos. Ninguém faz ideia do que passamos. Cada um sente diferente, mas não deixa de doer. Dói todos os dias. Não tem um dia que eu não lembre ela. Já recebi críticas de pessoas que dizem que não vem na minha casa porque tem fotos dela espalhadas. Sempre vai ter fotos dela aqui.”</p>				
	<table border="1"> <tr> <td><b>Efeitos da declaração:</b></td> <td>Opinião</td> </tr> <tr> <td><b>Visada da declaração:</b></td> <td>Captação</td> </tr> </table>	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião				
<b>Visada da declaração:</b>	Captação				
<b>Declaração 4:</b>	<p>“Foi aí que a Gabi assumiu e disse: “o pai precisa se acalmar, não vai mais dar entrevista”. Eu tentei argumentar que ele era o presidente da associação e precisava falar, então ela disse “antes de ser presidente, ele é meu pai”. Foi aí que ele parou porque a filha dele estava pedindo. Precisamos pensar na gente também.</p>				

		Faz nove anos, mas para a gente não passou. A sensação é a mesma. Eu me lembro de tudo, está tudo marcado. Nunca vou esquecer.”
		<b>Efeitos da declaração:</b> Opinião
		<b>Visada da declaração:</b> Captação
	<b>Declaração 5:</b>	“Depois de um tempo, colocamos tudo dela em cima da cama e separamos o que a Gabi queria para ela e o restante, doamos. Ficaram a cama e os ursinhos que ela gostava. O essencial está aqui (coloca a mão no coração, emocionada). Quando a gente arrumou as coisas dela, eu coloquei as miudezas dentro de uma caixa. Eu guardei o vestido de um aninho delas, os dois, coincidentemente, de marinheira. Entreguei para a Gabi e disse "esse é teu tesouro". São 22 anos em uma caixa. Eu desejo que nenhum pai e mãe passe pelo que estamos passando.”
		<b>Efeitos da declaração:</b> Opinião
		<b>Visada da declaração:</b> Captação
	<b>É uma fonte interessada que se posiciona sobre o júri? Como?</b>	Posição: A favor da condenação. É mãe de uma vítima.

## APÊNDICE C - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO III

<b>Título da matéria:</b> ‘Não existia relação com familiares’, diz Pozzobom sobre prefeitura e AVTSM		
<b>Data:</b> 24/11/2021		
<b>Fonte 1</b>	<b>Nome da fonte:</b>	Jorge Pozzobom
	<b>Identificação da fonte:</b>	Prefeito de Santa Maria
	<b>Classificação da fonte:</b>	Oficial
	<b>Declaração 1:</b>	“Quando assumimos a prefeitura, não existia relação. O primeiro ato assinado foi a criação de um grupo de acolhimento. Não nos omitimos em nada. Tivemos momentos tensos, mas hoje a relação e a não omissão têm uma ponte que se chama confiança. Isso está consolidada. Todo dia 27, damos o apoio logístico. A prefeitura não se mete em nada. Eles dizem o que precisam, e nós damos o apoio. Eu não deixaria minha vontade, seja como prefeito ou cidadão, ser maior que da associação. Tem que ter solidariedade, amor, respeito. Paciência, sim. Para entender. E empatia. Temos que entender o que um pai e uma mãe sofrem.”
	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 2:</b>	“Entre a prefeitura e a associação acho que isso é natural. E eu reconheço muito o esforço da prefeitura em criar relação no começo do mandato. Os momentos tensos que nós tivemos são aqueles que chegavam alguns dos membros da associação, que começavam a lembrar de tudo que aconteciam, né? Mas eu quero pegar esse exemplo de confiança que criou e passar para todos os outros prefeitos que vierem para Santa Maria.”
	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 3:</b>	“Muita gente já se meteu (nessa relação

		<p>jurídica), muita gente abriu isso criou angústia, criou coisas. Então essa relação jurídica eu não vou me meter nisso aí. Tem a Justiça lá para fazer, vai ter os jurados que representam a sociedade. Me perguntaram o que eu acho do júri sair Santa Maria e ir para Porto Alegre. Não tem o que eu achar. A Justiça não cabe a mim dizer o que que é essa situação. Então, o que todos nós queremos é que ao final seja feito justiça. Este o sentimento que as pessoas falam. E eu vou estar torcendo que seja feito justiça, pois é investigado.”</p>		
		<table border="1"> <tr> <td data-bbox="722 707 1091 768"><b>Efeitos da declaração:</b></td> <td data-bbox="1091 707 1426 768">Opinião</td> </tr> </table>	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião			
		<table border="1"> <tr> <td data-bbox="722 779 1091 840"><b>Visada da declaração:</b></td> <td data-bbox="1091 779 1426 840">Captação</td> </tr> </table>	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>Visada da declaração:</b>	Captação			
	<p><b>Declaração 4:</b></p>	<p>“Para os pais, é a condenação de todos eles. Mas eu não quero me meter nessa questão de ser condenado ou não ser condenado, porque pode ser que um jurado entenda que não tem que ser condenado, tem que ser os outros condenados. E não sou jurado, né? Então essa relação do júri, esse processo, eu não quero e não vou me meter, porque qualquer coisa falada, eu vou atrapalhar. O júri está lá de ter consolidado, já começaram a fazer o sorteio dos jurados. Então, a minha missão aqui é cuidar dessa gente, né? Então essa é a minha maior missão, né? Não que eu não queira me omitir dessa situação, mas é a missão do prefeito. Eu não sou só o Jorge, né? Eu sou o prefeito da cidade e tenho que dar o exemplo de acolhimento, então é isso que nós vamos fazer.”</p>		
		<table border="1"> <tr> <td data-bbox="722 1503 1091 1563"><b>Efeitos da declaração:</b></td> <td data-bbox="1091 1503 1426 1563">Opinião</td> </tr> </table>	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião			
		<table border="1"> <tr> <td data-bbox="722 1574 1091 1637"><b>Visada da declaração:</b></td> <td data-bbox="1091 1574 1426 1637">Captação</td> </tr> </table>	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>Visada da declaração:</b>	Captação			
	<p><b>Declaração 5:</b></p>	<p>“Eu era advogado da boate Absinto (que era de Hoffmann). Quando deu o fato, renunciei todos os processos. Eu não queria participar da comissão, estava muito abalado. O colegiado pediu. Eu não me omiti. Na verdade, teve uma questão política. Esperaram eu assumir a comissão para largarem para imprensa que fui advogado do Mauro, o que todo mundo sabia. Fiquei 10 anos advogando para o Absinto, que</p>		

		em questão de segurança nunca teve problema. ”
		<b>Efeitos da declaração:</b> Testemunho
		<b>Visada da declaração:</b> Informação
	<b>Declaração 6:</b>	“O julgamento não vai acabar em dezembro. Vai ter recurso. Não sabemos quando vai acabar. Temos de estar preparados. Vai longe. Recurso de tudo que é lado. A missão é terminar o julgamento, sentar com as famílias e perguntar: "o que vocês querem que façamos?". Vamos acolher eles novamente. A decisão do júri será um novo marco para a cidade. Vamos se libertar. Em qualquer lugar, Santa Maria remete à boate Kiss. Como podemos superar? É uma dor do mundo inteiro.”
		<b>Efeitos da declaração:</b> Opinião
		<b>Visada da declaração:</b> Captação
	<b>É uma fonte interessada que se posiciona sobre o júri? Como?</b>	Posição: Neutro. A fonte diz que são os jurados que devem decidir quem deve ser responsabilizado.

## APÊNDICE D - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO IV

<b>Título da matéria:</b> Em coletiva de imprensa, advogado de Elissandro Spohr apresenta nova maquete interna da boate			
<b>Data:</b> 26/11/2021			
<b>Fonte 1</b>	<b>Nome da fonte:</b>	Jader Marques	
	<b>Identificação da fonte:</b>	Advogado de defesa do réu do caso Kiss Elissandro Spohr (Kiko)	
	<b>Classificação da fonte:</b>	Especializada	
	<b>Declaração 1:</b>	“A situação não está sendo explorada como deveria. São só quatro réus, mas há mais pessoas envolvidas. O PPCI (Plano de Prevenção e Proteção Contra Incêndio) da boate em 2009 foi aprovado pelos bombeiros. Tudo foi feito conforme o que foi determinado pelos bombeiros. Em 2001, os bombeiros estiveram na casa fiscalizando. Como foi aprovado o PPCI em 2009 se a boate era mais insegura? Em 2009, quando comprou a boate, meu cliente pediu a renovação do plano de incêndio e alguém esteve lá aprovando.”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 2:</b>	“Ela peca nos centímetros de definição de elementos no interior da boate que são muito importantes. Se essa maquete for mantida, é preciso observar os erros.”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 3:</b>	“O Lozza (promotor) provavelmente não sabia da existências das espumas, mas alguém do Ministério Público foi lá fotografar e, possivelmente, sabia.”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação



	<b>Declaração 4:</b>	“É possível que ele tenha colocado a espuma, mas não sabia do perigo delas. Ela foi comprada em uma loja de colchões. O ambiente precisava de qualidade de som. Outras casas noturnas da cidade tinham a mesma espuma. O que precisa ser discutido é o modo despreocupado com que são vendidas essas espumas ao público. Procurem aí na internet. Vocês encontram para vender em qualquer site. Há com e sem anti-chamas, mas todas são inflamáveis. Foi uma atitude de desespero do meu cliente instalar a espuma depois de gastar R\$ 200 mil em obras.”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 5:</b>	“Por que bombeiros, Ministério Público e prefeitura não assumem também? Os únicos que apontaram os verdadeiros responsáveis pelo incêndio foram os delegados Marcelo Arigony e Sandro Meinerz no relatório final da Polícia Civil. Todos ali tinham o poder/dever de impedir o funcionamento da boate. Todos deveriam estar no banco dos réus.”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 6:</b>	“Não há nada a ser encoberto. São manifestações legítimas de quem sofre, e que ano a ano se agrava pela demora do processo. De maneira silenciosa, acompanhamos entrevistas, documentários, notícias sobre o sofrimento de todos, um sofrimento legítimo, mas o dele não era legitimado. Foram nove anos mostrando só um lado da dor. Agora mostramos o que ele tem passado. É alguém que está parado desde 27 de janeiro de 2013”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>É uma fonte interessada que se posiciona sobre o</b>	Posição: Contra condenação. É advogado de um dos réus.		

	<b>júri? Como?</b>	
--	--------------------	--

## APÊNDICE E - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO V

<b>Título da matéria:</b> Relatos da Kiss: sobrevivente relembra a dor e as feridas causadas pela tragédia			
<b>Data:</b> 24/11/2021			
<b>Fonte 1</b>	<b>Nome da fonte:</b>	Gabriel Rovadoschi Barros	
	<b>Identificação da fonte:</b>	Psicólogo; sobrevivente da tragédia na Boate Kiss.	
	<b>Classificação da fonte:</b>	Testemunhal	
	<b>Declaração 1:</b>	“Acho que cheguei por volta das 11h30min na fila. Lembro até de brincar que só na fila já tinha mais gente do que tinha na noite anterior na festa. Quando ainda estava na fila, eu vi amigos do Ensino Médio subindo a rua e entramos na festa juntos. Na primeira noite que tinha ido, eu lembro de ficar em um só lugar dentro da boate. Na segunda, eu circulei bastante, fui para a área da frente do palco, para a área do bar, e na parte central da boate. Lembro que era bastante gente, estava bem cheio - relata.”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Testemunho
		<b>Visada da declaração:</b>	Informação
	<b>Declaração 2:</b>	“Poucos minutos depois que eles saíram, a música parou. Esse foi o primeiro sinal que alguma coisa estava acontecendo. Eu lembro de escutar um murmurinho dizendo que era briga e vi todas as cabeças se voltando em direção ao palco.”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Testemunho
		<b>Visada da declaração:</b>	Informação
	<b>Declaração 3:</b>	“Abriu um vãozinho entre as pessoas e me coloquei no meio. Dei poucos passos e a multidão travou porque as portas de entrada estavam bloqueadas. Eu ainda achava que era briga até que a fumaça chegou em mim. No primeiro relance de fumaça, que na minha visão era branca, eu pensei que tinham largado gás lacrimogênio para dispersar o pessoal. Só que	

	no instante seguinte que o pensamento passou na minha cabeça, a fumaça ficou preta, e eu entendi que era incêndio.”	
	<b>Efeitos da declaração:</b>	Testemunho
	<b>Visada da declaração:</b>	Informação
<b>Declaração 4:</b>	“Muita coisa do caminho eu não via no momento, primeiro porque a gente estava esmagado e segundo porque quando a fumaça chegou em mim, eu não conseguia mais enxergar. Um pouco antes de chegar na primeira porta, antes do hall, eu lembro de pensar "não vai dar”	
	<b>Efeitos da declaração:</b>	Testemunho
	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>Declaração 5:</b>	“Eu lembro de sair em pé, desnortado, enjoado do estômago e direto ligando para minha mãe.”	
	<b>Efeitos da declaração:</b>	Testemunho
	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>Declaração 6:</b>	“Eu lembro de tomar os mínimos cuidados com ela. Tentei tapar os olhos para poupa-lá daquela visão, segurei o oxigênio e também falei com a família dela.”	
	<b>Efeitos da declaração:</b>	Testemunho
	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>Declaração 7:</b>	“Percebi que talvez eu não estivesse bem e vi que algumas coisas não eram culpa minha. É muito chocante ver as nuances de tudo que aconteceu. Primeiro essa emboscada que todo mundo foi submetido, e, segundo, os mínimos passos e detalhes que foram muito precisos para eu sair daquele jeito. É muito complicado conviver com isso. Tem dias que é mais difícil falar porque a cicatriz tá mais sensível. Não é nem cicatriz, é uma ferida mesmo, não sei se isso vai cicatrizar”	
	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião

		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>Declaração 8:</b>	“Por muito tempo eu me disse que tinha gente melhor para sair no meu lugar. Quando eu peguei aquele vão no meio da multidão eu senti que eu peguei o lugar de alguém. A gente não tinha noção, era uma briga. Eu me culpei por não ter dado aquele espaço. Hoje, o grupo de sobreviventes acolhe um pouco essa dor porque a gente se identifica com esses pontos. Isso alivia um pouco, mas é longe de uma cura.”		
	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião	
	<b>Visada da declaração:</b>	Captação	
<b>Declaração 9:</b>	“Os familiares têm uma capacidade de acolher tão forte. Eu me sinto muito abraçado por todos que eu conheci até agora. É uma dor que não passa, e eu espero que o julgamento de rumo um pouco para essa dor, dê uma direção mais digna. É nítido quem é responsável, isso está escancarado, mas existe um processo que já é injusto pelo tempo de demora. A justiça é um grande medo.”		
	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião	
	<b>Visada da declaração:</b>	Captação	
<b>Declaração 10:</b>	“Eu gostaria muito que a cidade se mobilizasse, que sentisse que a dor não é só de quem viveu, que machucou a história da cidade e feriu profundamente. É muito importante que a gente possa expressar isso em um momento tão sensível, na esperança que a cidade acolha essa dor.”		
	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião	
	<b>Visada da declaração:</b>	Captação	
<b>É uma fonte interessada que se posiciona sobre o júri? Como?</b>	Posição: Neutro. A fonte não declara nada a respeito do júri. É sobrevivente.		

## APÊNDICE F - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO VI

<b>Título da matéria:</b> Relatos da Kiss: enfermeira acompanhou de perto o sofrimento de familiares e amigos das vítimas			
<b>Data:</b> 25/11/2021			
<b>Fonte 1</b>	<b>Nome da fonte:</b>	Liliane de Mello Dutra	
	<b>Identificação da fonte:</b>	Enfermeira	
	<b>Classificação da fonte:</b>	Testemunhal	
	<b>Declaração 1:</b>	“Eu fui a primeira mulher a entrar dentro da boate, depois dos bombeiros. O calor era insuportável, doía muito minha garganta. Quando entrei, eu usava, e ainda uso, uma Nossa Senhora da medalha milagrosa. Naquele momento, eu peguei a medalha e disse "minha Nossa Senhora, minha boa mãe, que eu consiga devolver essas crianças para os pais". Eu sempre chamo de crianças porque a maioria tinha idade para serem meus filhos - lembra.”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Testemunho
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 2:</b>	“Quando a gente chegou na boate um dos maiores impactos eram os celulares tocando. Já naquele momento, pactuamos que não íamos atender por respeito a protocolos mínimos.”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Testemunho
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 3:</b>	“Teve um momento, que foi um dos mais difíceis, em que eu estava ajoelhada com uma mãe. Ela já tinha feito a identificação do corpo da menina, eu levantei e abracei a mãe, porque ela estava chorando muito. Então, ela me pegou pelo braço e me disse "falta outra". Ela tinha perdido duas filhas.”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Testemunho
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação

	<b>Declaração 4:</b>	“Até a última hora, todos os pais tinham esperança que os filhos não estavam deitados ali naquele ginásio. Foi um dia muito difícil, que não pode ser em vão.”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 5:</b>	“Eu nunca vou ter a dimensão do sofrimento dessas mães. É muita dor. Quando uma mãe perde um filho, eu digo que todas as mães morrem juntas um pouquinho. Se tu perguntar para qualquer mãe, a única coisa que ela tem medo é de perder seus filhos. É um medo muito grande - lamenta.”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 6:</b>	“O que mais me dói é que pouco se aprendeu com essa tragédia. Não estou generalizando ou fazendo juízo de valor, porque não é da minha competência, mas não houve um entendimento da responsabilidade de todos enquanto entes públicos dos processos quando se fala em prevenção de incêndio, em controle e cuidados. Nós ainda não aprendemos a criar um isolamento acústico adequado, respeitar as leis que vieram pós-Kiss e as lotações dos espaços, ou a organizar os serviços de urgência e emergência na cidade - afirma.”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 7:</b>	“Não foram 242 pessoas que morreram, foram muito mais, porque morreu a esperança, o sonho e a alegria de muitos pais e muitas famílias. Não foi um fato isolado, foi um conjunto de pequenas negligências. Foi aquela certeza cruel, que alguns têm, de que vai dar tudo certo, mesmo não fazendo tudo certo.”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação

	<b>Declaração 8:</b>	“Não acredito na justiça dos homens. Eu sou católica e acredito na justiça divina, na justiça de Deus. A dor da Kiss nunca vai passar. A ferida sempre vai estar ali, mas eu espero que o julgamento ajude a colocar um curativo nesse machucado.”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>É uma fonte interessada que se posiciona sobre o júri? Como?</b>	Posição: A favor Espera ser feita justiça, para que os pais recebam alento. Não é parte interessada.	



## APÊNDICE G - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO VII

<p><b>Título da matéria:</b> Relatos da Kiss: autor da foto que circulou pelo mundo lembra como foi cobrir a tragédia  <b>Data:</b> 26/11/2021</p>			
<b>Fonte 1</b>	<b>Nome da fonte:</b>	Germano Rorato	
	<b>Identificação da fonte:</b>	Fotógrafo	
	<b>Classificação da fonte:</b>	Testemunhal	
	<b>Declaração 1:</b>	<p>“Como meus amigos sabiam que eu trabalhava no jornal, eles sempre me avisavam das ocorrências na cidade. Inicialmente, eu não levei muita fé. A gente nunca imagina que uma coisa da proporção que foi o incêndio da boate fosse acontecer. Mas, mesmo assim, eu liguei para o Fernando Ramos, que era o editor de fotografia (do Diário) na época, e avisei que recebi a ligação. O Fernando averiguou e mandou um carro me buscar.”</p>	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Testemunho
		<b>Visada da declaração:</b>	Informação
	<b>Declaração 2:</b>	<p>“Logo que cheguei, eu tomei um susto porque tinha apenas um caminhão de bombeiros e muita gente correndo, chorando, gritando. Uma visão inesperada e assustadora. Fui fazendo os primeiros cliques na descida da rua. A foto, que estampou capas de jornais pelo mundo todo, fiz logo na chegada. Acho que ficou entre os primeiros 20 cliques.”</p>	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Testemunho
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 3:</b>	<p>“Foi muito assustador. Algumas vezes tive que me afastar para pensar, tentar refletir sobre o que estava acontecendo e sobre a minha função dentro de tudo isso.”</p>	
	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião	

		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 4:</b>	<p>“Eu sempre tentei tomar um cuidado em mostrar na minha fotografia o que realmente estava acontecendo, mas sem expor as vítimas, com respeito aos familiares. Na Kiss, eu agi da mesma forma, mas uma hora eu fiquei confuso de qual era minha função ali, porque eu estava a trabalho, mas via pessoas precisando de ajuda ao mesmo tempo. Eu tentei ajudar de alguma forma. Uma hora fui quase agredido por estar fotografando. Nesse momento, eu me afastei, parei pra conversar comigo mesmo e ver a minha real função. Cheguei numa conclusão que eu estava ali para executar meu trabalho da melhor forma possível.”</p>	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 5:</b>	<p>“Fica um conflito, porque é uma ascensão profissional através de uma tragédia que vitimou 242 pessoas. De maneira alguma, eu gostaria de ter o meu crescimento profissional atrelado a uma tragédia. Por isso, eu sempre tentei ser o mais discreto possível, nunca usei as capas para crescer, em respeito a todas as vítimas. Até porque eu sou de Santa Maria, eu sofri junto com a cidade.”</p>	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 6:</b>	<p>“É uma lembrança triste por tudo que essas famílias passaram. Foi uma das piores partes ver tantas pessoas sofrendo.”</p>	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 7:</b>	<p>“Essa história não pode ser apagada. Providências e atitudes têm de ser tomadas para que isso não se repita e para que essas pessoas não sejam esquecidas.”</p>	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião

		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>É uma fonte interessada que se posiciona sobre o júri? Como?</b>	Posição: A favor da condenação. Não é parte interessada no julgamento.	

## APÊNDICE H - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO VIII

<b>Título da matéria:</b> Réu do caso Kiss, Marcelo de Jesus dos Santos passa a maior parte do tempo em casa			
<b>Data:</b> 27/11/2021			
<b>Fonte 1</b>	<b>Nome da fonte:</b>	Tatiana Borsa	
	<b>Identificação da fonte:</b>	Advogada	
	<b>Classificação da fonte:</b>	Testemunhal	
	<b>Declaração 1:</b>	“Ele não andou mais no Calçadão de Santa Maria. Nunca mais foi. O Marcelo não sai sozinho. Nunca foi agredido ou ameaçado por alguém na rua. Pelo contrário, quando as pessoas reconhecem ele, uma mãe, inclusive, pediu para dar um abraço nele. Compreendem a posição dele de músico.”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 2:</b>	“Prestes a chegar ao júri, a gente tem se falado todos os dias. Mais de uma vez por dia. Na expectativa de acontecer esse júri. É só isso que ele quer. Ele me diz: "doutora, a minha vida parou””	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 3:</b>	“Ele se mantém mais afastado. Ele olha, mas evita. Agora, é uma sugestão que eu dei: "Se tiver que olhar, liga para mim". Ele não se vitimiza, mas sente a dor dos pais.”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 4:</b>	“O Marcelo está com a expectativa de acabar isso. Para ele voltar a viver e ter uma vida. Ele diz: "As pessoas acham que, condenando, vai passar isso. Eu já estou condenado. Sempre	

		vou ser o Marcelo da Kiss". Ele diz que dorme e acorda pensando nisso. Ele diz: "Eu estou morto. Entendo os pais porque eu sou pai". Ele diz que nem dorme, que só vai acabar quando acabar o júri."
		<b>Efeitos da declaração:</b> Opinião
		<b>Visada da declaração:</b> Captação
	<b>Declaração 5:</b>	"Eu acho que foi uma fatalidade. A maior responsabilidade é de quem está acusando. Quem está acusando devia estar no banco dos réus. O poder público devia ter impedido que a casa abrisse. É muito mais fácil acusar "os mais fracos", do que se responsabilizar. A casa não era para estar aberta. Tenho certeza que o Kiko (Elissandro) jamais queria que acontecesse essa tragédia. O Marcelo muito menos."
		<b>Efeitos da declaração:</b> Opinião
		<b>Visada da declaração:</b> Captação
	<b>É uma fonte interessada que se posiciona sobre o júri? Como?</b>	Posição: Contra a condenação. É advogada de um dos réus.

## APÊNDICE I - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO IX

<b>Título da matéria:</b> 'De um dia para o outro eu virei um monstro', diz Elissandro Spohr		
<b>Data:</b> 27/11/2021		
<b>Fonte 1</b>	<b>Nome da fonte:</b>	Elissandro Spohr
	<b>Identificação da fonte:</b>	Sócio da boate Kiss e réu do júri
	<b>Classificação da fonte:</b>	Testemunhal
	<b>Declaração 1:</b>	<p>“É preciso ficar muito claro que nunca fugi das minhas responsabilidades. Assim como não fugia das minhas obrigações antes do acontecimento. Eu era um empresário que confiava no poder público e honrava todas as guias de impostos. E da noite para o dia, passei a ser acusado de tirar a vida de muitas pessoas propositalmente. Pessoas que eram minhas amigas e por muito pouco eu mesmo, a minha a mulher e a minha filha não morremos. Por que eu faria isso de propósito? Os pais de frequentadores menores de idade iam até a boate para saber como funcionava para os filhos assistirem aos shows. Além de sempre orientar que não poderiam entrar sem a presença de um responsável, nós mostramos todas as medidas de segurança: as luzes, os extintores, as reformas que nos mandaram fazer e especialmente todos os alvarás pendurados nas paredes. Aqueles papéis estavam ali para afirmar para mim e para meus clientes que a minha boate era segura. Por que antes do incêndio ninguém disse que a Kiss era perigosa? Por que os agentes públicos que entraram lá não avisaram? Por que recebi todos os alvarás? Por que o MP, que é a maior autoridade de controle, mandou fazer uma reforma que terminou numa tragédia? Quem deixou a Kiss funcionar tem culpa e deveria estar comigo lá no julgamento.”</p>
	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião

		Visada da declaração:	Captação
	<b>Declaração 2:</b>	<p>“É horrível. Eu não comprei a Kiss para matar ninguém. Até mesmo falar com o Diário de Santa Maria é estranho. Sempre dei entrevista para esse jornal para falar de empreendedorismo e de alegria. Agora preciso falar sobre essa situação dolorosa. Mas eu ainda sou o Kiko. Aquele cara que qualquer pessoa tinha o telefone para pedir ingresso. Aquele que todo mundo abraçava e chamava de amigo. Aquele jovem que antes era convidado e bem-vindo, mas que agora precisa montar um esquema de segurança para conseguir sair de casa. Ser réu, ser considerado um assassino, tudo isso é horrível. Especialmente porque eu tinha certeza que estava fazendo tudo certo. De um dia para o outro eu virei um monstro. Eu vivo o dia 27 de janeiro todos os dias. Faria o possível e o impossível para que nada daquilo tivesse acontecido. Santa Maria tinha lugares muito mais perigosos que a Kiss que ficaram abertos anos. Acredito que muita gente lembra da estrutura da boate do DCE. As pessoas faziam festa lá, mas nunca se sentiam seguras. Os frequentadores sempre comentavam sobre a falta de estrutura de escape e de iluminação adequada. O que aconteceu na Kiss foi um choque de realidade. Descobri que não se pode confiar no Poder Público e que é fundamental para um empresário desconfiar se está tudo certo de fato mesmo com todos os alvarás, mas eu soube disso da pior maneira. Desde o primeiro dia após o incêndio, estou disponível para dar todas as informações. Eu sempre assumi minhas responsabilidades e a minha culpa. Porque eu tenho responsabilidade sim, por ter acreditado na prefeitura, nos Bombeiros e especialmente no Ministério Público. Culpa por acreditar que um papel pendurado na parede e guias caríssimas pagas deixavam o meu estabelecimento seguro para eu trabalhar e receber meus clientes, amigos e familiares. Eu não tive intenção de matar ninguém. Eu não comprei uma arma, eu comprei uma boate pronta, com todos os documentos e fui submetido a um TAC (termo de ajuste de conduta). A boate sofreu dois TACs. Com o</p>	

		<p>antigo dono e comigo. Por que não fecharam? Porque tudo que eles mandavam era feito. Tudo. Exatamente tudo. Eles entravam pelas mesmas portas, com a mesma iluminação, com os mesmos extintores e me diziam: está tudo certo. Eu quero responder tudo que for da minha responsabilidade. Repito isso há quase nove anos. Mas quero saber qual a resposta que o poder público vai dar para a sociedade gaúcha além de escolher quatro culpados. Porque depois da Kiss, o Mercado Público de Porto Alegre pegou fogo. A Secretária Estadual de Segurança pegou fogo. O hospital federal Bonsucesso pegou fogo no Rio de Janeiro. O Museu Nacional pegou fogo. Um dos depósitos do Detran-RS acabou de incendiar esta semana. Entendo que muita gente quer se sentir vingado, entendo mesmo. É a dor de quem perde. Mas o júri é sobre justiça e não haverá justiça se somente quatro pessoas forem culpadas por um erro cometido por muitas pessoas com cargos públicos e seus altos salários e mordomias. A mesma mão que abriu a porta da boate para funcionar, agora grita aos quatro ventos para me acusar. A sociedade precisa escolher se quer vingança ou justiça. Dia 1º estarei mais uma vez disposto a falar e assumir toda minha responsabilidade. E o promotor (Ricardo) Lozza? Vai aparecer?”</p>		
		<table border="1"> <tr> <td data-bbox="715 1319 1091 1391"><b>Efeitos da declaração:</b></td> <td data-bbox="1091 1319 1441 1391">Opinião</td> </tr> </table>	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião			
		<table border="1"> <tr> <td data-bbox="715 1391 1091 1462"><b>Visada da declaração:</b></td> <td data-bbox="1091 1391 1441 1462">Captação</td> </tr> </table>	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>Visada da declaração:</b>	Captação			
	<p><b>É uma fonte interessada que se posiciona sobre o júri? Como?</b></p>	<p>Posição: Contra a condenação. É um dos réus.</p>		



## APÊNDICE J - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO X

<b>Título da matéria:</b> 'Há quase nove anos, tento trazer minha verdade', diz Luciano Bonilha Leão		
<b>Data:</b> 27/11/2021		
<b>Fonte 1</b>	<b>Nome da fonte:</b>	Luciano Bonilha Leão
	<b>Identificação da fonte:</b>	Ex-rodie da banda Gurizada Fandangueira e réu do júri
	<b>Classificação da fonte:</b>	Testemunhal
	<b>Declaração 1:</b>	“Tenho uma empresa de sonorização e trabalho para outras como freelancer. Comecei três meses antes de começar como roadie da banda (Gurizada Fandangueira). Fiquei um ano sem trabalhar, depois voltei. A primeira festa que toquei foi uma formatura de Direito. De surpresa, a primeira mesa era com os delegados que tinham trabalhado no caso. Eu tive que ser forte para mostrar quem é o Luciano. E sigo. As pessoas me conhecem. Todo cidadão tem uma história, e a minha sempre foi de alguém que trabalha - conta.”
	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 2:</b>	“A pandemia foi complicada. Não pensei muito. Mas sofro com a situação da boate. Me deixa triste porque, há quase nove anos, tento trazer minha verdade.”
	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>Declaração 3:</b>	“Eu não saí da minha casa para tirar a vida de ninguém. Não saí da Kiss para ser indiferente. Eu vivo em Santa Maria. O único lugar em que tive uma represália foi em 2020 em um shopping. Eu presto serviço para uma empresa todo Natal, e eles pediram que eu não fizesse o serviço lá, porque tinha

	<p>peças que não achavam direito eu trabalhar lá. Mas, no geral, faço eventos em todos os lugares. E as pessoas me acolhem, no Calçadão, por toda Santa Maria - diz.”</p>				
	<table border="1"> <tr> <td><b>Efeitos da declaração:</b></td> <td>Opinião</td> </tr> <tr> <td><b>Visada da declaração:</b></td> <td>Captação</td> </tr> </table>	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião				
<b>Visada da declaração:</b>	Captação				
<b>Declaração 4:</b>	<p>“Não consigo entender uma boate a três quadras da prefeitura, bem visitada, não ter um extintor. Não tinha uma esponja adequada para isolamento acústico. Os órgãos públicos, por que não são responsáveis? O anseio da sociedade é esse, falta gente no banco dos réus.”</p>				
	<table border="1"> <tr> <td><b>Efeitos da declaração:</b></td> <td>Opinião</td> </tr> <tr> <td><b>Visada da declaração:</b></td> <td>Captação</td> </tr> </table>	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião				
<b>Visada da declaração:</b>	Captação				
<b>Declaração 5:</b>	<p>“Saí de casa, vi tudo aquilo. Pedi a Deus que me tirasse de dentro. Consegui me restaurar, ajudei a tirar pessoas. Eu não queria isso. Jamais entraria para botar a vida de qualquer um em jogo.”</p>				
	<table border="1"> <tr> <td><b>Efeitos da declaração:</b></td> <td>Opinião</td> </tr> <tr> <td><b>Visada da declaração:</b></td> <td>Captação</td> </tr> </table>	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião				
<b>Visada da declaração:</b>	Captação				
<b>É uma fonte interessada que se posiciona sobre o júri? Como?</b>	<p>Posição: Contra a condenação. É um dos réus.</p>				

## APÊNDICE K - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO XI

<p><b>Título da matéria:</b> Primeiro presidente da AVTSM fala ao Diário sobre lembranças e expectativa para o julgamento  <b>Data:</b> 29/11/2021</p>		
<b>Fonte 1</b>	<b>Nome da fonte:</b>	Adherbal Alves Ferreira
	<b>Identificação da fonte:</b>	Empresário e primeiro presidente a partir da fundação da Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM)
	<b>Classificação da fonte:</b>	Testemunhal
	<b>Declaração 1:</b>	<p>“Mudou muito a minha vida. Sempre fui conhecido como um profissional da minha área, e após isso, por incrível que pareça, minha parte comercial ficou bastante atrapalhada. Havia pessoas que concordavam com a gente (familiares da AVTSM), entendiam, mas tinha aqueles que rejeitavam, aí ficou difícil. Mas enquanto houve a associação, nunca fiz tantas viagens, compromissos e reuniões como naquele período em que fui presidente. Tinha colegas próximos, uns mais distantes, mas era um grupo grande que conseguíamos juntar nas reuniões e nas homenagens dos dias 27. O primeiro 27 posei na praça, a gente ficou em homenagem, e aquilo ali acabou se tornando um início das vigílias, que acabaram continuando. Também criamos o minuto do barulho, com palmas, até que dessas homenagens surgiu a tenda na Praça Saldanha Marinho. Mas foi um período muito agitado na minha vida, eu não conseguia ser presidente da associação e cuidar do meu negócio. Eram viagens, a questão judicial. Havia pessoas que diziam que eu queria ser político, houve fofocas demais, sofri bastante. A gente também enfrentou muita dificuldade, a negação das pessoas, que diziam que tínhamos que parar, mas eles não entendiam que tínhamos um objetivo: que a justiça fosse feita. Quem falava isso não sabia que, na verdade, desejávamos nunca ter passado por isso. Depois de dois</p>

	<p>anos, resolvi sair. Fiz coisas que nunca imaginei, como andar de avião. Foram mais de 30 vezes. Também nunca tinha pensando em sair do país, e acabei indo aos Estados Unidos. Também fiz viagens ao Ministério da Saúde, para pedir auxílio para tratamento dos sobreviventes. Depois, ao Ministério da Justiça, buscar amparo, porque naquela época já tínhamos medo dos rumos do processo.”</p>				
	<table border="1"> <tr> <td><b>Efeitos da declaração:</b></td> <td>Opinião</td> </tr> <tr> <td><b>Visada da declaração:</b></td> <td>Captação</td> </tr> </table>	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião				
<b>Visada da declaração:</b>	Captação				
<b>Declaração 2:</b>	<p>“Eu fiquei um pouco afastado para poder digerir, porque foi muito intenso o período em que fui presidente, fizemos muitas homenagens, tentávamos não ter política no meio e nem uma só religião, por isso a gente organizava ora cultos, ora missas, diversificava para atender a todos. Hoje, acompanho um pouco mais de longe, mas agora, com mais intensidade, já que o júri está chegando, algo que tanto queríamos. Mas nunca deixei de acompanhar e saber o que estavam fazendo. A parte mais pesada, lógico, agora coube mais ao Flávio (Silva, presidente da AVTSM) que está à frente de tudo.”</p>				
	<table border="1"> <tr> <td><b>Efeitos da declaração:</b></td> <td>Opinião</td> </tr> <tr> <td><b>Visada da declaração:</b></td> <td>Captação</td> </tr> </table>	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião				
<b>Visada da declaração:</b>	Captação				
<b>Declaração 3:</b>	<p>“Pretendo. Estou tentando ver um dia que eu tenha disponibilidade de poder ir até lá, mas ainda não sei como vai ser, como o "meu eu" vai estar na ocasião, porque é complicado chegar lá e ouvir o que não quer, e ao mesmo tempo não pode se manifestar. Será uma coisa complicada, não sei como eu agiria. Aquela vez que fui no Tribunal de Justiça, quando liberaram os réus, foi complicado, aquilo me levou a um estado emocional pesado. Uns dias após soltarem os réus, fui ao Tribunal e tentei cobrar dos desembargadores, não sei como tive coragem, mas fui lá e consegui conversar para saber por que fizeram aquilo. Hoje, a gente sabe, que sempre existe alguma coisa, um detalhe que pode livrar alguém na Justiça, mas pretendo ir</p>				

	um dia sim, até lá, tentar ver de perto. Não sei se um dia, dois dias, por causa do meu trabalho.”	
	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>Declaração 4:</b>	“Sim, eu vou acompanhar, na medida do possível, porque faço parte disso e também lutei por isso, para que acontecesse esse tão esperado júri. Vou fazer todo o possível participar, seja lá ou aqui.”	
	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>Declaração 5:</b>	“Eu fui uma das pessoas que mais resistiu ao atendimento psicológico. Na gestão do Sérgio, tivemos muitas conquistas, e uma delas foi a de conseguir medicamento para os familiares e sobreviventes. O Estado foi relaxando na entrega e nós conseguimos. Se não fosse isso, muitos não teriam condições financeiras de manter seus tratamentos. Eu recebia ligações de mães desesperadas. Enquanto estamos correndo, lutando, não sentimos, mas quando paramos e olhamos para dentro, percebemos que estão recuperados. Hoje mesmo, fui ao centro, passei na tenda da vigília para pegar um pouco de energia. Sinto-me à vontade lá, peço que emanem boas energias para a gente. Precisava ir, e me senti muito melhor.”	
	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>Declaração 6:</b>	“É difícil responder isso, mas sinto que vamos ter surpresa, talvez nem tão favorável, como a gente já imaginava. Muitos saíram fora (do processo), e permanecem esses quatro (réus), a gente sabe que entre eles as culpabilidades são diferentes, mas existe a responsabilidade. Não sei se vai ficar a contento. Sobre aguentar firme, no osso do peito, isso aí eu não sei responder ainda, mas todos nós, os pais, gostaríamos de ver a justiça formalizada. Pode ter	

	<p>abrandamento, temos que estar preparados para isso. Eu, como cristão e com a minha fé, estou me preparando, porque sei que também há outra justiça, diferente da dos homens.”</p>				
	<table border="1"> <tr> <td><b>Efeitos da declaração:</b></td> <td>Opinião</td> </tr> <tr> <td><b>Visada da declaração:</b></td> <td>Captação</td> </tr> </table>	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião				
<b>Visada da declaração:</b>	Captação				
<b>Declaração 7:</b>	<p>“Dentro de cada culpabilidade, sim, proporcional ao que fizeram. Teve mais pessoas com culpa, sim, dentro de desleixos de pessoas que deixaram de fazer coisas e que acabou acontecendo a tragédia. Muita gente ganhou com isso. Os principais estão lá, os quatro que de fato fizeram acontecer o incêndio, que sabiam que tinham algo inflamável, que algo poderia ter acontecido, mas teve mais gente que fez ou deixou de fazer coisas que contribuíram para essa tragédia.”</p>				
	<table border="1"> <tr> <td><b>Efeitos da declaração:</b></td> <td>Opinião</td> </tr> <tr> <td><b>Visada da declaração:</b></td> <td>Captação</td> </tr> </table>	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião				
<b>Visada da declaração:</b>	Captação				
<b>Declaração 8:</b>	<p>“Bem no começo, logo depois do incêndio, nos falavam que tínhamos de parar de organizar passeatas, porque poderia haver desaforamento. E no fim, houve o tal do desaforamento. Eu acho que teria que ser aqui, foi aqui a tragédia, as marcas estão aqui, o prédio está preservado para que isso fosse possível, existem muitas coisas presentes nesta cidade. Mas eles alegam que as pessoas de Santa Maria estão todas envolvidas e não poderiam ser jurados. Mas então, por que não trazem os mesmos jurados de fora para cá? Eles viriam durante o júri, ninguém sabe quem são eles mesmo, e eles ficariam na cidade durante esse tempo. Muitas famílias não vão conseguir ir até Porto Alegre, é complicado, é muito tempo, muita despesa. Se fosse em Santa Maria, todos estariam presentes.”</p>				
	<table border="1"> <tr> <td><b>Efeitos da declaração:</b></td> <td>Opinião</td> </tr> <tr> <td><b>Visada da declaração:</b></td> <td>Captação</td> </tr> </table>	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião				
<b>Visada da declaração:</b>	Captação				
<b>Declaração 9:</b>	<p>“Sim, o quarto dela está preservado. Algumas</p>				

		<p>coisas a gente deu, mas essa emoção continua: todos dias eu olho o quarto dela. A gatinha que ela tinha, que ela me trouxe, vive até hoje. Essa mesma gatinha fica dentro de casa, assim como as outras gatinhas que ela tinha, que sempre entravam em casa e iam direto para o quarto dela, como se sentissem saudade. Eu não tive coragem de desmanchar o quarto dela, é um santuário pra mim. Às vezes entro, às vezes fico sentado na cama, vazia, mas tudo ainda é muito presente, uma dor que não se apaga. Eu acordava ela todas manhãs, ela saía comigo para o trabalho e depois ia para a faculdade. Até hoje, eu mantenho o meu ritual de olhar, de imaginar ela aqui. Às vezes, durante à noite, eu levanto e olho, deixo a porta aberta para imaginar ela lá dentro e lembrar quando eu ficava no escritório e ela ficava conversando comigo, tem vezes que eu imagino essa conversa. E eu acredito que ela ainda está presente. São três gatas dela que ainda moram com a família: a Preta, a Bebel e a Betina. A Betina até hoje faz uma festa quando me vê. Lembro que a Jeneffer estava na escola, há uns 15 anos. Ela me ligou e disse "pai, vem me buscar que eu tenho um presente". Fui buscá-la, e ela estava com uma caixa de sapato, com a gata, bem pequenininha dentro. Na hora perguntei o que faríamos, e ela disse "vamos levar para casa, é um presente". Levamos ela para casa. Foi a primeira, depois vieram os outros gatos."</p>		
		<table border="1"> <tr> <td data-bbox="715 1429 1091 1496"><b>Efeitos da declaração:</b></td> <td data-bbox="1091 1429 1441 1496">Opinião</td> </tr> </table>	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião			
		<table border="1"> <tr> <td data-bbox="715 1496 1091 1574"><b>Visada da declaração:</b></td> <td data-bbox="1091 1496 1441 1574">Captação</td> </tr> </table>	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>Visada da declaração:</b>	Captação			
	<p><b>Declaração 10:</b></p>	<p>"Volta e meia eu sonho com ela, até esses dias sonhei com ela e ela era criança no sonho, até postei essa história no Facebook, porque foi algo mágico. No sonho, passavam umas pessoas por um rio, e de repente passou uma pessoa pequena e parou na minha frente. Ela disse "oi, é a Jeneffer", e me abraçou. Eu senti o abraço físico dela, foi algo muito real. Fiquei bravo comigo mesmo por ter acordado, mas não esqueci desse sonho. Eu, como era fotógrafo, tirava muita fotos dela, e então eu lembro</p>		

		direitinho do sorriso, do jeitinho dela, ainda é muito presente.”
		<b>Efeitos da declaração:</b> Opinião
		<b>Visada da declaração:</b> Captação
	<b>Declaração 11:</b>	<p>“Não consigo vislumbrar isso, mas, como disse, eu temo abrandamento de algumas coisas nesse meio. Acho que pode não ter prisão, e eu não sei se vai ficar a contento de todos. Mas não tenho uma opinião formada agora, preciso de mais tempo para digerir essas hipóteses. Temo, também, que não haja justiça de fato, como teria que ser. Vão colocar muitas cartas na mesa, a defesa vai procurar humanizar bastante os réus. Eles tinham um pensamento, na época, de entupir centenas de pessoas em uma boate sem condições, e naquela época não pensaram nisso. Quando acenderam o fogo, também ninguém pensou. Só pensaram na ganância ou no dinheiro, em nada mais. Não só os réus. Eles podem até estar arrependidos hoje, mas na época fizeram essas coisas. São 242 mortes nas costas. Tenho certeza que nunca nenhum familiar pensou em atos vingativos. Logo no início, você fica perdido, não sabe para onde ir, é natural, ficamos revoltados. Mas isso, foi um ato feito e todos nós perdemos, e mexeu com milhares de pessoas. Essa justificativa tem que ser dada para sociedade, tem que haver uma resposta. Mas ainda não consigo expressar isso.”</p>
		<b>Efeitos da declaração:</b> Opinião
		<b>Visada da declaração:</b> Captação
	<b>É uma fonte interessada que se posiciona sobre o júri? Como?</b>	Posição: A favor da condenação. É pai de uma vítima.



## APÊNDICE L - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO XII

<b>Título da matéria:</b> Sem conseguir ir à Capital, sobrevivente acompanhará o júri do Caso Kiss em Santa Maria			
<b>Data:</b> 30/11/2021			
<b>Fonte 1</b>	<b>Nome da fonte:</b>	Luiza Bissacott Mathias	
	<b>Identificação da fonte:</b>	Médica veterinária e sobrevivente da Kiss	
	<b>Classificação da fonte:</b>	Testemunhal	
	<b>Declaração 1:</b>	“Assim como eu, muitas pessoas também não vão. Eu acredito que é mais por conta do financeiro, que acaba sendo muito caro.”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
		<b>Visada da declaração:</b>	Informação
	<b>Declaração 2:</b>	“O que eu espero desse julgamento é que tenhamos a condenação dos culpados e que eles não tenham uma pena branda. Na minha opinião, a justiça cem por cento já não será feita, porque acredito que tenham mais pessoas culpadas, que deveriam ser responsabilizadas e não estão no julgamento. Mas, essas quatro pessoas que estão lá têm uma parcela de culpa. Que elas tenham uma condenação justa e com uma pena justa para um caso, que foi tão chocante e grave.”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
		<b>Visada da declaração:</b>	Captação
	<b>É uma fonte interessada que se posiciona sobre o júri? Como?</b>	Posição: A favor da condenação. É sobrevivente.	

## APÊNDICE M - APLICAÇÃO DO PROTOCOLO XIII

<b>Título da matéria:</b> VÍDEO: com homenagens, familiares e sobreviventes da Kiss embarcam para Porto Alegre		
<b>Data:</b> 30/11/2021		
<b>Fonte 1</b>	<b>Nome da fonte:</b>	Isabel Cristina Costa
	<b>Identificação da fonte:</b>	Mãe da vítima Evelin Costa Lopes
	<b>Classificação da fonte:</b>	Testemunhal
	<b>Declaração 1:</b>	“Enquanto não houver justiça, nossos corações não vão se acalmar. Eu espero um pouco de paz com a justiça. Está sendo uma tortura reviver tudo, um sofrimento grande. Volta tudo na cabeça o que aconteceu naquele dia. Minha vida toda está parada, espero que depois do julgamento a vida começa a andar de novo.”
	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
	<b>Visada da declaração:</b>	Captação
<b>É uma fonte interessada que se posiciona sobre o júri? Como?</b>	Posição: A favor da condenação. É mãe de vítima.	
<b>Fonte 2</b>	<b>Nome da fonte:</b>	Ligiane Righi da Silva
	<b>Identificação da fonte:</b>	Mãe da vítima Andrielle Righi da Silva
	<b>Classificação da fonte:</b>	Testemunhal
	<b>Declaração 1:</b>	“O apoio que recebemos foi fundamental. Sem isso, não conseguiríamos ir. Foi uma mobilização bem positiva. Temos que acreditar que, agora, quase nove anos depois, vamos conseguir uma resposta do que aconteceu”
	<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
<b>Visada da declaração:</b>	Captação	

	<b>É uma fonte interessada que se posiciona sobre o júri? Como?</b>	Posição: Neutro. Não se posiciona sobre o julgamento. É mãe de vítima.	
<b>Fonte 3</b>	<b>Nome da fonte:</b>	Flávio Silva	
	<b>Identificação da fonte:</b>	Presidente da AVTSM	
	<b>Classificação da fonte:</b>	Institucional	
	<b>Declaração 1:</b>	“Todo dia 27, nós soltamos balões brancos em homenagem a nossos filhos. Nesta data tão simbólica, que marca o início do que esperamos que seja a justiça, fazemos questão de soltar balões novamente para lembrar cada um dos jovens que se foi”	
		<b>Efeitos da declaração:</b>	Opinião
	<b>Visada da declaração:</b>	Captação	
	<b>É uma fonte interessada que se posiciona sobre o júri? Como?</b>	Posição: Neutro. Não se posiciona sobre o julgamento. É pai de vítima.	

## ANEXO A - MATÉRIA I

série

### Relatos da Kiss: o silêncio de Santa Maria na segunda-feira, dia posterior à tragédia

27 Novembro 2023 13:00:00

Desde o início da semana, o Diário traz uma série com relatos de pessoas que fizeram parte da tragédia da boate Kiss. Para finalizar a série, o depoimento deste sábado é da Gabriela Zanolla



Foto: Marcelo Oliveira (Diário)

Desde a tragédia na boate Kiss, os santa-marienses guardam memórias que gostariam de nunca ter vivenciado. Pais, mães, amigos das vítimas, assim como sobreviventes e pessoas que trabalharam na noite do dia 27 de janeiro de 2013 ainda sofrem com a dor e a lembrança do incêndio, que, para muitos, ainda não teve fim.

Desde o início da semana, o Diário traz uma série com relatos de pessoas que fizeram parte da tragédia da boate Kiss. Para finalizar, o depoimento deste sábado é da Gabriela Zanolla. Ela é cirurgiã pediatra, plantonista e médica legista.

Muitas cenas de tristeza não ficaram restritas à madrugada. Gabriella foi uma das pessoas que acompanhou de perto a semana após o incêndio em Santa Maria. A médica estava de férias e voltou para o plantão no domingo de manhã. Além dos atendimentos naquele dia, que foram muitos no Complexo Hospitalar Astrogildo de Azevedo, Gabriela acompanhou uma amiga no Centro Desportivo

Municipal (ICDM), para fazer o reconhecimento do irmão, que tinha falecido.

- É a cena que eu queria apagar da memória, mas quando fecho o olho, lembro exatamente disso - relata.

**Leia também:**

**Relatos da Kiss: o desafio de fazer a cobertura fotográfica da tragédia**

**Relatos da Kiss: enfermeira acompanhou de perto o sofrimento de familiares e amigos das vítimas**

Ainda no domingo, uma Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) foi aberta às pressas no Complexo Hospitalar Astrogildo de Azevedo para receber os pacientes mais graves.

- Todos os hospitais estavam lotados, clínicas também abrigaram pessoas. Naquela época, os locais não tinham estrutura ou não estavam acostumados a receber pacientes com tamanha gravidade - lembra.

Diante da demanda, Gabriela recorda que a equipe médica santa-mariense de todas as áreas se mobilizou para ajudar. Ao mesmo tempo que presenciaram o sofrimento de perda de muitas pessoas, os trabalhadores da saúde também se desgastaram fisicamente e emocionalmente durante a semana.

- Nós fazíamos um comboio de ambulâncias para transferir os pacientes que precisavam de tratamento que não tínhamos condições de oferecer aqui. Acho que não teve ninguém da área da saúde que, no final daquela semana, não chorasse de tristeza profunda por vivenciar aquilo. Foi desgastante porque alguns pacientes graves demoraram muito tempo para sair e outros, apesar de todo o esforço, partiram.

Em outro momento, ela lembra do medo que permaneceu em muitos jovens naqueles dias. Muitos chegaram buscando atendimento devido à falta de ar. Aqueles que ainda não tinham sentido os sintomas, também se dirigiam aos hospitais com receio de sentir falta de ar mais mais adiante.

Apesar dos atendimentos permanecerem nos próximos dias e meses, Gabriela nunca esqueceu do sofrimento da primeira segunda-feira após a tragédia em Santa Maria.

- Aquele dia, eu lembro até hoje, que a cidade estava em silêncio. Na rua, mesmo com os carros andando, parecia um feriado nobre, porque todo mundo falava baixinho, não tinham buzinas. Estavam todos chocados, tristes e respeitando a dor alheia e a dor da cidade. Em cada local que a gente passava de ambulância, tinha um jovem sendo velado. Eu lembro dessa segunda-feira até hoje - finaliza.

**\* Colaborou Laura Gomes.**

## ANEXO B - MATÉRIA II

caso kiss

### 'Nada será igual à perda dos nossos filhos', diz presidente da AVTSM às vésperas do júri

29 Novembro 2021 09:00

Há cerca de 15 dias, Flávio Silva precisou passar por um cateterismo, mas já retornou às atividades da associação

Jelana Garcia



Foto: Eduardo Ramos (Especial)/

Flávio Silva, presidente da Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM) desde 2019, esteve afastado da tomada de decisões e entrevistas à imprensa desde o começo do mês, às vésperas do júri esperado há quase nove anos. O coração pediu atenção. Sentia que o corpo estava "concretado". Foi detectada uma isquemia cardiovascular. Metade das artérias estava com 60% de obstrução. Há cerca de 15 dias passou por um cateterismo, e retornou, com a força característica, às atividades da associação. Na última semana, ele e a esposa, Ligiane Righi da Silva, receberam nossa equipe em casa, para uma entrevista exclusiva.

Na porta da casa, flores e adesivos que remetem à tragédia que levou a filha, Andrielle Righi da Silva, 22 anos. Um deles diz "o Coração do Rio Grande precisa de Justiça". E foi em busca desta justiça que Flávio nunca parou, mesmo quando o corpo cansou. Na sala, um banner com a foto de Andri, como é chamada pelos pais, e diversas fotos espalhadas pelos móveis.



Os dois vestiam uma camiseta com a frase "se a recordação de uma tragédia é dolorosa, imagina carregá-la dentro de si". Carregar a dor tem sido o combustível para seguir lutando por justiça e honrando a memória da filha. Os dois também são pais de Gabrielle.

Durante a conversa, que durou mais de uma hora, eles falaram sobre as memórias que guardam de Andrielle, sobre as expectativas para o júri, o cuidado com a saúde mental e o quanto a tragédia modificou a vida da família.

**Diário - O senhor passou por problemas de saúde recentemente. O médico liberou que o senhor compareça ao júri?**

**Flávio** - Eu vou de qualquer jeito, nem que seja fugido. É aquela história "se tu fores, tu podes morrer. Se tu não fores, podes morrer também". então eu vou. Eu fico preocupada com elas (esposa e filha). Vão ter muitas reações. Vão nos mostrar muitas coisas que vão ser chocantes, mas é um mal necessário. Nada será igual à perda dos nossos filhos.

**Diário - O que mudou na família de vocês nestes quase nove anos?**

**Ligiane** - Mudou tudo completamente. Imagina, num sábado, a filha mais velha sai para comemorar o aniversário e domingo, somos nós três em casa. Aquela vida que a gente tinha, nunca mais. Quando que eu poderia imaginar que eu estaria na rua pedindo Justiça? Nunca! Nós não somos mais os mesmos. São altos e baixos. É torturante demais o fim de ano, o mês de janeiro, que antes era motivo de festa, já que a Andri e a Gabi fazem aniversário em janeiro.

**Flávio** - Passou nove anos, mas o corpo parece que andou e a alma ficou parada. Eu olho muitas fotos antigas, minha, do Sérgio (da Silva, que foi presidente da AVTSM antes de Flávio), com cabelo escuro e cheio. Minha mãe tomava muito remédio e eu sempre fui contra tomar medicação. Agora, chega de noite, são oito, nove comprimidos. De manhã, mais um pouco. A Kiss não terminou com aqueles 242 mortos, ela continua matando. Vários pais perderam a vida. Acompanhamos muitas pessoas que perderam a vontade de viver. Isso reflete na gente. Quando o Sérgio enfartou, ali, ligamos um alerta.

**Diário - Recentemente, a defesa de um dos réus solicitou que ex-prefeito Cezar Schirmer e o promotor Ricardo Lozza fossem ouvidos no julgamento. Como vocês receberam essa informação?**

**Flávio** - Isso é mais uma jogada de marketing. Todo mundo fala do envolvimento de A, B ou C, mas a gente tem se concentrado nos quatro réus. O depoimento deles não vai ser analisado para que sejam responsabilizados. Estamos focados nos réus. Não faz diferença nenhuma eles deporem ou não. A defesa está demonstrando desespero e insegurança por não ter meios para poder desqualificar o crime ou absolver o cliente dele. O objetivo é tumultuar o processo, convencer a opinião pública de que o cliente dele é uma vítima e não réu. Eles querem confundir os jurados. O advogado sempre falou que o cliente dele não queria matar ninguém. Minha filha saiu para comemorar o aniversário. Ela não disse que queria sair de casa para morrer.

**Diário - O fim do julgamento vai trazer, de algum modo, conforto a alguns familiares?**

**Ligiane** - Se for justo, sim, mas se não for justo vai só piorar. E os pais? E os irmãos? E o buraco que ficou? E o vazio naquela família? E os sonhos e planos daqueles jovens? Eles têm responsabilidade! Então, que cada um pague pela sua responsabilidade. Não é vingança. Eles não sabem lidar com o tamanho do amor que temos pelos nossos filhos.

**Flávio** - Muitas famílias se dissolveram. Muitas famílias se separaram porque os pais não conseguiram lidar com isso tudo. Nós temos outra filha, e houve uma preocupação de que ela se sentisse esquecida e abandonada. Mas ela pensava o mesmo que nós, e disse que estranharia se

não fizéssemos nada, acomodados. Se tivesse sido o contrário, com certeza a Andrielle faria o mesmo.

**Diário - Como vocês estão se preparando para o júri? Tem acompanhamento psicológico?**

**Ligiane** - Nós três temos. Eu comecei em 2016, quando a luz vermelha acendeu. Queria ir para o chão devagar. A gente recebe muita informação. Além de não ter mais a nossa filha, lidar com o julgamento das pessoas é muito difícil. Ficar atrás de um computador escrevendo barbaridades é fácil, mas ninguém se coloca no nosso lugar. Não precisa perder um filho para respeitar o que sentimos. Ninguém faz ideia do que passamos. Cada um sente diferente, mas não deixa de doer. Dói todos os dias. Não tem um dia que eu não lembre ela. Já recebi críticas de pessoas que dizem que não vem na minha casa porque tem fotos dela espalhadas. Sempre vai ter fotos dela aqui.

**Flávio** - Eu fui uma das pessoas que mais resistiu ao atendimento psicológico. Na gestão do Sérgio, tivemos muitas conquistas, e uma delas foi a de conseguir medicamento para os familiares e sobreviventes. O Estado foi relaxando na entrega e nós conseguimos. Se não fosse isso, muitos não teriam condições financeiras de manter seus tratamentos. Eu recebia ligações de mãos desesperadas. Enquanto estamos correndo, lutando, não sentimos, mas quando paramos e olhamos para dentro, percebemos que estão recuperados. Hoje mesmo, fui ao centro, passei na tenda da vigília para pegar um pouco de energia. Sinto-me à vontade lá, peço que emanem boas energias para a gente. Precisava ir, e me senti muito melhor.

**Diário - Vocês dois sempre passaram uma imagem de serem muitos fortes. Os incansáveis cansaram?**

**Flávio** - Há umas semanas eu perdi até a voz. Andava muito cansado e achei que ia me atacar da garganta. Fui notando que a cada dia o som da minha voz ia sendo abafado. Numa noite, antes de consultar com o psiquiatra, sentia que parecia que tinha sido "concretado" e esmagava tudo, até os ossos. Expliquei o que estava sentindo e o médico já conseguiu uma consulta imediatamente com o cardiologista. Fiz um eletrocardiograma e foi detectada uma espécie de uma isquemia cardiovascular. Eu deveria passar por um cateterismo. Ele me deu um medicamento e ficamos esperando. Fiquei em dúvida se deveria fazer porque seria nas vésperas do júri e tinha medo que o resultado não fosse bom. Mas a esposa começou a pressionar e eu fui.

**Ligiane** - Foi aí que a Gabi assumiu e disse "o pai precisa se acalmar, não vai mais dar entrevista". Eu tentei argumentar que ele era o presidente da associação e precisava falar, então ela disse "antes de ser presidente, ele é meu pai". Foi aí que ele parou porque a filha dele estava pedindo. Precisamos pensar na gente também. Faz nove anos, mas para a gente não passou. A sensação é a mesma. Eu me lembro de tudo, está tudo marcado. Nunca vou esquecer.

**Diário - Quais são as recordações materiais que vocês guardaram da Andrielle em casa?**

**Ligiane** - Depois de um tempo, colocamos tudo dela em cima da cama e separamos o que a Gabi queria para ela e o restante, doamos. Ficaram a cama e os ursinhos que ela gostava. O essencial está aqui (coloca a mão no coração, emocionada). Quando a gente arrumou as coisas dela, eu coloquei as miudezas dentro de uma caixa. Eu guardei o vestido de um aninho delas, os dois, coincidentemente, de marinheira. Entreguei para a Gabi e disse "esse é teu tesouro". São 22 anos em uma caixa. Eu desejo que nenhum pai e mãe passe pelo que estamos passando.



## ANEXO C - MATÉRIA III

caso kiss

### 'Não existia relação com familiares', diz Pozzobom sobre prefeitura e AVTSM

24 Novembro 2022 07:00:00

Prefeito falou ao Diário sobre apoio do município a parentes e sobreviventes da tragédia e compartilhou a expectativa pelo júri, que começa em 1º de dezembro

Leonardo Catto



Foto: Pedro Pegas (Diário)

Jorge Pozzobom (PSDB) assumiu a prefeitura de Santa Maria em 2017. O incêndio da boate Kiss estava prestes a completar quatro anos. Assumir a maior cidade da região significa demandas grandes, mas a maior para o primeiro mês tinha data marcada, 27 de janeiro.

#### Ordem dos depoimentos e horários: como será a estrutura do julgamento do caso Kiss

O próprio prefeito assume que havia ansiedade. Em entrevista ao Diário, no gabinete, Pozzobom conta como a prefeitura teve de criar uma relação praticamente inexistente com a Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM). Ele relata a expectativa pelo júri, enquanto prefeito e advogado criminalista. Também relembra a atuação como deputado, ainda em 2013.

#### Diário - Como a prefeitura se colocou perante os familiares de vítimas e sobreviventes?

**Jorge Pozzobom** - Quando assumimos a prefeitura, não existia relação. O primeiro ato assinado foi a criação de um grupo de acolhimento. Não nos omitimos em nada. Tivemos momentos tensos, mas hoje a relação e a não omissão têm uma ponte que se chama confiança. Isso está consolidada. Todo dia 27, damos o apoio logístico. A prefeitura não se mete em nada. Eles dizem o que precisam, e nós damos o apoio.

Eu não deixaria minha vontade, seja como prefeito ou cidadão, ser maior que da associação. Tem que ter solidariedade, amor, respeito, paciência, sim. Para entender. E empatia. Temos que entender o que um pai e uma mãe sofrem.

#### Diário - O que eram os momentos mais tensos?

**Pozzobom** - Entre a prefeitura e a associação acho que isso é natural. E eu reconheço muito o esforço da prefeitura em criar relação no começo do mandato. Os momentos tensos que nós tivemos são aquelas que chegavam alguns dos membros da associação, que começavam a lembrar de tudo que aconteciam, né? Mas eu quero pegar esse exemplo de confiança que criou e passar para todos os outros prefeitos que vierem para Santa Maria.

**Diário** - Como prefeito e como advogado criminalista, qual a expectativa para o júri?

**Pozzobom** - Muita gente já se meteu nessa relação jurídica, muita gente abriu isso criou angústia, criou coisas. Então essa relação jurídica eu não vou me meter nisso aí. Tem a Justiça lá para fazer vai ter os jurados que representam a sociedade. Me perguntaram o que eu acho do júri sair Santa Maria e ir para Porto Alegre. Não tem o que eu acho. A Justiça não cabe a mim dizer o que que é essa situação. Então, o que todos nós queremos é que ao final seja feita justiça. Este o sentimento que as pessoas falam. E eu vou estar torcendo que seja feita justiça, pois é investigado;

**Diário** - E o que é justiça nesse caso?

**Pozzobom** - Para os pais, é a condenação de todos eles. Mas eu não quero me meter nessa questão de ser condenado ou não ser condenado, porque pode ser que um jurado entenda que não tem que ser condenado, tem que ser os outros condenados. E não sou jurado, né? Então essa relação do júri, esse processo, eu não quero e não vou me meter porque qualquer coisa falada, eu vou atrapalhar. O júri está lá de ter consolidado, já começaram a fazer o sorteio dos jurados. Então, a minha missão aqui é cuidar dessa gente, né? Então essa é a minha maior missão, né? Não que eu não queira me omitir dessa situação, mas é a missão do prefeito. Eu não sou só o Jorge, né? Eu sou o prefeito da cidade e tenho que dar o exemplo de acolhimento, então é isso que nós vamos fazer.

**Diário** - Em 2013, o senhor, como deputado, teve de deixar a comissão montada para acompanhar a investigação do incêndio por ter sido advogado do Mauro Hoffmann, hoje réu do caso.

**Pozzobom** - Eu era advogado da boate Absinto (que era de Hoffmann). Quando deu o fato, renunciei todos os processos. Eu não queria participar da comissão, estava muito abalado. O colegiado pediu. Eu não me omiti. Na verdade, teve uma questão política. Esperaram eu assumir a comissão para largarem para imprensa que fui advogado do Mauro, o que todo mundo sabia. Fiquei 10 anos advogando para o Absinto, que em questão de segurança nunca teve problema.

**Diário** - Qual o futuro de Santa Maria pós-júri?

**Pozzobom** - O julgamento não vai acabar em dezembro. Vai ter recurso. Não sabemos quando vai acabar. Temos de estar preparados. Vai longa. Recurso de tudo que é lado. A missão é terminar o julgamento, sentar com as famílias e perguntar: "o que vocês querem que façamos?". Vamos acolher eles novamente. A decisão do júri será um novo marco para a cidade. Vamos se libertar. Em qualquer lugar. Santa Maria remete à boate Kiss. Como podemos superar? É uma dor do mundo inteiro.

## ANEXO D - MATÉRIA IV

faltam 5 dias

### Em coletiva de imprensa, advogado de Elissandro Spohr apresenta nova maquete interna da boate

05 Novembro 2015 12:22:00

De acordo com defesa, reprodução virtual apresentada pelo Ministério Público não apresenta dimensões corretas. Objetivo da nova maquete é mostrar que a boate era mais segura em 2013 do que em 2009, quando Elissandro comprou a casa noturna

Jaiana Garcia



Foto: Reprodução

O advogado de defesa do réu do caso Kiss Elissandro Spohr (Kiko), Jader Marques, concedeu uma entrevista coletiva nesta sexta-feira, em Porto Alegre. A defesa apresentou uma nova maquete virtual da boate que, segundo o advogado, atende às medidas propostas pela planta do Instituto Geral de Perícias (IGP) "arquitetonicamente perfeita", ou seja, com as dimensões exatas da casa noturna na noite do incêndio, em 2013. Em um telão, Marques fez um "tour" virtual pela boate, mostrando os ambientes internos em dois momentos: em 2009, quando a casa noturna foi adquirida por Spohr, e em 2013, com as obras realizadas. Para o advogado, é importante mostrar as duas plantas para que as pessoas entendam que Spohr deixou o "ambiente mais seguro" com as modificações internas que foram feitas, que contou com a retirada de escadas e guarda-corpos, que existiam em uma versão mais antiga da boate, e a instalação de uma nova porta de acesso, que levava para um fumódromo em frente ao estabelecimento.

#### Leia também:

[Em coletiva, juiz garante que fará tudo para que júri tenha começo e fim](#)

[Número de lugares do júri da Kiss é ampliado para 124 assentos](#)

[Relatos da Kiss: enfermeira acompanhou de perto o sofrimento de familiares e amigos das vítimas](#)

- A situação não está sendo explorada como deveria. São só quatro réus, mas há mais pessoas envolvidas. O PPCI (Plano de Prevenção e Proteção Contra Incêndios) da boate em 2009 foi aprovado pelos bombeiros. Tudo foi feito conforme o que foi determinado pelos bombeiros. Em 2001, os bombeiros estiveram na casa fiscalizando. Como foi aprovado o PPCI em 2009 se a boate era mais insegura? Em 2009, quando comprou a boate, meu cliente pediu a renovação do plano de incêndio e alguém esteve lá aprovando - disse.

De acordo com o advogado, duas petições foram protocoladas por ele nesta sexta-feira junto à Justiça. Uma delas diz respeito a abertura do software da maquete 3D que será apresentada no tribunal pelo Ministério Público que, conforme ele, não estaria

abrindo, e outra sobre a "impropriedade da maquete", que não possui a métrica correta.

- Ela peca nos centímetros de definição de elementos no interior da boate que são muito importantes. Se essa maquete for mantida, é preciso observar os erros - garante.

O advogado mostrou os locais onde teria espuma de poliuretano, que deu origem à fumaça tóxica, instalada dentro da boate. De acordo com ele, o palco teria espuma nas laterais, no teto - onde o incêndio começou provocado por fagulhas de pirotecnia usada pela banda - e atrás das cortinas. Seriam cerca de 10 metros quadrados do material instalado no palco. Além disso, os caixas da boate também teriam a espuma.

*Foto: Reprodução*

*Nova maquete mostra ambiente onde ficava o palco, local em que começou o fogo*

- O Lozza (promotor) provavelmente não sabia da existências das espumas, mas alguém do Ministério Público foi lá fotografar e, possivelmente, sabia - afirma.

Ele citou o Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) que, conforme Marques, tinha todas as cláusulas cumpridas, exceto uma: a boate vazava o som para a vizinhança. No documento, o Ministério Público pedia que obras de isolamento acústico fossem feitas em 50 dias, porém não determinava de que forma essas intervenções deveriam ser realizadas.

- É possível que ele tenha colocado a espuma, mas não sabia do porigo delas. Ela foi comprada em uma loja de colchões. O ambiente precisava de qualidade de som. Outras casas noturnas da cidade tinham a mesma espuma. O que precisa ser discutido é o modo despreocupado com que são vendidas essas espumas ao público. Procurem aí na internet. Vocês encontram para vender em qualquer site. Há com e sem anti-chamas, mas todas são inflamáveis. Foi uma atitude do desespero do meu cliente instalar a espuma depois de gastar R\$ 200 mil em obras - garante.

Para Marques, uma lei que ninguém conhecia foi violada (ele não especificou que lei. Por meio da assessoria, foi informado que seria o decreto 33 da prefeitura, mas não foi dito do que se trata). Uma lei, segundo ele, que nem o prefeito na época (Cezar Schimer, do MDB) conhecia. Ele reconhece que Elissandro Spohr instalou as barras de ferro que serviam como guarda-corpos e a espuma de poliuretano, e que esses erros o cliente assume.

- Por que bombeiros, Ministério Público e prefeitura não assumem também? Os únicos que apontaram os verdadeiros responsáveis pelo incêndio foram os delegados Marcelo Arigony e Sandro Meinerz no relatório final da Polícia Civil. Todos ali tinham o poder/dever de impedir o funcionamento da boate. Todos deveriam estar no banco do réus - conclui.

*Foto: Reprodução*

*Imagem mostra como era o ambiente do palco em 2009, quando a boate foi comprada por Elissandro Spohr*

#### TESTEMUNHAS, DOCUMENTÁRIO E NÃO REALIZAÇÃO DO JÚRI

Ao longo da entrevista coletiva, Jader Marques também falou sobre o pedido de substituição de testemunhas, com a inclusão do ex-prefeito Cezar Schimer e do promotor Ricardo Lozza, e ainda citou que seria importante a presença de um representante do Corpo de Bombeiros. O advogado se disse "surpreso" ao saber que a Associação de Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM) havia entrado com recurso para a retirada do promotor como testemunha.

Ele ainda disse que não entrará com recurso para a não realização do júri. Declarou que poderá "perder a compostura" no debate em plenário, mas que respeita os familiares de réus, os réus, os familiares de vítimas e sobreviventes. Sobre o lançamento de um documentário sobre Elissandro Spohr às vésperas do júri, ele disse que foi o registro de um sofrimento diário acompanhado por ele.

- Não há nada a ser encoberto. São manifestações legítimas de quem sofre, e que ano a ano se agrava pela demora do processo. De maneira silenciosa, acompanhamos entrevistas, documentários, notícias sobre o sofrimento de todos, um sofrimento legítimo, mas o dele não era legitimado. Foram nove anos mostrando só um lado da dor. Agora mostramos o que ele tem passado. E alguém que está parado desde 27 de janeiro de 2013 - disse.

#### O que dizem os citados

As pessoas e instituições citadas na coletiva foram procuradas pela reportagem, para dar sua versão de tais fatos, confira o que dizem:

#### AVTSM

A representação da associação pediu, em 18 de novembro, uma correção parcial para que Lozza e Schimer não fosse incluídos como testemunhas. O argumento é de que ambos não foram apresentados no prazo correto e sim foram indicadas após finalizado o

prazo num pedido de troca de testemunhas.

Segundo a AVTSM, a presença dessas testemunhas no processo "somente causará inversão de valores, transtorno e confusão aos jurados, ao juiz e à sociedade, uma vez que não está em julgamento a oção ou omissão de agentes públicos e sim quem são os autores dos 242 homicídios e 636 tentativas de homicídios". Em nota, a AVTSM defende que os quatro réus devam ser julgados e responsabilizados.

#### **BOMBEIROS**

Comandante do 4º Batalhão de Bombeiros Militar (BBM), o tenente-coronel José Carlos Sallet de Almeida e Silva falou ao Diário pelo Corpo de Bombeiros. Ele afirma que, em 2009, a legislação de prevenção era diferente da legislação atual, com outras particularidades. Ainda segundo Sallet, os envolvimento de todos os agentes públicos foi "exaustivamente analisado pelo MP e as respectivas responsabilidades devidamente apontadas na denúncia".

- Em termos de prevenção de incêndios, tanto na legislação anterior quanto na atual, a emissão do APPCI é baseado na vistoria do local, pontualmente. Se houver modificação do local, posterior à vistoria, é responsabilidade exclusiva do proprietário ou responsável pela ocupação. A emissão do alvará se dá com a adequação do local (medidas de prevenção e proteção contra incêndio, devidamente instaladas e funcionando) ao projeto aprovado - explicou.

Ele ainda afirmou que providências legais já foram adotadas pelo órgão ministerial e Poder Judiciário em relação aos agentes públicos.

O Ministério Público e o ex-prefeito Cezar Schirmer foram procurados para falar sobre as citações do advogado, e ainda não se manifestaram. Schirmer disse que ainda nesta sexta-feira, deve comentar as declarações.

*Colaborou Leonardo Catto*



## ANEXO E - MATÉRIA V

tragédia

### Relatos da Kiss: sobrevivente relembra a dor e as feridas causadas pela tragédia

26 Novembro 2022 17:07:00

Desde segunda-feira, o Diário mostra relatos de pessoas que fizeram parte da tragédia da boate Kiss. Nesta quarta-feira, o depoimento é do sobrevivente Gabriel Rovadoschi Barros.



Foto: Pedro Plegos (Diário)

Desde a tragédia na boate Kiss, os santa-marienses guardam memórias que gostariam de nunca ter vivenciado. Pais, mães, amigos das vítimas, assim como sobreviventes e pessoas que trabalharam na noite do dia 27 de janeiro de 2013 ainda sofrem com a dor e a lembrança do incêndio, que, para muitos, ainda não teve fim.

Desde segunda-feira, o Diário mostra relatos de pessoas que fizeram parte da tragédia da boate Kiss. Nesta quarta-feira, o depoimento é do sobrevivente Gabriel Rovadoschi Barros. Em 2013, ele tinha 18 anos e cursava Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

**Caminhada de 106 meses do incêndio na Kiss será a última antes do júri**

Gabriel conta que, na época, ele era uma pessoa tímida e introvertida. Na noite anterior ao incêndio, ele saiu com os amigos e foi em uma festa na Kiss. Para Gabriel, a festa foi divertida, tranquila, com poucas pessoas. O estudante resolveu, então, voltar no dia seguinte, 27 de janeiro.

- Acho que cheguei por volta das 11h30min na fila. Lembro até de brincar que só na fila já tinha mais gente do que tinha na noite anterior na festa. Quando ainda estava na fila, eu vi amigos do Ensino Médio subindo a rua e entramos na festa juntos. Na primeira noite que tinha ido, eu lembro de ficar em um só lugar dentro da boate. Na segunda, eu circulei bastante, fui para a área da frente do palco, para a área do bar e na parte central da boate. Lembro que era bastante gente, estava bem cheio - relata.

Em um determinado momento da noite, dois amigos resolveram circular mais uma vez na boate, mas Gabriel e os outros dois não quiseram ir.

- Poucos minutos depois que eles saíram, a música parou. Esse foi o primeiro sinal que alguma coisa estava acontecendo. Eu lembro de escutar um murmurinho dizendo que era briga e vi todas as cabeças se voltando em direção ao palco.

Gabriel se movimentou para tentar emergir o que estava acontecendo e percebeu uma pessoa sinalizando para todos saírem.

- Abriu um vózeinho entre as pessoas e me coloquei no meio. Dei poucos passos e a multidão travou porque as portas de entrada estavam bloqueadas. Eu ainda achava que era briga até que a fumaça chegou em mim. No primeiro relance de fumaça, que na minha visão era branca, eu pensei que tinham largado gás lacrimogênio para dispersar o pessoal. Só que no instante seguinte que o pensamento passou na minha cabeça, a fumaça ficou preta, e eu entendi que era incêndio - relembra Gabriel.

Ao perceber que a situação era diferente, ele colocou a camiseta na frente da boca e do nariz, e tentou não gritar para não utilizar o ar, que já estava contaminado pela fumaça. Ele seguiu o fluxo na tentativa de chegar até a saída.

**VÍDEO: Dia Nacional do Doador de Sangue tem atividades especiais no Hemocentro de Santa Maria**

- Muita coisa do caminho eu não via no momento, primeiro porque a gente estava esmagado e segundo porque quando a fumaça chegou em mim, eu não conseguia mais emergir. Um pouco antes de chegar na primeira porta, antes do hall, eu lembro de pensar "não vai dar".

Gabriel conta que conseguiu se guiar melhor quando emergiu a luz do poste de rua adentrando a boate. Quando se aproximou da saída, ele relembra, emocionado, que já tinham muitas pessoas caídas no chão.

- Eu lembro de sair em pé, desorientado, enjoado do estômago e direto ligando para minha mãe.

Ao entrar em contato com a mãe, ela foi diretamente buscar Gabriel. Na espera, sentado no meio fio, ele tentou entender o que estava acontecendo e se recompor. Decidiu se levantar e procurar os amigos. Não encontrou eles, mas viu uma menina que tinha conhecido na festa da noite anterior. Ela estava machucada e Gabriel prestou ajuda. Ele e a mãe levaram a menina para o Pronto-Atendimento. No local, Gabriel conta que viu pessoas desmaiarem e serem reanimadas.

- Eu lembro de tomar os mínimos cuidados com ela. Tentei tapar os olhos para poupa-lá daquela visão, segurei o oxigênio e também falei com a família dela.

Em casa, Gabriel avisou pelo Facebook que passava bem e que aguardava o contato dos outros amigos que também estavam na boate. Tomou alguns remédios para dormir, e, quando acordou, por volta das 11h, recebeu a notícia que dois amigos haviam falecido e outros dois estavam hospitalizados.

## TRAUMA

Após 2013, Gabriel trocou de curso e se formou em Psicologia. Após um ano da tragédia, ele também começou a fazer terapia.

- Percebi que talvez eu não estivesse bem e vi que algumas coisas não eram culpa minha. É muito chocante ver as nuances de tudo que aconteceu. Primeiro essa emboscada que todo mundo foi submetido, e, segundo, os mínimos passos e detalhes que foram muito precisos para eu sair daquele jeito. É muito complicado conviver com isso. Tem dias que é mais difícil falar porque a cicatriz tá mais sensível. Não é nem cicatriz, é uma ferida mesmo, não sei se isso vai cicatrizar.

A dor e as feridas do dia são parte da história do psicólogo, que, por muito anos, teve que lidar com o sentimento de culpa.

**VÍDEO: cartinhas da Aapecan e Recanto do Sol esperam adoção de padrinhos**

- Por muito tempo eu me disse que tinha gente melhor para sair no meu lugar. Quando eu peguei aquele vão no meio da multidão eu senti que eu peguei o lugar de alguém. A gente não tinha noção, era uma briga. Eu me culpei por não ter dado aquele espaço. Hoje, o grupo de sobreviventes acolhe um pouco essa dor porque a gente se identifica com esses pontos. Isso alivia um pouco, mas é longe de uma cura.

Além dos sobreviventes, Gabriel agradece o apoio dos familiares também.

- Os familiares têm uma capacidade de acolher tão forte. Eu me sinto muito abraçado por todos que eu conheci até agora. É uma dor que não passa, e eu espero que o julgamento de rumo um pouco para essa dor, dê uma direção mais digna. É nitido quem é responsável, isso está escancarado, mas existe um processo que já é injusto pelo tempo de demora. A justiça é um grande medo.

Para o sobrevivente, a tragédia sempre será uma memória difícil de conviver para todos que se envolveram de alguma forma. Porém, ele faz um apelo para que a cidade também entenda e acolha essa dor.

- Eu gostaria muito que a cidade se mobilizasse, que sentisse que a dor não é só de quem viveu, que machucou a história da cidade e feriu profundamente. É muito importante que a gente possa expressar isso em um momento tão sensível, na esperança que a cidade acolha essa dor.



## ANEXO F - MATÉRIA VI

série

### Relatos da Kiss: enfermeira acompanhou de perto o sofrimento de familiares e amigos das vítimas

25 Novembro 2021 13:42:00

Desde o início da semana, o Diário traz uma série com relatos de pessoas que vivenciaram a tragédia da boate Kiss. Nesta quinta-feira, o depoimento é da enfermeira aposentada Liliâne de Mello Dutra



Foto: Marcelo Oliveira (Diário)

Desde a tragédia na boate Kiss, os santa-marienses guardam memórias que gostariam de nunca ter vivenciado. Pais, mães, amigos das vítimas, assim como sobreviventes e pessoas que trabalharam na noite do dia 27 de janeiro de 2013 ainda sofrem com a dor e a lembrança do incêndio, que, para muitos, ainda não teve fim.

Desde o início da semana, o Diário traz uma série com relatos de pessoas que fizeram parte da tragédia da boate Kiss. Nesta quinta-feira, o depoimento é da enfermeira aposentada Liliâne de Mello Dutra. Em 2013, ela fazia parte do quadro de oficiais de saúde do Hospital da Brigada Militar (HBM).

#### Mais de 150 pessoas com atraso vacinal foram imunizadas em ações do Azeite Inclusive

Na noite do dia 27 de janeiro, a enfermeira estava de sobreaviso e foi chamada pelo capitão para ir até o Hospital da BM. Quando chegou no local, se deparou com pessoas intoxicadas. Ela lembra que muitos jovens já estavam sendo entubados, pois a saturação piorava rápido.

Em um primeiro momento, Liliâne e a equipe médica não sabiam o potencial daquele incêndio, principalmente, porque as pessoas não chegavam queimadas, mas com sinais de edema do pulmão, por exemplo.

Quando o capitão chegou na boate, ele ligou para a enfermeira solicitando que ela fosse até o local incêndio, pois a situação era urgente.

- Eu fui a primeira mulher a entrar dentro da boate, depois dos bombeiros. O calor era insuportável, doía muito minha garganta. Quando entrei, eu usava, e ainda uso, uma Nossa Senhora da medalha milagrosa. Naquele momento, eu peguei a medalha e disse

"minha Nossa Senhora, minha boa mãe, que eu consiga devolver essas crianças para os pais". Eu sempre chamo de crianças porque a maioria tinha idade para serem meus filhos - lembra.

Outro momento difícil que Liliane recorda foram as tentativas de contato com quem estava dentro da Kiss.

- Quando a gente chegou na boate um dos maiores impactos eram os celulares tocando. Já naquele momento, pactuamos que não íamos atender por respeito a protocolos mínimos.

#### O que ainda impede a volta total das atividades presenciais na UFSM

Ela não permaneceu muito tempo dentro do local, e, logo, começaram as contagens e a retirada dos corpos. O próximo passo foi o transporte das pessoas até o Centro Desportivo Municipal (CDM). No ginásio, teve início o processo de identificação, que, segundo Liliane, durou cerca de 23 horas. Uma equipe com psicólogo ou psiquiatra, enfermeiro e médico acompanhava os pais. Liliane também ajudou na identificação e se emociona ao contar como foi presenciar a dor dos familiares:

- Tive um momento, que foi um dos mais difíceis, em que eu estava ajoelhada com uma mão. Ela já tinha feito a identificação do corpo da menina, eu levantei e abracei a mãe, porque ela estava chorando muito. Então, ela me pegou pelo braço e me disse "falta outra". Ela tinha perdido duas filhas.

Para Liliane, aquele dia foi marcado pela tristeza e pelo trauma.

- Até a última hora, todos os pais tinham esperança que os filhos não estavam deitados ali naquele ginásio. Foi um dia muito difícil, que não pode ser em vão.

A enfermeira também se coloca no lugar das mães. Durante o dia, ela se manteve firme, mas quando chegou em casa chorou ao abraçar os filhos.

- Eu nunca vou ter a dimensão do sofrimento dessas mães. É muita dor. Quando uma mãe perde um filho, eu digo que todas as mães morrem juntas um pouquinho. Se tu perguntar para qualquer mãe, a única coisa que ela tem medo é de perder seus filhos. É um medo muito grande - lamenta.

Apesar de reconhecer a importância da atuação de vários segmentos durante a tragédia, Liliane avalia que Santa Maria ainda não melhorou em muitos aspectos, principalmente em estrutura.

- O que mais me doi é que pouco se aprendeu com essa tragédia. Não estou generalizando ou fazendo juízo de valor, porque não é da minha competência, mas não houve um entendimento da responsabilidade de todos enquanto entes públicos dos processos quando se fala em prevenção de incêndio, em controle e cuidados. Nós ainda não aprendemos a criar um isolamento acústico adequado, respeitar as leis que vieram pós-Kiss e as lotações dos espaços, ou a organizar os serviços de urgência e emergência na cidade - afirma.

#### Projeto da UFSM ganha R\$ 1 milhão para implantação de Living Labs

Para ela, a Kiss representa um conjunto de pequenos erros de várias partes.

- Não foram 242 pessoas que morreram, foram muito mais, porque morreu a esperança, o sonho e a alegria de muitos pais e muitas famílias. Não foi um fato isolado, foi um conjunto de pequenas negligências. Foi aquela certeza cruel, que alguns têm, de que vai dar tudo certo, mesmo não fazendo tudo certo.

Ao afirmar que a dor da tragédia é imensurável e talvez nunca se cure, ela espera que o julgamento traga um alento para as mães, pais, familiares e amigos das vítimas.

- Não acredito na justiça dos homens. Eu sou católica e acredito na justiça divina, na justiça de Deus. A dor da Kiss nunca vai passar. A ferida sempre vai estar ali, mas eu espero que o julgamento ajude a colocar um curativo nesse machucado.

\* Colaborou Laura Gomes

## ANEXO G - MATÉRIA VII

série

### Relatos da Kiss: autor da foto que circulou pelo mundo lembra como foi cobrir a tragédia

27 Novembro 2013 19:49:00

Desde o início da semana, o Diário traz uma série com relatos de pessoas que fizeram parte da tragédia da boate Kiss. Nesta sexta-feira, o depoimento é do fotógrafo Germano Rorato



Foto: Germano Rorato (Arquivo Diário)

Imagem emblemática da tragédia que estampou a capa de diversos jornais do mundo

Desde a tragédia na boate Kiss, os santa-marienses guardam memórias que gostariam de nunca ter vivenciado. Pais, mães, amigos das vítimas, assim como sobreviventes e pessoas que trabalharam na noite do dia 27 de janeiro de 2013 ainda sofrem com a dor e a lembrança do incêndio, que, para muitos, ainda não teve fim.

Desde o início da semana, o Diário traz uma série com relatos de pessoas que fizeram parte da tragédia da boate Kiss. Nesta sexta-feira, o depoimento é do fotógrafo Germano Rorato. Ele trabalha como fotógrafo desde 1999 e entrou para o fotojornalismo em 2009. Hoje, ele é freelancer e reside em Florianópolis (SC).

Uma das fotos mais emblemáticas daquela madrugada foi feita por Germano, que, na época, era freelancer do Diário.

No dia 26 de janeiro, ele tinha trabalhado durante a noite na cobertura de um festival. Chegou em casa meia-noite, e, logo em seguida, por volta de 1h30min, recebeu a ligação de um amigo. Ele avisou Germano sobre um incêndio na boate Kiss.

- Como meus amigos sabiam que eu trabalhava no jornal, eles sempre me avisavam das ocorrências na cidade. Inicialmente, eu não levei muita fé. A gente nunca imagina que uma coisa da proporção que foi o incêndio da boate fosse acontecer. Mas, mesmo assim, eu liguei para o Fernando Ramos, que era o editor de fotografia (do Diário) na época, e avisei que recebi a ligação. O Fernando averiguou e mandou um carro me buscar.

- Logo que cheguei, eu tomei um susto porque tinha apenas um caminhão de bombeiros e muita gente correndo, chorando, gritando. Uma visão inesperada e assustadora. Fui fazendo os primeiros cliques na descida da rua. A foto, que estampou capas de jornais pelo mundo todo, fiz logo na chegada. Acho que ficou entre os primeiros 20 cliques.

Porém, foi somente quando ele chegou em frente à Kiss, que conseguiu entender a dimensão do que estava acontecendo. Nessa hora, Germano relata que já haviam muitas pessoas deitadas no chão. O fotógrafo não sabia identificar se as pessoas estavam com vida ou não. Diante da gravidade da situação, ele ligou novamente para o editor e falou que seria necessário mobilizar toda a equipe.

A partir daquele momento, a madrugada se estendeu e Germano permaneceu no local até o início da tarde, quando retiraram a última vítima da boate.

- Foi muito assustador. Algumas vezes tive que me afastar para pensar, tentar refletir sobre o que estava acontecendo e sobre a minha função dentro de tudo isso - relata.

No dia, também foi aberta a possibilidade do fotógrafo entrar dentro da boate. Porém, ele presenciou muitas pessoas tentando ajudar e falecendo depois. Para não colocar a saúde em risco e evitar que mais mortes acontecessem, Germano seguiu fazendo os registros na rua.



Foto: Arquivo Pessoal. Fotógrafo Germano Arata.

- Eu sempre tentei tomar um cuidado em mostrar na minha fotografia o que realmente estava acontecendo, mas sem expor as vítimas, com respeito aos familiares. Na Kiss, eu agi da mesma forma, mas uma hora eu fiquei confuso de qual era minha função ali, porque eu estava a trabalhar, mas via pessoas precisando de ajuda ao mesmo tempo. Eu tentei ajudar de alguma forma. Uma hora fui quase agredido por estar fotografando. Nesse momento, eu me afastei, parei pra conversar comigo mesmo e ver a minha real função. Cheguei numa conclusão que eu estava ali para executar meu trabalho da melhor forma possível.

#### COBERTURA CONTINUOU

Germano chegou em casa no início da tarde de 27 de janeiro. Tentou descansar, mas não conseguiu. Logo o celular começou a tocar em função da foto emblemática que ele estima ter registrado às 1h57min. Na época, Germano lembra que conseguiu contar 87 capas de jornais no mundo com a sua foto. Porém, ele lamenta que o reconhecimento do trabalho esteja ligado à Kiss.

- Fica um conflito, porque é uma ascensão profissional através de uma tragédia que vitimou 242 pessoas. De maneira alguma, eu gostaria de ter o meu crescimento profissional atrelado a uma tragédia. Por isso, eu sempre tentei ser o mais discreto possível, nunca usei as capas para crescer, em respeito a todas as vítimas. Até porque eu sou de Santa Maria, eu sofri junto com a cidade.



Germano decidiu continuar a cobertura no pós-incêndio. Para o fotógrafo, o dia foi tão pesado quanto a noite anterior pois ele fez a cobertura do reconhecimento dos corpos e dos velórios.

- É uma lembrança triste por tudo que essas famílias passaram. Foi uma das piores partes ver tantas pessoas sofrendo.

#### **PÓS-KISS**

Hoje, o fotógrafo reitera que o incêndio não pode ser esquecido e que o julgamento deve responsabilizar os culpados.

- Essa história não pode ser apagada. Providências e atitudes têm de ser tomadas para que isso não se repita e para que essas pessoas não sejam esquecidas.

## ANEXO H - MATÉRIA VIII

faltam 4 dias

### Réu do caso Kiss, Marcelo de Jesus dos Santos passa a maior parte do tempo em casa

27 Novembro 2021 09:00:00

Ele segurava o equipamento que começou o incêndio em 27 de janeiro de 2013

Leonardo Catto



Foto: Jean Pimentel (Arquivo/Diário)

Marcelo de Jesus dos Santos em audiência em Santa Maria no ano de 2015

A quatro dias para o começo do júri do caso Kiss, os quatro réus do processo adotam diferentes medidas diante da exposição. A reportagem do Diário tentou contato com as defesas de Elissandro Spohr (o Kiko), Mauro Hoffmann, sócios da boate, e Marcelo de Jesus e Luciano Bonilha Leão, integrante e roadie da banda Gurizada Fandangueira, que tocava na Kiss na madrugada do incêndio.

Marcelo foi orientado pela própria defesa a não se manifestar antes do júri, mas a advogada dele, Tatiana Borsa, concedeu entrevista. O ex-vocalista da banda que tocava na Kiss no momento do incêndio é acusado por ter segurado o equipamento que começou o incêndio. Aos 41 anos, ele vive na mesma casa, em Santa Maria, com a esposa e as duas filhas.



Além de músico, Marcelo atuava como azulejista. A profissão seguiu depois de janeiro de 2013. No ano passado, porém, contraiu Covid-19 em julho e ficou 30 dias internado. A condição respiratória, desde o incêndio, é comprometida devido à fumaça. Com a doença, ficou debilitado e manteve a fisioterapia até então. Marcelo diz que já tomou as duas doses da vacina contra a doença.

Segundo a advogada Tatiana Borsa, que o representa no caso atualmente, ele passa os dias em casa e sai apenas para ir à fisioterapia e compromissos médicos. Na residência, faz os serviços domésticos.

- Ele não andou mais no Calçadão de Santa Maria. Nunca mais foi. O Marcelo não sai sozinho. Nunca foi agredido ou ameaçado por alguém na rua. Pelo contrário, quando as pessoas reconhecem ele, uma mãe, inclusive, pediu para dar um abraço nele. Compreendem a posição dele de músico - conta a advogada.

A reportagem tentou contato diretamente com Marcelo. Ele disse que não daria entrevista por escolha e orientação da defesa. O réu contou, ainda, que concedeu uma entrevista no último mês, mas contrariado, e que quer focar só no processo. A postura é reforçada também pela procuradora do réu.

- Prestes a chegar ao júri, a gente tem se falado todos os dias. Mais de uma vez por dia. Na expectativa de acontecer esse júri. É só isso que ele quer. Ele me diz: "doutora, a minha vida parou" - relata Tatiana.

Além de Luciano, Marcelo é o único dos réus que permaneceu em Santa Maria. Apesar de evitar o contato com o "mundo externo", ele ainda mantém redes sociais. Conforme a advogada, o réu tenta se afastar, ainda que monitore alguns comentários de internautas sobre a tragédia:

- Ele se mantém mais afastado. Ele olha, mas evita. Agora, é uma sugestão que eu dei: "Se tiver que olhar, liga para mim". Ele não se vitimiza, mas sente a dor dos pais.

O que Marcelo relata à advogada é que já se sente sentenciado. Mesmo assim, ele torce para que o júri chegue logo.

- O Marcelo está com a expectativa de acabar isso. Para ele voltar a viver e ter uma vida. Ele diz: "As pessoas acham que, condenando, vai passar isso. Eu já estou condenado. Sempre vou ser o Marcelo da Kiss". Ele diz que dorme e acorda pensando nisso. Ele diz: "Eu estou morto. Entendo os pais porque eu sou pai". Ele diz que nem dorme, que só vai acabar quando acabar o júri - relata.

O argumento da defesa é semelhante ao dito pelos demais réus. Eles atribuem a responsabilidade aos órgãos públicos. Diferentemente do que disse Luciano, porém, a representante de Marcelo isenta os donos da boate:

- Eu acho que foi uma fatalidade. A maior responsabilidade é de quem está acusando. Quem está acusando devia estar no banco dos réus. O poder público devia ter impedido que a casa abrisse. É muito mais fácil acusar "os mais fracos", do que se responsabilizar. A casa não era para estar aberta. Tenho certeza que o Kiko (Elissandro) jamais queria que acontecesse essa tragédia. O Marcelo muito menos.

**O CASO**

Os quatro réus respondem por homicídio simples (242 vezes consumado, pelo número de mortos; e 636 vezes tentado, número de feridos). Inicialmente, o desaforamento (transferência de local) foi concedido a três dos quatro réus - Elissandro, Mauro e Marcelo. Luciano foi o único que não manifestou interesse na troca (o julgamento chegou a ser marcado em Santa Maria) mas, após o pedido do Ministério Público, o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (TJRS) determinou que ele se juntasse aos demais e os quatro fossem julgados na mesma data.

O julgamento foi transferido para a Capital por decisão da 1ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Estado. O júri inicia em 1º de dezembro, no Foro Central I.



## ANEXO I - MATÉRIA IX

faltam 4 dias

### 'De um dia para o outro eu virei um monstro', diz Elissandro Spohr

27 Novembro 2021 09:00:00

Sócio da boate Kiss falou pela primeira vez ao Diário desde o incêndio de 27 de janeiro de 2013

Leonardo Catto

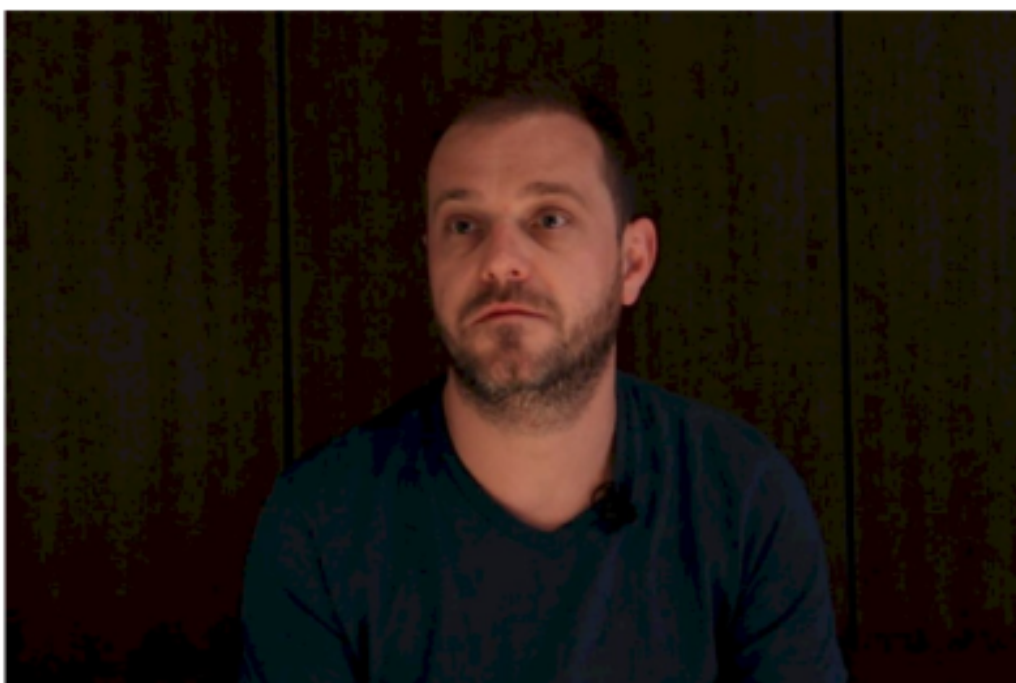


Foto: Studio Melies (Divulgação)

Elissandro Spohr falou apenas por texto via assessoria do advogado que o representa

A quatro dias para o começo do júri do caso Kiss, os quatro réus do processo adotam diferentes medidas diante da exposição. A reportagem do Diário tentou contato com as defesas de Elissandro Spohr (o Kiko), Mauro Hoffmann, sócios da boate, e Marcelo de Jesus e Luciano Bonilha Leão, integrante e roadie da banda Gurizada Fandangueira, que tocava na Kiss na madrugada do incêndio.

A assessoria do advogado Jader Marques, que representa Elissandro Spohr, condicionou a entrevista a que o texto fosse publicado sem alterações. Por e-mail o réu respondeu perguntas enviadas previamente. Esta é a primeira entrevista concedida por Elissandro ao Diário sobre o caso. Aos 38 anos, Elissandro, o Kiko, conta que sua rotina se resume em trabalhar, levar as filhas à escola e ficar em casa, em Porto Alegre, onde reside. Vacinado contra a Covid-19, ele trabalha com compra e venda de pneus e revela que segue afastado das redes sociais desde 2013.

A entrevista a seguir está na íntegra. Apenas foram acrescentadas informações, entre parênteses, para melhor compreensão de alguns fatos citados.

**Diário - Para o senhor, de quem é a culpa pelo incêndio?**

**Elissandro Spohr** - É preciso ficar muito claro que nunca fugi das minhas responsabilidades. Assim como não fugia das minhas obrigações antes do acontecimento. Eu era um empresário que confiava no poder público e honrava todas as guias de impostos. E da noite para o dia, passei a ser acusado de tirar a vida de muitas pessoas propositalmente. Pessoas que eram minhas amigas e por muito pouco eu mesmo, a minha mulher e a minha filha não morremos. Por que eu faria isso de propósito? Os pais de frequentadores menores de idade iam até a boate para saber como funcionava para os filhos assistirem aos shows. Além de sempre orientar que não poderiam entrar sem a presença de um responsável, nós mostramos todas as medidas de segurança: as luzes, os extintores, as reformas que nos mandaram fazer e especialmente todos os alvarás pendurados nas paredes. Aqueles papéis estavam ali para afirmar para mim e para meus clientes que a minha boate era segura. Por que antes do incêndio ninguém disse que a Kiss era perigosa? Por que os agentes públicos que entraram lá não avisaram? Por que recebi todos os alvarás? Por que o MP, que é a maior autoridade de controle, mandou fazer uma reforma que terminou numa tragédia? Quem deixou a Kiss funcionar tem culpa e deveria estar comigo lá no julgamento.

**Diário - O incêndio é a maior tragédia do Estado. Como é ser réu neste caso?**

**Elissandro** - É horrível. Eu não comprei a Kiss para matar ninguém. Até mesmo falar com o Diário de Santa Maria é estranho. Sempre dei entrevista para esse jornal para falar de empreendedorismo e de alegria. Agora preciso falar sobre essa situação dolorosa. Mas eu ainda sou o Kiko. Aquele cara que qualquer pessoa tinha o telefone para pedir ingresso. Aquele que todo mundo abraçava e chamava de amigo. Aquele jovem que antes era convidado e bem-vindo, mas que agora precisa montar um esquema de segurança para conseguir sair de casa. Ser réu, ser considerado um assassino, tudo isso é horrível. Especialmente porque eu tinha certeza que estava fazendo tudo certo. De um dia para o outro eu virei um monstro. Eu vivo o dia 27 de janeiro todos os dias. Faria o possível e o impossível para que nada daquilo tivesse acontecido. Santa Maria tinha lugares muito mais perigosos que a Kiss que ficaram abertos anos. Acredito que muita gente lembra da estrutura da boate do DCE. As pessoas faziam festa lá, mas nunca se sentiam seguras. Os frequentadores sempre comentavam sobre a falta de estrutura de escape e de iluminação adequada. O que aconteceu na Kiss foi um choque de realidade. Descobri que não se pode confiar no Poder Público e que é fundamental para um empresário desconfiar se está tudo certo de fato mesmo com todos os alvarás, mas eu soube disso da pior maneira. Desde o primeiro dia após o incêndio, estou disponível para dar todas as informações. Eu sempre assumi minhas responsabilidades e a minha culpa. Porque eu tenho responsabilidade sim, por ter acreditado na prefeitura, nos Bombeiros e especialmente no Ministério Público. Culpa por acreditar que um papel pendurado na parede e guias caríssimas pagas deviam o meu estabelecimento seguro para eu trabalhar e receber meus clientes, amigos e familiares. Eu não tive intenção de matar ninguém. Eu não comprei uma arma, eu comprei uma boate pronta, com todos os documentos e fui submetido a um TAC (termo de ajuste de conduta). A boate sofreu dois TACs. Com o antigo dono e comigo. Por que não fecharam? Porque tudo que eles mandavam era feito. Tudo. Exatamente tudo. Eles entravam pelas mesmas portas, com a mesma iluminação, com os mesmos extintores e me diziam: está tudo certo. Eu quero responder tudo que for da minha responsabilidade. Repito isso há quase nove anos. Mas quero saber qual a resposta que o poder público vai dar para a sociedade gaúcha além de escolher quatro culpados. Porque depois da Kiss, o Mercado Público de Porto Alegre pegou fogo. A Secretária Estadual de Segurança pegou fogo. O hospital federal Bonsucesso pegou fogo no Rio de Janeiro. O Museu Nacional pegou fogo. Um dos depósitos do Detran-RS acabou de incendiar esta semana. Entendo que muita gente quer se sentir

vingado, entendo mesmo. É a dor de quem perde. Mas o júri é sobre justiça e não haverá justiça se somente quatro pessoas forem culpadas por um erro cometido por muitas pessoas com cargos públicos e seus altos salários e mordomias. A mesma mão que abriu a porta da boate para funcionar, agora grita aos quatro ventos para me acusar. A sociedade precisa escolher se quer vingança ou justiça. Dia 1º estarei mais uma vez disposto a falar e assumir toda minha responsabilidade. E o promotor (Ricardo) Lozza? Vai aparecer?

**Nota da Redação** - A última resposta de Elissandro foi dada antes de o promotor de Justiça Ricardo Lozza confirmar a presença no júri. Ele foi convocado como testemunha justamente pelo advogado Jader Marques.

## ANEXO J - MATÉRIA X

faltam 4 dias

### 'Há quase nove anos, tento trazer minha verdade', diz Luciano Bonilha Leão

27 Novembro 2021 09:00:00

Rêu era roadie da banda que tocava na Kiss quando o incêndio começou em 27 de janeiro de 2013

Leonardo Catto



Foto: Pedro Piegas (Diário)

Luciano Bonilha Leão recebeu a reportagem do Diário no apartamento em que mora

A quatro dias para o começo do júri do caso Kiss, os quatro réus do processo adotam diferentes medidas diante da exposição. A reportagem do Diário tentou contato com as defesas de Elissandro Spohr (o Kiko), Mauro Hoffmann, sócios da boate, e Marcelo de Jesus e Luciano Bonilha Leão, integrante e roadie da banda Gurizada Fandangueira, que tocava na Kiss na madrugada do incêndio.

O único dos réus que queria ser julgado em Santa Maria ainda vive na cidade. Há quatro meses, ele mora em um apartamento no Bairro Nossa Senhora Medianeira. Desde o final de 2013, Luciano retomou o trabalho com eventos, principalmente sonorização.

- Tenho uma empresa de sonorização e trabalho para outras como freelancer. Comecei três meses antes de começar como roadie da banda (Gurizada Fandangueira). Fiquei um ano sem trabalhar, depois voltei. A primeira festa que toquei foi uma formatura de Direito. De surpresa, a primeira mesa



era com os delegados que tinham trabalhado no caso. Eu tive que ser forte para mostrar quem é o Luciano. E sigo. As pessoas me conhecem. Todo cidadão tem uma história, e a minha sempre foi de alguém que trabalha - conta.

Aos 43 anos, Luciano atravessou a pandemia com dificuldade de trabalhar, já que o setor de eventos foi afetado por restrições. Ele não teve Covid-19 e já tem o esquema vacinal completo. O produtor chegou a participar de protestos que pediram flexibilização das regras, porém, o comentário é breve, e retoma o assunto da Kiss:

- A pandemia foi complicada. Não pensei muito. Mas sofro com a situação da boate. Me deixa triste porque, há quase nove anos, tento trazer minha verdade.

A "minha verdade" para Luciano é que ele não teve intenção pelo que aconteceu. Seguidamente durante a entrevista, o produtor relembra como tinha respaldo nos trabalhos que fazia antes de 2013. Ele atuava como motoboy e enfatiza que mantinha confiança de contratantes.

Entre os quatro réus, é o único que não convocou testemunhas para o júri. Ele atribui isso aos representantes que o defendiam antes. Foi aí que ele rompeu com os advogados, e Jean Severo assumiu a representação.

O produtor diz não ter receio de viver em Santa Maria e que sofreu apenas uma represália desde o incêndio, em 2020.

- Eu não saí da minha casa para tirar a vida de ninguém. Não saí da Kiss para ser indiferente. Eu vivo em Santa Maria. O único lugar em que tive uma represália foi em 2020 em um shopping. Eu presto serviço para uma empresa todo Natal, e eles pediram que eu não fizesse o serviço lá, porque tinha pessoas que não achavam direito eu trabalhar lá. Mas, no geral, faço eventos em todos os lugares. E as pessoas me acolhem, no Calçadão, por toda Santa Maria - diz.

Os responsáveis, para ele, pelo incêndio em janeiro de 2013, não estão todos no processo como réus. Ele considera "negligentes" os donos da boate. E também atribui responsabilidade aos órgãos fiscalizadores:

- Não consigo entender uma boate a três quadras da prefeitura, bem visitada, não ter um extintor. Não tinha uma esponja adequada para isolamento acústico. Os órgãos públicos, por que não são responsáveis? O anseio da sociedade é esse, falta gente no banco dos réus - falou, fazendo referência à entrevista delegado Marcelo Arigony ao Diário, na última quarta-feira.

Prestes a sair para um trabalho, Luciano finaliza a entrevista mencionando a tristeza em ser réu de uma tragédia:

- Saí de casa, vi tudo aquilo. Pedi a Deus que me tirasse de dentro. Consegui me restaurar, ajudei a tirar pessoas. Eu não queria isso. Jamais entraria para botar a vida de qualquer um em jogo.

## ANEXO K - MATÉRIA XI

caso kiss



# Primeiro presidente da AVTSM fala ao Diário sobre lembranças e expectativa para o julgamento

29 Novembro 2021 09:00

Adherbal Ferreira conduziu a associação por dois anos e anseia por justiça, mas teme que ela não aconteça

Gabriela Peruffo e Jaiana Garcia



Foto: Pedro Piegas (Diário)

Com 8 anos de idade, Adherbal Alves Ferreira, caçula de seis filhos, mudou-se de Candelária para Santa Maria com a família. Filho de pais fotógrafos - o pai ensinou a mãe, que acabou repassando o conhecimento ao filho - considera-se santa-mariense. Hoje empresário, com 57 anos de idade, responsável por uma loja que começou como papelaria e é especializada em móveis de escritório, ele é pai de dois filhos: Jonathan e Jeneffer.

**Intervenção com 242 cruzeiros, caminhada e vigília em frente à boate marcam último ato antes de júri**

Jeneffer, aos 22 anos, foi uma das 242 vítimas da Kiss. Na época do incêndio, ela estudava Psicologia na UFSM e era braço direito dele no trabalho. Pouco após a tragédia, Adherbal acabou fazendo coisas que "nem imaginava", como o mesmo conta. Virou o primeiro presidente a partir da fundação

da Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM), cargo que ocupou durante dois anos, de 2013 a 2015.

#### **Especialista avalia a possibilidade de jurados virem até a boate durante o julgamento do Caso Kiss**

Foi nesse período que ele buscou a união das diferentes famílias, que tinham o luto em comum, como uma rede de apoio. Viajou e conheceu personagens de outros dois incêndios trágicos como o da Kiss, um na Argentina e outro nos Estados Unidos. Estudou leis, participou de debates sobre regras que poderiam exigir mais segurança dos locais, organizou homenagens, vigílias e cultos em memória das vítimas nas mais diferentes religiões. Foi acusado de usar o cargo por interesse político e, após dois anos, deixou o posto.

#### **Leia também:**

Sócio da Kiss, Mauro Hoffmann evita aparecer e dar entrevistas

'De um dia para o outro eu virei um monstro', diz Elissandro Spohr

Réu do caso Kiss, Marcelo de Jesus dos Santos passa a maior parte do tempo em casa

'Há quase nove anos, tento trazer minha verdade', diz Luciano Bonilha Leão

Na época, quem via Adherbal em alguma ocasião, sabia quem era ele: se não o reconhecesse pela própria fisionomia, a foto da filha, diariamente pregada ao lado esquerdo da camisa, era o cartão de visitas. A fotografia, prática que marca a vida de Adherbal desde a infância, foi uma das formas de perpetuar a memória de Jeneffer, que hoje teria 31 anos de idade.

O empresário relembra suas experiências nestes quase nove anos desde a tragédia, e também dosabafa sobre o júri, marcado para começar nesta quarta-feira. Ele pretende acompanhar o desdobramento - parte presencial e parte de Santa Maria - e anseia por justiça, mas teme que ela ainda não chegue. Hoje, se considera uma pessoa "que acha uma desculpa no trabalho". Evita ir a festas ou reuniões, exceto compromissos do serviço.

**Diário - Antes, o senhor era o Adherbal, um empresário que cuidava da loja. Depois da tragédia, o senhor passou a ser conhecido como o pai da Jeneffer, uma das vítimas. Como foi viver tudo isso e o que mudou na sua vida?**

**Adherbal** - Mudou muito a minha vida. Sempre fui conhecido como um profissional da minha área, e após isso, por incrível que pareça, minha parte comercial ficou bastante atrapalhada. Havia pessoas que concordavam com a gente (familiares da AVTSM), entendiam, mas tinha aqueles que rejeitavam, aí ficou difícil. Mas enquanto houve a associação, nunca fiz tantas viagens, compromissos e reuniões como naquele período em que fui presidente. Tinha colegas próximos, uns mais distantes, mas era um grupo grande que conseguíamos juntar nas reuniões e nas homenagens dos dias 27. O primeiro 27 posei na praça, a gente ficou em homenagem, e aquilo ali acabou se tornando um início das vigílias, que acabaram continuando. Também criamos o minuto do barulho, com palmas, até que dessas homenagens surgiu a tenda na Praça Saldanha Marinho. Mas foi um período muito agitado na minha vida, eu não conseguia ser presidente da associação e cuidar do meu negócio. Eram viagens, a questão judicial. Havia pessoas que diziam que eu queria ser político, houve fofocas demais, sofri bastante. A gente também enfrentou muita dificuldade, a negação das pessoas, que diziam que tínhamos que parar, mas eles não entendiam que tínhamos um objetivo: que a justiça fosse feita. Quem falava isso não sabia que, na verdade, desejávamos nunca ter passado por isso. Depois de dois



anos, resolvi sair. Fiz coisas que nunca imaginei, como andar de avião. Foram mais de 30 vezes. Também nunca tinha pensando em sair do país, e acabei indo aos Estados Unidos. Também fiz viagens ao Ministério da Saúde, para pedir auxílio para tratamento dos sobreviventes. Depois, ao Ministério da Justiça, buscar amparo, porque naquela época já tínhamos medo dos rumos do processo.

**Diário - Passados dois anos da associação, o senhor saiu da presidência e passou a acompanhar todos os desdobramentos?**

**Adherbal** - Eu fiquei um pouco afastado para poder digerir, porque foi muito intenso o período em que fui presidente, fizemos muitas homenagens, tentávamos não ter política no meio e nem uma só religião, por isso a gente organizava ora cultos, ora missas, diversificava para atender a todos. Hoje, acompanho um pouco mais de longe, mas agora, com mais intensidade, já que o júri está chegando, algo que tanto queríamos. Mas nunca deixei de acompanhar e saber o que estavam fazendo. A parte mais pesada, lógico, agora coube mais ao Flávio (Silva, presidente da AVTSM) que está à frente de tudo.

**Diário - O senhor pretende acompanhar o júri de alguma forma?**

**Adherbal** - Pretendo. Estou tentando ver um dia que eu tenha disponibilidade de poder ir até lá, mas ainda não sei como vai ser, como o "meu ou" vai estar na ocasião, porque é complicado chegar lá e ouvir o que não quer, e ao mesmo tempo não pode se manifestar. Será uma coisa complicada, não sei como eu agiria. Aquela vez que fui no Tribunal de Justiça, quando liberaram os réus, foi complicado, aquilo me levou a um estado emocional pesado. Uns dias após soltarem os réus, fui ao Tribunal e tentei cobrar dos desembargadores, não sei como tive coragem, mas fui lá e consegui conversar para saber por que fizeram aquilo. Hoje, a gente sabe, que sempre existe alguma coisa, um detalhe que pode livrar alguém na Justiça, mas pretendo ir um dia sim, até lá, tentar ver de perto. Não sei se um dia, dois dias, por causa do meu trabalho.

**Diário - E os outros dias, de longe, pretende acompanhar?**

**Adherbal** - Sim, eu vou acompanhar, na medida do possível, porque faço parte disso e também lutei por isso, para que acontecesse esse tão esperado júri. Vou fazer todo o possível participar, seja lá ou aqui.

**Diário - O senhor está pronto para qualquer desfecho, qualquer sentença?**

**Adherbal** - É difícil responder isso, mas sinto que vamos ter surpresa, talvez nem tão favorável, como a gente já imaginava. Muitos saíram fora (do processo), e permanecem esses quatro (réus), a gente sabe que entre eles as culpabilidades são diferentes, mas existe a responsabilidade. Não sei se vai ficar a contento. Sobre aguentar firme, no osso do peito, isso aí eu não sei responder ainda, mas todos nós, os pais, gostaríamos de ver a justiça formalizada. Pode ter abrandamento, temos que estar preparados para isso. Eu, como cristão e com a minha fé, estou me preparando, porque sei que também há outra justiça, diferente da dos homens.

**Diário - Na sua opinião, o senhor acha que teriam que ter mais pessoas no banco dos réus?**

**Adherbal** - Dentro de cada culpabilidade, sim, proporcional ao que fizeram. Teve mais pessoas com culpa, sim, dentro de desleixos de pessoas que deixaram de fazer coisas e que acabou acontecendo a tragédia. Muita gente ganhou com isso. Os principais estão lá, os quatro que de fato fizeram acontecer o incêndio, que sabiam que tinham algo inflamável, que algo poderia ter acontecido, mas teve mais gente que fez ou deixou de fazer coisas que contribuíram para essa tragédia.

**Diário - O senhor acredita que o júri tinha que ser em Santa Maria?**

**Adherbal** - Bem no começo, logo depois do incêndio, nos falavam que tínhamos de parar de organizar passeatas, porque poderia haver desaforamento. E no fim, houve o tal do desaforamento. Eu acho que teria que ser aqui, foi aqui a tragédia, as marcas estão aqui, o prédio está preservado para que isso fosse possível, existem muitas coisas presentes nesta cidade. Mas eles alegam que as



peças de Santa Maria estão todas envolvidas e não poderiam ser jurados. Mas então, por que não trazem os mesmos jurados de fora para cá? Eles viriam durante o júri, ninguém sabe quem são eles mesmo, e eles ficariam na cidade durante esse tempo. Muitas famílias não vão conseguir ir até Porto Alegre, é complicado, é muito tempo, muita despesa. Se fosse em Santa Maria, todos estariam presentes.

**Diário - Pouco depois da tragédia, o senhor matinha o quarto da sua filha e o visitava diariamente. Esse ritual permanece? Tem outra forma de manter a presença da Jeneffer em casa?**

**Adherbal** - Sim, o quarto dela está preservado. Algumas coisas a gente deu, mas essa emoção continua: todos dias eu olho o quarto dela. A gatinha que ela tinha, que ela me trouxe, vive até hoje. Essa mesma gatinha fica dentro de casa, assim como as outras gatinhas que ela tinha, que sempre entravam em casa e iam direto para o quarto dela, como se sentissem saudade. Eu não tive coragem de desmanchar o quarto dela, é um santuário pra mim. Às vezes entro, às vezes fico sentado na cama, vazia, mas tudo ainda é muito presente, uma dor que não se apaga. Eu acordava ela todas manhãs, ela saía comigo para o trabalho e depois ia para a faculdade. Até hoje, eu mantenho o meu ritual de olhar, de imaginar ela aqui. Às vezes, durante a noite, eu levanto e olho, deixo a porta aberta para imaginar ela lá dentro e lembrar quando eu ficava no escritório e ela ficava conversando comigo, tem vezes que eu imagino essa conversa. E eu acredito que ela ainda está presente. São três gatas dela que ainda moram com a família: a Protá, a Bebol e a Botina. A Botina até hoje faz uma festa quando me vê. Lembro que a Jeneffer estava na escola, há uns 15 anos. Ela me ligou e disse "pai, vem me buscar que eu tenho um presente". Fui buscá-la, e ela estava com uma caixa de sapato, com a gata, bem pequenininha dentro. Na hora perguntei o que faríamos, e ela disse "vamos levar para casa, é um presente". Levamos ela para casa. Foi a primeira, depois vieram os outros gatos.

**Diário - O senhor tem a lembrança dela quando criança?**

**Adherbal** - Volta e meia eu sonho com ela, até esses dias sonhei com ela e ela era criança no sonho, até postei essa história no Facebook, porque foi algo mágico. No sonho, passavam umas pessoas por um rio, e de repente passou uma pessoa pequena e parou na minha frente. Ela disse "oi, é a Jeneffer", e me abraçou. Eu senti o abraço físico dela, foi algo muito real. Fiquei bravo comigo mesmo por ter acordado, mas não esqueci desse sonho. Eu, como era fotógrafo, tirava muita fotos dela, e então eu lembro direitinho do sorriso, do joltinho dela, ainda é muito presente.

**Diário - Em entrevistas antigas, quando a tragédia completou dois anos, o senhor achava que o processo estava demorado. O julgamento será na véspera de fechar nove anos. Agora, o que o senhor considera justiça?**

**Adherbal** - Não consigo vislumbrar isso, mas, como disse, eu temo abrandamento de algumas coisas nesse meio. Acho que pode não ter prisão, e eu não sei se vai ficar a contento de todos. Mas não tenho uma opinião formada agora, preciso de mais tempo para digerir essas hipóteses. Tem, também, que não haja justiça de fato, como teria que ser. Vão colocar muitas cartas na mesa, a defesa vai procurar humanizar bastante os réus. Eles tinham um pensamento, na época, de entupir centenas de pessoas em uma boate sem condições, e naquela época não pensaram nisso. Quando acenderam o fogo, também ninguém pensou. Só pensaram na ganância ou no dinheiro, em nada mais. Não só os réus. Eles podem até estar arropendidos hoje, mas na época fizeram essas coisas. São 242 mortes nas costas. Tenho certeza que nunca nenhum familiar pensou em atos vingativos. Logo no início, você fica perdido, não sabe para onde ir, é natural, ficamos revoltados. Mas isso, foi um ato fofo e todos nós perdemos, e mexeu com milhares de pessoas. Essa justificativa tem que ser dada para sociedade, tem que haver uma resposta. Mas ainda não consigo expressar isso.

## ANEXO L - MATÉRIA XII

falta 1 dia

### Sem conseguir ir à Capital, sobrevivente acompanhará o júri do Caso Kiss em Santa Maria

30 Novembro 2021 17:00:00

Longo período de afastamento do trabalho e o alto custo de permanência em Porto Alegre foram alguns dos motivos que impediram Luiza e tantas outras pessoas de comparecerem ao julgamento

Arianne Lima



Foto: Eduardo Ramos (Diário)

Na manhã desta terça-feira, [uma excursão com 40 pessoas seguiu rumo à capital para acompanhar o júri do caso Kiss](#). O julgamento, que inicia a partir das 9h desta quarta-feira, não será assistido presencialmente por muitos familiares de vítimas e sobreviventes da tragédia. A médica veterinária, Luiza Bissacott Mathias, 28 anos, é uma das pessoas que não teve condições de se deslocar até o Foro Central I, em Porto Alegre. Mas, deve acompanhar o julgamento em Santa Maria.

[Ao lado do local do júri da kiss, familiares terão tenda de apoio](#)

Da sala do apartamento, no Bairro Nossa Senhora de Lourdes, ela comenta sobre a impossibilidade de abandonar o trabalho pelo período de 12 a 15 dias, tempo de estimativa que juristas e o próprio Tribunal de Justiça do Rio Grande de Sul preveem para a realização do júri. Além do tempo de permanência em outra cidade, os altos custos também foram um obstáculo.

- Assim como eu, muitas pessoas também não vão. Eu acredito que é mais por conta do financeiro, que acaba sendo muito caro - afirma.

#### EXPECTATIVA

Em 2013, Luiza era acadêmica do 3º semestre do curso de Medicina Veterinária na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A turma dela era uma das organizadoras do evento que ocorreu do dia 26 a 27 de janeiro na boate Kiss. Luiza, que faz parte dos 636 sobreviventes da tragédia, convive com a dor e a lembrança dos seis colegas de turma que morreram no local.

#### Tenda da Kiss ganha banner em branco para receber mensagens da comunidade

Integrante da Associação dos Familiares de Vitimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM), assim como do coletivo Exprecidade, a veterinária tem conversado com outros sobreviventes e familiares de vitimas sobre o júri. Segundo Luiza, depois de quase nove anos, o mínimo que todos os envolvidos esperam é justiça para que consigam ter um pouco de paz.

-O que eu espero desse julgamento é que tenhamos a condenação dos culpados e que eles não tenham uma pena branda. Na minha opinião, a justiça com por cento já não será feita, porque acredito que tenham mais pessoas culpadas, que deveriam ser responsabilizadas e não estão no julgamento. Mas, essas quatro pessoas que estão lá têm uma parcela de culpa. Que elas tenham uma condenação justa e com uma pena justa para um caso, que foi tão chocante e grave.

#### ONDE ACOMPANHAR

O primeiro dia do júri do Caso Kiss será transmitido por um telão na tenda da Associação dos Familiares de Vitimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM), na Praça Saldanha Marinho. Posteriormente, as transmissões passarão a ser realizadas no Clube Comercial.

Além desses locais, a TV Diário vai transmitir o júri ao vivo, com as imagens geradas pelo Tribunal de Justiça (TJ), a partir das 9h, horário em que está previsto o início dos trabalhos. A exceção é para esta quarta-feira. O ao vivo começa às 8h, com uma cobertura especial antes do início do júri. Os programas Jogo de Cintura, Sala de Debate e Jornal do Diário continuam sendo exibidos, mas com o olhar voltado para o júri. A Rádio CDN, assim como demais redes sociais do jornal, também devem realizar a cobertura do julgamento.

A TV Diário pode ser assistida pelos canais 26 e 526 da Net, ou pela internet, de forma gratuita, pelo link disponível [no site do Diário](#) ou pelo [Youtube do jornal](#). A Rádio CDN vai ao ar pelo dial 93,5 FM, mas também pode ser ouvida on-line, pelo link disponível no site do Diário. O [Facebook do Diário](#) também terá transmissões ao vivo, e o [Twitter \(@diariosm\)](#) vai acompanhar tudo em tempo real. Imagens do júri serão publicadas no [Instagram \(@diariosm\)](#). Todos os detalhes também serão publicados no site.



## ANEXO M - MATÉRIA XIII

júri da kiss



# VÍDEO: com homenagens, familiares e sobreviventes da Kiss embarcam para Porto Alegre

30 Novembro 2021 21:00:00 - Atualizado em 30 Novembro 2021 21:46:00

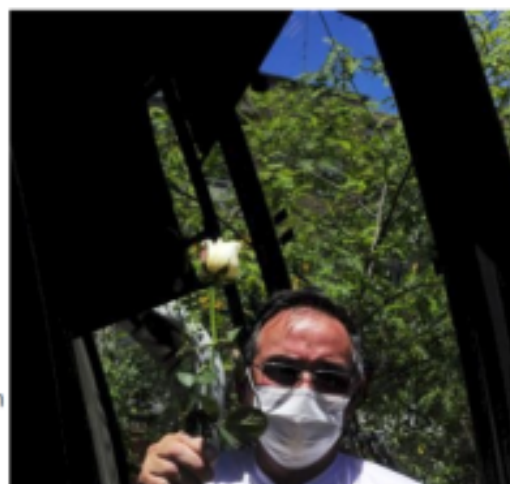
Grupo de 40 pessoas foi de ônibus para a Capital onde irá acompanhar o júri do caso

18 357



Foto: Eduardo Ramos (Especial)

Com o desejo de que a justiça seja feita, o presidente da Associação dos Familiares de Vitimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM) entrou no ônibus rumo a Porto Alegre, com outros cerca de 40 sobreviventes e familiares. Último a embarcar, Flávio Silva ainda olhou para trás, emocionado, ciente de que a próxima vez que pisará em Santa Maria terá, ao menos, uma resposta da Justiça sobre a madrugada de 27 de janeiro de 2013. Com um beijo na rosa branca que havia acabado de receber, Flávio agradeceu a todos que o apoiaram durante os últimos oito anos.



Balões brancos, abraços emocionados e gritos de justiça tomaram conta do centro de Santa Maria antes do embarque dos familiares e sobreviventes que se deslocaram até Porto Alegre para acompanhar o júri da Kiss. O grupo se reuniu em frente à Catedral, na Avenida Rio Branco, de onde partiu para a Capital na tarde desta terça-feira.



#### Tenda da Kiss ganha banner em branco para receber mensagens da comunidade

Entre os passageiros, os sentimentos se misturavam: havia os pedidos por justiça, mas também a dor de relebrar a madrugada fatídica de 27 de janeiro de 2013. Comum a todos é o desejo de que o caso, enfim, possa ter um desfecho.

- Enquanto não houver justiça, nossos corações não vão se acalmar. Eu espero um pouco de paz com a justiça. Está sendo uma tortura reviver tudo, um sofrimento grande. Volta tudo na cabeça o que aconteceu naquele dia. Minha vida toda está parada, espero que depois do julgamento a vida começa a andar de novo - desabafa Isabel Cristina Costa, mãe da vítima Evolin Costa Lopes, 20 anos.

#### DOAÇÕES

Com a ajuda de uma [vaquinha online](#), que já arrecadou mais de R\$ 40 mil, e de doações de entidades, quase todo o custo da estadia poderá ser coberto. O ônibus também foi cedido por uma empresa. Em Porto Alegre, as famílias ficarão em um hotel de trânsito do Exército ou em casas emprestadas. Almoço e janta também serão doados por empresas da Capital.

- O apoio que recebemos foi fundamental. Sem isso, não conseguiríamos ir. Foi uma mobilização bem positiva. Temos que acreditar que, agora, quase nove anos depois, vamos conseguir uma resposta do que aconteceu - destaca Ligiane Righi da Silva, mãe da vítima Andrielle Righi da Silva, 22 anos.

#### HOMENAGENS

A Planalto, empresa que cedeu um ônibus para levar o grupo até Porto Alegre, entregou uma rosa branca para cada um dos passageiros, em sinal de carinho. Antes de embarcar, os familiares e vítimas

se reuniram em frente ao veículo e soltaram balões brancos. Logo depois, palmas e gritos pedindo por justiça.

- Todo dia 27, nós soltamos balões brancos em homenagem a nossos filhos. Nesta data tão simbólica, que marca o início do que esperamos que seja a justiça, fazemos questão de soltar balões novamente para lembrar cada um dos jovens que se foi - discursou, emocionado, o presidente da AVTSM, Flávio Silva.

A prefeitura de Santa Maria providenciou uma ambulância, que acompanha os familiares durante todo o trajeto até Porto Alegre para eventuais atendimentos médicos necessários.